

MARCO AURELIO SCHAUMLOEFFEL

**Estudo da Interferência do Português da Variedade
Dialetal *Hunsrück* Falada em Boa Vista do Herval**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Estudos Lingüísticos, Curso de Pós-Graduação em Letras, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. José Luiz da Veiga
Mercer

CURITIBA

2003

**Aos meus pais Enia e João,
sem eles nada seria.**

**A Rosiane,
sem amor nada seria.**

**Ao meu irmão Mauro,
sem humor nada seríamos.**

**Aos meus amigos verdadeiros que estiveram ao meu lado
nas horas difíceis que a vida costuma nos dar para crescermos.**

Agradecimentos

- A toda a comunidade de Boa Vista do Herval, em especial aos entrevistados, a meus pais pelo apoio logístico e a todos que ajudaram a fornecer materiais para a realização do presente trabalho.
- Ao Professor Mercer, pela paciência e pelas lições.
- A Ciro Damke, pela simpatia e ensinamentos.
- A Virginia Sambaquy-Wallner, por colocar tantos subsídios à disposição.
- A Klaus Eggensperger, pelo incentivo em vários momentos.
- A todos os membros da banca, pela presteza e disposição em ajudar.
- A todos que de alguma forma colaboraram profissional ou pessoalmente para que este trabalho fosse realizado.

Deus está por cima da carne seca. Ele é mais do que
a criação da moral fantasiosa de qualquer igreja.

Wer die Wahrheit nicht weiß, der ist bloß ein Dummkopf. Aber wer
sie weiß und sie eine Lüge nennt, der ist ein Verbrecher.

B. Brecht em *Leben des Galilei*

*Todo es mentira en este mundo, todo es mentira la verdad,
todo es mentira yo me digo, todo es mentira por que será?*

Manu Chao na canção *Mentira...* em *Clandestino*, 1998.

*Ich fall durchs All und aus dem All gibt's keinen Ausweg,
denn das All ist überall.*

Stiller Has na canção *All-Has* em *Moudi*, 1996.

Resumo

Estudo da Interferência do Português na Variedade Dialetoal

***Hunsrück* Falada em Boa Vista do Herval**

O *Hunsrückisch* é falado pela comunidade bilíngüe de Boa Vista do Herval (BVH), localizada na microrregião da Encosta Inferior da Serra do Nordeste no Rio Grande do Sul e composta por descendentes de imigrantes alemães que vieram ao Brasil na segunda metade do Século XIX. O presente trabalho traça o perfil histórico e sociolingüístico da comunidade e tem como objetos principais a descrição de alguns aspectos do *Hunsrückisch* de BVH em seu estágio atual e os estudos do fenômeno do decalque, das interferências gramaticais e lexicais e semânticas do português na variedade *Hunsrückisch* falada em BVH. Além disso, procura-se estabelecer em quais estratos sociolingüísticos da comunidade há maior ou menor grau de variações e em que proporção fatores sociais ou econômicos podem influenciar a mudança de código, as interferências e os empréstimos, comuns em ilhas lingüísticas como a de BVH.

Abstract

Study of the Interference of Portuguese in the Variety of the Dialect

***Hunsrück* spoken in Boa Vista do Herval**

Hunsrückisch is spoken by the bilingual community of Boa Vista do Herval (BVH), situated in the mountainous region of the northeast of Rio Grande do Sul and composed by descendants of German immigrants who came to Brazil in the second half of the XIX Century. The present work draws the historic and sociolinguistic profile of the community and has as its main purposes the description of some aspects of the *Hunsrückisch* from BVH in its current stage, and the studies of the linguistic copy phenomenon, as well as the grammatical, lexical and semantic interferences of Portuguese in the variety of *Hunsrückisch* spoken in BVH. Furthermore, there is an attempt to establish the sociolinguistic stratification of the community in which there is a greater or smaller variation, and also in what proportion social or economic factors can influence the code switching, the interferences and the borrowing, common to linguistic islands such as BVH.

Sumário

RESUMO.....	IV
ABSTRACT	V
ÍNDICE DE MAPAS.....	VIII
ÍNDICE DE TABELAS	IX
ABREVIACÕES E TERMOS UTILIZADOS EM ALEMÃO	X
CONSIDERAÇÕES INICIAIS	1
1. INTRODUÇÃO	4
1.1. JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS.....	4
1.2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA. SITUAÇÃO ATUAL DA PESQUISA.....	5
1.3. BOA VISTA DO HERVAL (SPECKHOF). CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS E SÓCIO-CULTURAIS.....	15
1.3.1. <i>A comunidade</i>	15
1.3.2. <i>O dialeto Hunsrück</i>	29
2. REFERENCIAL TEÓRICO	34
2.1. BILINGÜISMO, <i>CODE-SWITCHING</i> , INTERFERÊNCIA, EMPRÉSTIMO, VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA	34
3. METODOLOGIA.....	46
3.1. SELEÇÃO DOS INFORMANTES	46
3.2. INSTRUMENTO DE COLETA E PROCEDIMENTOS DE ENTREVISTA.....	52
3.2.1. <i>Instrumento de coleta</i>	52
3.2.2. <i>Procedimentos de entrevista</i>	54
3.3 PROCEDIMENTOS DE TRANSCRIÇÃO	56
3.3.1. <i>Lista de símbolos utilizados e comentários sobre a transcrição do corpus</i>	58
3.4 NORMA DE REFERÊNCIA PARA O DBVH	61
4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	63
4.1. INTERFERÊNCIAS GRAMATICAIIS.....	66
4.1.1. <i>O gênero</i>	66
4.1.1.1. <i>Congruência de gênero</i>	71
4.1.2. <i>Os verbos</i>	71
4.1.3. <i>A preposição fon</i>	76
4.1.4. <i>A preposição ba/bai</i>	79
4.1.5. <i>A reflexividade</i>	82

4.1.6. Formação de plural.....	84
4.1.7. Alterações em vogais fracas postônicas de substantivos provenientes do português.....	91
4.1.7.1. Supressão da vogal fraca postônica.....	92
4.1.7.2. Substantivos com substituição da vogal fraca postônica.....	96
4.1.8. Interferências sintáticas	97
4.2. INTERFERÊNCIAS LEXICAIS E SEMÂNTICAS	101
4.2.1. Empréstimos lexicais plenos - substantivos	101
4.2.1.1. Área técnica/tecnológica e equipamentos	104
4.2.1.2. Profissões, área profissional.....	105
4.2.1.3. Vida em comunidade, dia-a-dia	105
4.2.1.4. Infraestrutura, instituições	107
4.2.1.5. Família, relações pessoais	107
4.2.1.6. Culinária, alimentos.....	108
4.2.1.7. Denominações topográficas e geográficas	109
4.2.2. Empréstimos lexicais puros - adjetivos	112
4.3. DECALQUE.....	113
CONCLUSÃO.....	120
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	124
ÍNDICE REMISSIVO.....	132
ANEXOS	135

ÍNDICE DE MAPAS

Mapa 1: O Município de Santa Maria do Herval dentro do RS..... 17

Mapa 2: O Município de Santa Maria do Herval..... 18

Mapa 3: A localização da comunidade de Boa Vista do Herval dentro do Município de
Santa Maria do Herval..... 19

Mapa 4: Região do Hunsrück na Alemanha 30

Mapa 5: Região do Hunsrück aproximada 31

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 : Divisão da população de BVH por ocupação	16
Tabela 2: Classificação dos informantes	49
Tabela 3: Classificação e distribuição dos informantes	50
Tabela 4: Classificação por faixa etária.....	50
Tabela 5: Classificação por sexo, religião e situação profissional.....	51
Tabela 6: Quantidade de verbos e substantivos emprestados do Pt	64
Tabela 7: Artigos definidos e indefinidos no DBVH	70
Tabela 8: Caso dativo no DBVH.....	76
Tabela 9: Tabela descritiva do funcionamento da preposição <i>ba/bai</i> no DBVH	79
Tabela 10: Os pronomes reflexivos no DBVH	83
Tabela 11: Formação de plural com o morfema <i>/-e/</i> no DBVH.....	86
Tabela 12: Formações de plural com o morfema <i>/-a/</i> , pela metafonial/ <i>Umlaut</i> ou morfema zero no DBVH	88
Tabela 13: Palavras que possuem equivalentes no DBVH	110

ABREVIACÕES E TERMOS UTILIZADOS EM ALEMÃO

- DBVH: dialeto de Boa Vista do Herval
- BVH: Boa Vista do Herval, ou o nome no DBVH “Speckhof”
- Pt: português
- EØØ: entrevistado número XX
- Hunsrück, Hunsrückisch: dialeto homônimo da região alemã de origem.
- Hochdeutsch: alto-alemão, alemão-padrão.
- RS: Rio Grande do Sul

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esta dissertação estuda a interferência do português no dialeto *Hunsrück* falado na pequena comunidade de Boa Vista do Herval (BVH), distante 6 km da sede do Município de Santa Maria do Herval, na encosta inferior da serra gaúcha, no nordeste do Rio Grande do Sul. A escolha deste objeto de estudo e desta comunidade não foi fruto do acaso: é minha terra natal. Já na infância, como “pesquisador *in natura*”, eu manifestava o espanto e a desconfiança ante o fato de que algumas palavras em duas línguas tão diferentes como o dialeto *Hunsrück* e o português, que convivem como sistemas paralelos na comunidade de BVH, poderiam ser idênticas ou, no mínimo, muito parecidas. Anos mais tarde, provido de conhecimentos específicos na área da Lingüística, pude estudar os fenômenos de interferência do português no dialeto *Hunsrück* de BVH e constatar que eles não ocorrem somente na área lexical, mas também no níveis gramatical, sintático e fonético.

Para poder estudar estes fenômenos, o presente trabalho foi estruturado em quatro capítulos. No primeiro capítulo, de introdução, apresento a justificativa detalhada para a realização do trabalho, a formulação de hipóteses para os possíveis fenômenos de interferência e os objetivos a serem alcançados. Dada a necessidade de estabelecer a situação atual dos estudos dos dialetos alemães no Rio Grande do Sul, dedico a segunda parte desse capítulo à revisão bibliográfica das pesquisas mais relevantes para o assunto específico em questão neste estudo. A revisão foi estruturada de forma cronológica, para que se evidencie a própria evolução das pesquisas. Com o objetivo de contextualizar a comunidade em estudo, numa terceira parte faço considerações históricas e sócio-culturais sobre BVH, apresentando aspectos importantes para a

melhor compreensão de como e onde ocorre o fenômeno do bilingüismo. Apesar de o foco principal estar no dialeto *Hunsrück* de BVH, também é fundamental entender o grau de disseminação do uso do português, já que este interfere naquele.

No segundo capítulo apresento o referencial teórico utilizado como lastro para as pesquisas realizadas. Nele são discutidos conceitos importantes como bilingüismo, *code-switching*, empréstimo e interferências fonológicas, gramaticais e léxico-semânticas.

Já no terceiro capítulo, exponho a metodologia da pesquisa. Além da explanação detalhada de como se deu a seleção dos informantes, com a apresentação dos critérios de escolha estabelecidos, também são apresentados os instrumentos de coleta, os procedimentos de entrevista e a forma de transcrição semi-interpretativa (HIAT), bem como sua aplicação específica no caso do *corpus* formado a partir do dialeto *Hunsrück* de BVH.

O quarto capítulo encerra a análise dos dados coletados, com o estabelecimento das ocorrências de interferência, a interpretação e a análise qualitativa das ocorrências nos campos lexical e semântico e gramatical. Nas interferências gramaticais foram enfocados o gênero dos substantivos, os verbos, duas preposições específicas que apresentam grande quantidade de ocorrência (*fon* e *ba/bai*), os pronomes reflexivos, as alterações em vogais fracas postônicas de substantivos, a formação de plural, as interferências de ordem sintática e as alterações de posição verbal causadas no dialeto *Hunsrück* pelo uso do português. Já nas interferências lexicais e semânticas o foco de estudos se dirigiu para os empréstimos lexicais puros enquanto adjetivos e substantivos. Nessa seção estudo ainda, em separado, o fenômeno do decalque, que engloba tanto interferências gramaticais quanto semânticas.

Após a conclusão das análises, são apresentados, em anexo, diversos materiais relevantes para esta dissertação, como artigos editados em jornais sobre BVH e sua condição de comunidade bilíngüe, um levantamento bibliográfico de obras editadas sobre o estudo das variantes do dialeto *Hunsrück* no estado do Rio Grande do Sul, as perguntas-gatilho, frases e palavras de controle utilizadas nas entrevistas, bem como, em meio digital, as transcrições e as gravações das entrevistas feitas com 36 moradores selecionados na comunidade de BVH.

1. INTRODUÇÃO

1.1. Justificativa e objetivos

Os dialetos alemães no sul do Brasil constituem um campo relativamente pouco explorado até o momento. Dessa forma, este estudo pretende contribuir para a ampliação do conhecimento empírico dos dialetos alemães no RS, através da descrição e da análise da interferência do Pt na variedade dialetal *Hunsrück* falada em BVH.

Alguns trabalhos concentram-se na descrição geral dos dialetos alemães falados no sul do Brasil, outros na simples elaboração de listas com vocábulos provenientes no Pt, usados nos dialetos, ou mesmo na apresentação de palavras de caráter pitoresco usadas no *Hunsrück*. Poucas obras conduzem o estudo sistemático de um dialeto de uma comunidade específica, baseado na coleta de dados, levando em conta que possa haver diferenças de várias naturezas de comunidade a comunidade. Grande parte dos trabalhos baseados nessas premissas restringem-se a descrever o funcionamento destes dialetos. Há alguns trabalhos que tratam da interferência do Pt nos dialetos alemães do sul do Brasil, geralmente restritos ao estudo da interferência lexical. Este estudo da interferência do Pt no DVBH pretende abordar não só a interferência lexical, mas também as gramaticais.

Quando vieram para o Brasil, os imigrantes alemães ficaram inicialmente isolados geograficamente do contato com comunidades que falassem o Pt. Logo surgiu a necessidade de adaptação ao novo meio e, com o passar do tempo, houve o contato com falantes do Pt, de forma que atualmente os habitantes de BVH estão inseridos em

um contexto bilíngüe¹, onde se fala tanto o DBVH e quanto o Pt. O contato das duas línguas e as conseqüências disto para o DBVH são o objeto deste estudo, procurando estabelecer e estudar a forma e a sistemática de ocorrência, bem como as dimensões das interferências do Pt no DBVH.

São objetivos específicos do presente trabalho:

- a) criar uma base de dados, um *corpus* documentado através de gravações digitalizadas e de transcrições do DBVH, uma vez que não existe até o presente momento algo semelhante, permitindo a eventuais interessados utilizá-lo em pesquisas futuras;
- b) estudo de interferências no uso dos artigos, verbos e preposições;
- c) estudo de interferência junto às terminações de substantivos e à formação de plural;
- d) exploração do campo de interferências do Pt nas esferas lexical e semântica;
- e) exploração do campo de interferências do Pt na esfera sintática.

1.2. Revisão bibliográfica. Situação atual da pesquisa.

A língua alemã no sul do Brasil é um campo até hoje pouco explorado pelos pesquisadores, embora os primeiros trabalhos já tenham sido realizados há um século, ou seja, pouco mais de cinquenta anos após a vinda dos primeiros imigrantes alemães ao sul do Brasil. Aqui serão feitas uma seleção e breves comentários dos trabalhos mais relevantes sobre a presença da língua alemã no sul do Brasil.

¹ Este termo será explicado posteriormente no capítulo dedicado ao referencial teórico.

Assim, data de 1905 um artigo de Lacmann publicado na revista *Zeitschrift des Allgemeinen Deutschen Vereins*², no qual ele aborda aspectos sociolingüísticos, afirmando, p. ex., que os dialetos alemães tendem a se preservar com mais facilidade em pequenas comunidades fechadas no interior, mostrando uma tendência forte de aculturação dos falantes nas cidades. A interação com um novo ambiente, instrumentos de trabalhos e objetos em geral desconhecidos, também teriam forçado a criação de um novo vocabulário, fazendo surgir tanto novas palavras dentro dos próprios dialetos, quanto exigido o empréstimo do Pt.

De forma bastante semelhante, também o antropólogo Willems (1946) estudou a aculturação. Willems, que elaborou uma lista de palavras emprestadas do Pt, aponta para fatos relevantes como a heterogeneidade cultural dos imigrantes, vindos de diferentes regiões, e sua convivência na região sul do Brasil.

Os estudos de Fausel (1959) estão certamente entre os mais usados como referência por trabalhos posteriores. Sua contribuição principal é no campo lexical, da interferência semântica do Pt no dialeto alemão falado no Rio Grande do Sul. Fausel trata o dialeto alemão no RS como objeto único, não relatando a existência de variedades do dialeto alemão no RS. Em sua obra *Die deutschbrasilianische Mischung*³, na qual há listas de palavras emprestadas do Pt⁴, tratou os dialetos do alemão no Rio Grande do Sul como *Deutschbrasilianische Sprachmischung*, ou seja, o resultado da fusão, da mistura (*Mischung*) de Pt e dialetos do alemão, uma *koinê* falada em todo o estado. Este conceito não é plausível, visto que o termo

² Neste capítulo foi utilizada, entre outros, a lista cronológica comentada em Sambaquy-Wallner, p. 7-12.

³ "A mistura teuto-brasileira".

⁴ Fausel classificou palavras resultantes de "mistura" em diversas áreas (instrumentos de trabalhos, pecuária, etc.).

Mischsprache/Sprachmischung (fusão) faz supor a existência de uma nova língua, uniforme, proveniente da mistura de dialetos do alemão com o Pt falados no Rio Grande do Sul. Não houve uma fusão, com conseqüente simplificação do léxico, da estrutura gramatical ou mesmo do sistema fonético. De outra parte, Fausel fez uma análise quantitativa das interferências no campo semântico, descrevendo-as sempre como simples fusão de dois dialetos⁵.

Já no ano de 1969 Bunse e Klassmann publicaram *Estudos de Dialetologia no Rio Grande do Sul (Problemas, Métodos, Resultados)*, que serviria de base para a elaboração de um atlas lingüístico e etnográfico da Região Sul⁶, o *ALERS – Atlas Lingüístico e Etnográfico da Região Sul*. Este estudo possibilitou uma visão diatópica dos dialetos alemães falados no estado, não aceitando a tese de Fausel, de que o alemão falado no RS constituiria uma única variedade, resultante da mistura com o Pt.

Registros escritos em alemão de jornais impressos no Brasil formaram o *corpus* do estudo *Studien zum deutsch-portugiesischen Sprachkontakt*⁷, de Baranow, realizado no ano de 1973, cujo foco principal foi a interferência lexical na língua escrita. A interferência gramatical também foi tratada, embora secundariamente. Baranow estabelece três aspectos principais da interferência em relação ao comportamento do usuário da língua: se ele é determinado por aquilo que é descrito (situação, objeto, etc.), pela economia de língua ou pelo aspecto funcional da comunicação⁸. Com base nisso, ele aponta como causa principal a economia de língua:

⁵ Utilizo aqui, nesta afirmação, o termo „dialeto“ conforme Chambers e Trudgill (1980): „*Dialect*, on other hand, refers to varieties which are grammatically (and perhaps lexically) as well as phonologically different from other varieties“ (p. 5).

⁶ Cf. Altenhofen (1996), p. 38 ss.

⁷ “Estudo do contato lingüístico entre o português e o alemão”.

⁸ Cf. Baranow (1973), p. 142.

“Als besonders schwerwiegend erweist sich im deutsch-portugiesischen Kontakt die sprachökonomische Lehnmotivation. Sprachökonomie und Kommunikation verbindet ihrerseits die Bezogenheit auf vorhandene bzw. werdende Gemeinsamkeiten in beiden Kontaktsprachen, Gemeinsamkeiten mittels deren ein sprachliches Zusammenrücken stattfindet.”⁹ (Baranow, 1973: 143)

Apesar disso, ele relativiza sua afirmação, dizendo que raramente uma causa sozinha pode ser convincente¹⁰.

Assim como Baranow, Pichl (*Morphosyntaktische Besonderheiten der deutschen Schriftsprache in Brasilien als Folge des deutsch-portugiesischen Sprachkontakts*¹¹, 1983) utilizou os registros de língua escrita como base, estudando as interferências morfosintáticas a partir de um corpus formado por textos selecionados de dois jornais brasileiros em alemão. O autor conclui¹² que há poucas transferências no campo morfosintático (nos morfemas), com exceção da formação de plural em “-s”; em contrapartida encontrou com maior frequência a substituição de morfemas gramaticais por morfemas análogos funcionais ou semânticos¹³ do Pt. Segundo Pichl, a regência é quantitativamente a mais produtiva, provocando interferências devido à diferenciação no alemão do uso de preposições e da utilização dos casos. Ele também analisou interferências na aplicação dos artigos (p. ex., o uso de artigo em nomes de firmas, quando isto não é comum em alemão¹⁴), dos pronomes reflexivos (p. ex., fazer do

⁹ “Grande peso mostra o aspecto da economia de língua nas causas de empréstimos no contato entre o Pt e o alemão. Economia de língua e comunicação unem as semelhanças existentes ou ainda em andamento em ambas as línguas, por meio das quais ocorre uma aproximação das duas línguas de contato.” Nota: aqui Baranow se refere, por exemplo, às semelhanças nos substantivos vindos do latim. No Pt são comumente usados, enquanto que no alemão geralmente só em linguagem técnica. Quem domina ambas passa a usar as semelhanças, mesmo que existam equivalentes de origem germânica que seriam mais adequados para determinadas situações de comunicação.

¹⁰ Cf. Baranow (1973), p. 143.

¹¹ „Particularidades da morfosintaxe do alemão escrito no Brasil como consequência do contato lingüístico com o português”.

¹² Aqui estão apenas citadas as principais conclusões, as que são revelantes para esta tese. Baseado em Pichl (1983), p. 315-318.

¹³ Pichl (1983), p. 49 explica que utiliza a noção de morfema e transferência descritas por Weinreich (1976, p. 50-52).

¹⁴ Cf. Pichl (1983), p. 146-147.

verbo *basieren* um reflexivo por decalque de *basear-se* em do Pt¹⁵), gerando reflexividade em verbos do alemão por analogia a reflexivos do Pt, e dos pronomes pessoais (p. ex., a ausência da repetição de sujeito em orações coordenadas no alemão¹⁶, já que no Pt sua marcação é opcional), que são eliminados em orações coordenadas por identificação de morfemas zero do Pt.

Na obra *Falares Alemães no Rio Grande do Sul*, Koch (1974) constata „que os diversos dialetos não se dissolveram em uma *koinê* teuto-rio-grandense uniforme, mas que, pelo contrário, persistem acentuadas variações regionais“¹⁷, também contrariando, assim como Bunse e Klassmann, as afirmações feitas por Fausel em 1959:

“Podemos, entretanto, afirmar, desde já, que os dialetos alemães não se dissolveram totalmente numa *koinê* teuto-rio-grandense uniforme e homogênea. O falar da população rural de origem germânica no Rio Grande do Sul apresenta fortes variações determinadas pelo grau de participação de diversos falares regionais alemães nesse processo de interação dialetal”. (Koch, 1974, p. 28)

A partir da geografia lingüística, baseada no *Deutscher Wortatlas* (Atlas Lingüístico da Alemanha), o autor reúne três estudos diferentes. O primeiro é *Contribuição para o Estudo dos Falares Alemães no Rio Grande do Sul*, no qual investiga, por meio da técnica de preenchimento de formulários enviados por correio, os falares teutos das chamadas *Velhas Colônias* sob o ponto de vista da geografia lingüística¹⁸, com o intuito de verificar se houve ou não um “nivelamento dos falares teuto-rio-grandenses”¹⁹. O método de Koch empregado para a investigação é questionável, já que usa o preenchimento de formulários por correio para constatar diferenças de fala, sendo difícil verificar se o registro escrito fornecido pelos informantes condiz com o que eles

¹⁵ Cf. Pich (1983), p. 135.

¹⁶ Cf. Pich (1983), p.175-176.

¹⁷ Koch (1974) p. 13.

¹⁸ Koch (1974) p. 13.

¹⁹ Koch (1974) p. 13.

efetivamente falam. Certamente gravações com o substantivo estudado (*Gurke* – “pepino” - e suas variantes²⁰) seriam o mais adequado. Além disso, Koch não fornece dados como idade, sexo, profissão e quantidade de informantes, relevantes para um estudo dessa natureza. O segundo estudo tem por título *Idioleto e Dialeto numa Colônia Vestfaliana*, em que examina a variação geográfica da ocorrência de um determinado termo e de sinônimos do dialeto falado na comunidade de Linha Clara (Município de Teutônia - RS), ao passo que no terceiro, *Notas Etnográfico-Lingüísticas sobre a Cana-de-Açúcar*, estuda a criação e o uso de terminologia de um campo semântico novo para os imigrantes alemães, já que estes não conheciam o cultivo da cana-de-açúcar, nem as técnicas e a industrialização por ela envolvidas. Koch conclui que, apesar dos imigrantes alemães estarem adotando uma técnica lusitana, criaram uma terminologia própria nas respectivas variedades do alemão, sendo que a transferência do Pt não ocorreu „no grau em que isso seria de se esperar”²¹.

Em *O Empréstimo Lingüístico: Um Estudo de Caso* (1983), Staub estudou o dialeto do *Hunsrück* falado na comunidade de São Martinho (SM), no noroeste do Rio Grande do Sul, descrevendo-o e interpretando-o sob aspectos sociolingüísticos. A análise concentra-se sobre o léxico, apesar da descrição contemplar também aspectos morfológicos e fonológicos. A obra analisou os empréstimos portugueses no *Hunsrückisch* de SM e descreveu-os “em termos de quantidade, de classes, de áreas semânticas e em termos de adaptações sofridas no dialeto receptor”²². Staub divide o *Hunsrückisch* de SM em duas variedades (A e B), considerando a primeira “elevada”, formal, falada pelas gerações antigas da comunidade e a segunda uma variedade

²⁰ Para maiores detalhes, ver Koch (1974), p. 15-31

²¹ Koch (1974), p. 14

²² Staub (1983), p. 12

baixa, “transmitida de pais a filhos, caracterizada pela fluência e rapidez, sem declinações e sem ortografia fixas, usada na comunicação diária²³”, da qual provêm os exemplos de empréstimos por ele estudados. Dessa forma, Staub aponta para uma situação de diglossia, o que parece contestável, como também iria apontar mais tarde Altenhofen, pois, certamente, se houvesse uma variedade A, “o Pt assumiria, cada vez mais, a função de uma variedade A em situações formais²⁴”.

Kahmann (*Interferência entre a Língua Portuguesa e um Dialeto Alemão*, 1987) fez um estudo sociolingüístico geral da interferência entre o Pt e o dialeto falado em Sinimbu – RS, baseado na técnica de questionários de Dorian²⁵, entrevistas e testes, por meio de uma bateria de palavras em alemão a serem ditas em Pt e vice-versa, “com o objetivo de analisar o grau de fluência dos informantes da comunidade²⁶”. A partir dos materiais colhidos, a autora elaborou um glossário ilustrativo da interferência entre o Pt e o dialeto falado naquela localidade, constatando interferência, entre outros, através de adaptações semânticas, de troca de classe ou categoria gramatical, do emprego da sinonímia e de perífrase, da associação fonológica e semântica, da omissão de artigo, da troca interna, das transferências morfossemântica, sintática, morfológica e fonológica, da utilização repetida de elemento coesivo e no uso de verbos. Ela conclui que o dialeto alemão é mais falado na comunidade do que a língua portuguesa, mas que “este conhecimento, meramente oral, vai aos poucos sofrendo influência do português²⁷”, fato que pode ser comprovado, segundo a autora, “através do maior grau

²³ Staub (1983), p. 51.

²⁴ „Außerdem übernimmt immer mehr das Ptg. die Funktion der Varietät A in formalen Situationen“. Altenhofen (1996: p. 45).

²⁵ Cf. Kahmann (1987: p. 60).

²⁶ Kahmann (1987: p. 18).

²⁷ Kahmann (1987: p. 126).

de transferências da língua portuguesa para o dialeto alemão”²⁸. Este trabalho é relevante por constatar diferentes ordens de interferência entre o Pt e o dialeto alemão da comunidade estudada e por fazer, no final, uma proposta didático-metodológica de educação bilíngüe, respeitando as características desta comunidade, já que há nela “uma utilidade social imeditada”²⁹ do aprendizado das duas línguas.

Um dos primeiros estudos a não ter como pretensão principal estudar a interferência lexical do Pt em um dialeto alemão do RS foi realizado na Alemanha por Sambaquy-Wallner em 1995 (*Das Deutsche in Rio Grande do Sul*³⁰). A autora estudou aspectos lingüísticos e sociolingüísticos do dialeto falado na comunidade de São José do Hortêncio - RS, dando ênfase às interferências morfossintáticas e à “mudança de código” (“Sprachwechsel”, “language shift”³¹). A análise enfocou a regência das preposições “für”, “in”, “auf” e “von”, os pronomes relativos e reflexivos e a congruência de número e de gênero. Sambaquy-Wallner conclui³² que os dois fatores estudados, a idade dos informantes e o fato de pertencerem a uma rede social aberta ou fechada, influenciam a competência e a utilização da língua. Informantes de mais idade falam com menos interferências e utilizam o câmbio de código como estratégia discursiva ou quando as regras da comunidade permitem. Já os mais jovens falam com maior interferência e utilizam o câmbio de código sem uma função comunicativa clara, estando mais abertos à cultura brasileira. Segunda a autora, todos os informantes de redes sociais abertas, em oposição aos de rede social fechada, utilizam, com maior freqüência, a interferência e o câmbio de código como forma de identificação de sua

²⁸ Kahmann (1987: p. 126).

²⁹ Kahmann (1987), p. 130.

³⁰ *O alemão no Rio Grande do Sul*.

³¹ Cf. Gal (1979).

³² Cf. Sambaquy-Wallner (1995: p. 111 ss.).

cultura mista, independente do fator idade. Apesar da autora dar ênfase às interferências gramaticais, ela ressalta que estas não podem estar dissociadas das interferências lexicais. O trabalho tem suma importância no estudo dos dialetos alemães no Rio Grande do Sul por sua abordagem pioneira no estudo das interferências do Pt, contradizendo estudiosos como Roche³³, segundo o qual havia inúmeras interferências lexicais sem, contudo, haver interferências gramaticais do Pt na “língua dos descendentes alemães no Rio Grande do Sul”³⁴.

Na extensa e relevante obra *Hunsrückisch in Rio Grande do Sul. Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen*³⁵, Cléo Vilson Altenhofen (1996) descreve, em forma de gramática, o vocalismo e o consonantismo do *Hunsrückisch* do RS. Além de estudar as características lingüísticas das regiões de partida (na Alemanha) e de foco (no Rio Grande do Sul), que foram enfeixadas em 74 mapas lingüísticos, o autor apresenta seu método de pesquisa empírica, oferecendo um “tratamento adequado do aspecto areal” (p. 347), já que os dados coletados em dez comunidades diferentes, em uma distância de leste a oeste de mais de 500 km mostram que não há uma homogeneização completa do *Hunsrückisch* do RS³⁶. Ele também dá grande importância ao tratamento da variação e dos empréstimos do Pt integrados ao *Hunsrückisch*. Altenhofen lamenta, devido à extensão da obra, não poder estudar o aspecto morfológico, mas sua contribuição para os estudos das interferências fonéticas e fonológicas do Pt nos dialetos alemães falados em 10 comunidades diferentes do RS são inestimáveis,

³³ Roche (1969) in Sambaquy-Wallner p. 28.

³⁴ Traduzido pelo autor, cf. Sambaquy-Wallner (1995) p. 28.

³⁵ “O dialeto Hunsrück no Rio Grande do Sul. Contribuição para a descrição de uma variedade dialetal em contato com o Português”.

³⁶ Cf. Altenhofen (1996) p. 347.

tornando-se uma referência obrigatória na descrição do *Hunsrückisch* do RS em contato com a língua portuguesa.

Ciro Damke (1997), em seu trabalho *Sprachgebrauch und Sprachkontakt in der deutschen Sprachinsel in Südbrasilien*³⁷, analisa e descreve, através de pesquisa sociolingüística, as variedades *Hunsrückisch* e o que ele chama de *Brasildeutsch*, utilizadas no cotidiano da pequena comunidade de agricultores de Linha Ipê, no Município de São Paulo das Missões, na região das Missões no RS. Com o estudo, Damke contesta a tese muito disseminada de que as línguas faladas em ilhas lingüísticas estão fadadas à gradual diminuição de competência e uso por parte dos falantes até o desaparecimento total, constatando que a variedade *Brasildeutsch* – fruto da interferência do Pt no *Hunsrückisch* – mostra-se “bem mais estável que outras línguas maternas em idênticas situações de línguas em contato”³⁸. O autor também estuda várias ocorrências de empréstimos lexicais, classificando-os em diversos campos (fauna, flora, agricultura, vida privada, ambientes comunitário ou social e público, técnica e modernização).

Estes três últimos trabalhos descritos representam a mais importante contribuição, nos últimos anos, para os estudos da interferência do Pt nos dialetos do alemão falados no sul do Brasil³⁹.

Outros estudos, de menor importância para os propósitos deste trabalho, foram feitos envolvendo o *Hochdeutsch* e seus vários dialetos falados no Brasil. No final desta tese,

³⁷ *Língua e contatos lingüísticos na ilha lingüística alemã no sul do Brasil.*

³⁸ Damke (1997), p. 319.

³⁹ Alguns outros estudos foram feitos nesta área, todos, evidentemente, têm sua importância, mas a breve descrição de obras tendo por tema o dialeto *Hunsrück* no Estado do Rio Grande do Sul se restringe às citadas aqui, por não ser objetivo específico arrolar e descrever minuciosamente todos os trabalhos realizados neste âmbito.

em anexo, há um levantamento bibliográfico dos títulos concernentes a esta área, encontrados ao longo das leituras.

1.3. Boa Vista do Herval (Speckhof). Considerações históricas e sócio-culturais

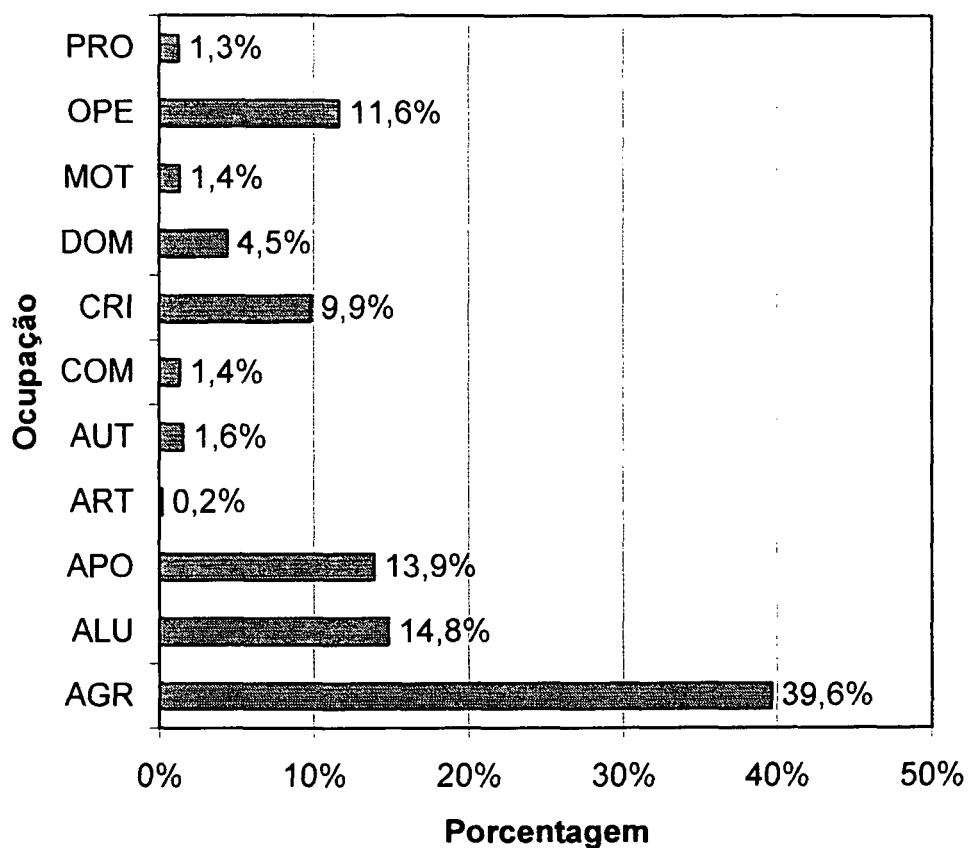
1.3.1. A comunidade

O povoado de Boa Vista do Herval está localizado na microrregião da Encosta Inferior da Serra do Nordeste do Rio Grande do Sul. Boa Vista do Herval, cujo primeiro nome foi Speckhof ([ʃpekʰof], ainda usado hoje no DBVH), é o primeiro distrito de Santa Maria do Herval, município distante 75 km da capital Porto Alegre, de 5.891 habitantes⁴⁰, emancipado de Dois Irmãos em 1988, que, por sua vez, se emancipara em 1959 de São Leopoldo, o berço da imigração alemã no Rio Grande do Sul.

Segundo dados fornecidos pela prefeitura municipal, Boa Vista do Herval conta hoje com 964 habitantes, sendo 506 do sexo masculino (52,49%) e 458 do sexo feminino (47,51%). A idade média da população é de 32,24 anos. Do total de 964 habitantes, 382 são agricultores (39,62%), 112 operários (11,62%), 43 domésticas (4,46%), 15 autônomos (1,56%), 13 motoristas (1,35%), 13 comerciantes (1,35%), 12 professores (1,25%), 2 artesãos (0,2%). Não há registro de desempregados. Enquanto que 143 crianças freqüentam escolas (14,83%), 95 ainda não estão em idade escolar (9,85%) e 134 pessoas estão aposentadas (13,91%). Assim temos a seguinte tabela:

⁴⁰ Segundo os dados do IBGE de 2000 no site <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>

Tabela 1 : Divisão da população de BVH por ocupação



Legenda: AGR = agricultores, ALU = alunos, APO = aposentados, ART = artesãos, AUT = autônomos, COM = comerciantes, CRI = crianças em idade não-escolar, DOM = domésticas, MOT = motoristas, OPE = operários, PRO = professores.

O grau de escolaridade da comunidade revela que a grande maioria não teve acesso a mais de 5 anos de estudo, já que até o ano de 1997 a escola local apenas oferecia estudos até a 5.^a série, sendo necessário um deslocamento para a sede do município para poder concluir o ensino fundamental e o médio. Entre os adultos e idosos, 670

cursaram até, no máximo, a 5ª. série (85,89%), 94 até a 8ª. (12,05%), 12 concluíram o Ensino Médio (1,54%) e 4 fizeram estudos de ensino superior (0,52%)⁴¹.

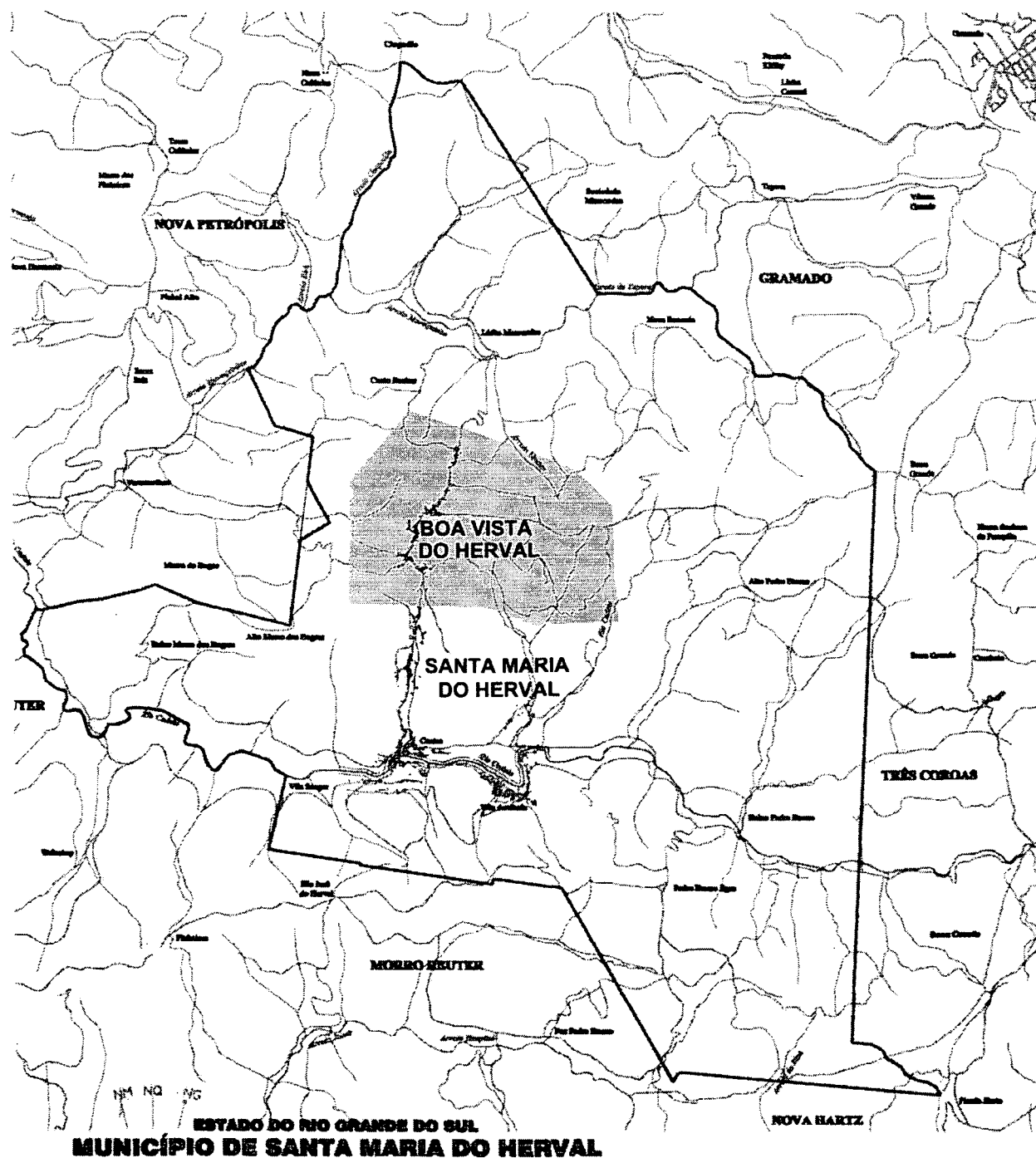
Mapa 1: O Município de Santa Maria do Herval dentro do RS⁴²



⁴¹ Os dados sobre escolaridade revelam discrepâncias, pois provavelmente foram incluídos nas estatísticas parte dos alunos que ainda freqüentam a escola. Também não há dados oficiais sobre o analfabetismo especificamente na comunidade de BVH. Poucas pessoas não freqüentaram a escola, todas de maior idade. Não há analfabetos entre pessoas com menos de 50 anos de idade.

⁴² Fonte: site da PROCERGS. <http://geosist.procergs.com.br/geosist/index.php>

Mapa 3: A localização da comunidade de Boa Vista do Herval dentro do Município de Santa Maria do Herval⁴⁴



⁴⁴ Fonte: Prefeitura Municipal de Santa Maria do Herval-RS. Inserção dos limites aproximados de Boa Vista do Herval feita por Mauro Raul Schaumloeffel.

Em 25 de julho de 1824 a primeira leva de imigrantes alemães chegava a São Leopoldo, através do Rio dos Sinos⁴⁵. Este movimento de imigração permaneceu forte, com certos intervalos, até o final do século XIX. De São Leopoldo espalharam-se por toda a chamada *Velha Colônia*, composta pelas regiões do Vale do Sinos e do delta do Jacuí. Através do incentivo do governo da época, com a intermediação da Imperatriz Dona Leopoldina, os imigrantes recebiam uma colônia de terras virgens (50 hectares). O principal objetivo político era a ocupação definitiva do Estado do Rio Grande do Sul, que sempre fora objeto de disputa entre Portugal e Espanha.

A principal causa da saída dos imigrantes do Velho Continente foi a situação sócio-econômica desfavorável. A maioria deles era composta de agricultores que não mais conseguiam subsistir. A fome assolava a região do *Hunsrück*; a pobreza do solo não permitia a fartura das colheitas. Além disso, havia guerras freqüentes naquela região. A oferta do governo brasileiro veio a calhar. A promessa de terras e apoio para a instalação da infra-estrutura necessária levou muitos à aventura de tentar a vida em terras desconhecidas. Chegando aqui, a nova realidade revelou-se diferente: somente havia à disposição a colônia de terras, coberta por mata virgem. Todo o resto coube à iniciativa e esforço próprios. A abertura de estradas - inicialmente eram apenas picadas no meio da mata - e a construção de escolas, igrejas e da casa ficou por conta dos imigrantes, que inicialmente nem sequer dispunham das ferramentas necessárias para tal empreendimento.

Muitas vezes não é possível determinar a origem exata dos imigrantes alemães. Entre muitos descendentes estabeleceu-se a idéia de que todos são *Hunsrücker*, fato

⁴⁵ Damke (1997, p. 5 – 32) faz uma análise detalhada da imigração alemã inserida no contexto nacional, oferecendo uma visão mais ampla.

contradito por estudiosos. Emigraram para o RS descendentes de pomeranos, vestfalianos, da região norte da Alemanha (hamburgueses, do Holstein e de Mecklenburg), saxões, de Hessen, alemães do sul, sobretudo da região do *Hunsrück*, do Palatinado, da Alsácia (hoje França), Silésia, Boêmia, Luxemburgo, Renânia, Suíça, Áustria, alemães da Romênia e alemães russos da região do Volga⁴⁶. Estes últimos geralmente permaneceram em comunidades isoladas, como a dos menonitas no interior de Bagé (RS). A grande maioria dos imigrantes era, realmente, do *Hunsrück*, embora o primeiro grupo tenha vindo só em 1827⁴⁷. Pelo fato dos *Hunsrücker* formarem a maioria, este dialeto se tornou uma espécie de língua franca entre os descendentes de alemães no RS. Segundo Damke⁴⁸, o *Hunsrück* do RS é uma espécie de *koiné* dos dialetos alemães no Brasil. Este conceito merecerá maior atenção mais adiante, já que também Koch (1974) e Bunse (1983) têm esta opinião, sendo necessária uma reflexão mais aprofundada sobre esta afirmação.

Não há registros precisos sobre a chegada das primeiras famílias a Boa Vista do Herval. Sabe-se, porém, que a fundação das comunidades católica e evangélica deu-se no final do século XIX, o que provavelmente significa que a localidade também surgiu nessa época, pois foi praxe entre os imigrantes alemães construir, em primeiro lugar, mesmo antes das próprias residências, as igrejas e as escolas, que muitas vezes funcionavam sob o mesmo teto. Pelas entrevistas feitas com as pessoas mais idosas da comunidade, pode-se supor que o lugar foi fundado há aproximadamente 155 anos, ou seja, três décadas depois de iniciado o processo imigratório de alemães ao Estado do Rio Grande do Sul. O professor Benno Knorst, em seu livro *História de Santa Maria*

⁴⁶ Cf. descrito em Staub (1983: p. 16) e Damke (1997: p. 23-24).

⁴⁷ Cf. Grothe (1936) in Damke (1997: p. 23).

⁴⁸ Damke (1997: p. 23).

do Herval afirma que “o seu povoamento (de BVH) começou em 1870”⁴⁹. No cemitério evangélico, o primeiro sepultamento se deu em 1898⁵⁰. Este, porém, é o segundo cemitério da comunidade. O primeiro, situado na localidade hoje denominada Vila Ferraria, está desativado⁵¹. Sabe-se sua localização exata, mas as pedras dos sepulcros (pedras arenosas, do tipo grês) ou sumiram ou estão com as inscrições ilegíveis devido à fragilidade deste tipo de material. O documento *Die ersten katolischen Bewohner des hintern Teewald* (ver anexos), confirma a vinda dos primeiros imigrantes católicos a Santa Maria do Herval (localidade situada a 6 km de Boa Vista do Herval) em 1854. O documento, datado de 1928, traz o seguinte relato:

“Vor 74 Jahren lag der hintere Teewald noch im Schatten des Urwaldes. Mächtige Riesentannen ragten zum Himmel empor, besonders wuchs im Wald der Teebaum, von dem die ganze Gegend ihren Namen erhielt. Bis dahin hatte noch kein Kolonist einen Fuß über den Rio Cadea getan, nur Bugar machten die Gegend zuweilen noch unsicher. Da kamen im Jahre 1854 eine Anzahl deutsche Einwanderer, alle vom Rhein und von der Mosel stammend, nach Rio Grande do Sul in die deutsche Kolonie S. Leopoldo. Da der Kaiser jedem Einwanderer eine Kolonie schenkte, mußte jeder dahin gehen, wo ihn das Los traf. So kamen die 9 oben aufgezählten Einwanderer in die frisch angelegte Pikade Teewald”⁵². (Der Familienfreund-Kalender, p. 69)

Não está documentada a origem do nome Speckhof⁵³, ainda hoje o nome da comunidade no dialeto por ela utilizado. Apesar disto, existe apenas uma explicação de

⁴⁹ Knorst (2003: p. 132).

⁵⁰ Os primeiros sepultamentos neste cemitério foram: Christian Haubert (nasc. 06.07.1872 e falec. 05.11.1898), Carl Gräßler (nasc. 06.05.1838 e falec. 14.07.1899) e Peter Schaumlöffel (nasc. 16.08.1878 e falec. 16.04.1900).

⁵¹ Knorst (2003: p. 137) afirma que “a primeira sepultura do cemitério data de 1885”, dado não encontrado pelo autor deste estudo.

⁵² “Há 74 anos Herval ficava às sombras da mata virgem. Enormes araucárias alcançavam o céu. Na mata crescia principalmente a árvore de erva-mate, da qual toda a região herdou o nome. Até aquele momento nenhum imigrante havia posto o pé além do rio Cadeia, somente bugres deixavam a região ainda insegura. Aí no ano de 1854 uma leva de imigrantes veio da região dos rios Reno e Mosela para a Colônia Alemã de São Leopoldo. Como o Imperador doasse a cada imigrante uma colônia de terras, cada um tinha de ir para o local que lhe cabia por sorteio. Assim vieram os 9 imigrantes citados acima para a picada do Herval recém-aberta”.

⁵³ No *Jahrbuch der Familie* de 1931 na página 81 lê-se o seguinte em relação ao nome *Speckhof*: “Den Hintergrund bilden die bewaldeten Höhen vom *Speckhof*, wie man in dem Kolonistendeutsch das hochgelegene Boa Vista do Herval zu nennen pflegt”. Tradução: “O fundo (da paisagem de Santa Maria

conhecimento de todos os moradores: uma das primeiras famílias a fixar-se no local chamava-se *Hof*. Dizem as pessoas mais idosas, que, por sua vez, ouviram esta história de seus pais e avós, que a família *Hof* vendia produtos da suinocultura, entre eles banha e toucinho - *Speck* em alemão. Os produtos eram vendidos a pessoas que estavam de passagem pelo local - imigrantes em trânsito, a caminho do Vale dos Sinos ou que pretendiam embrenhar-se ainda mais na serra. Como a família *Hof* era um ponto de referência e de prováveis paradas para descansar, ia-se ao *Speckhof*. Esta é a explicação existente para o nome do local. É de crer que seja correta⁵⁴. No relato do entrevistado E20 há, porém, uma outra história plausível para a origem do nome *Hof*.

"E20 - jo (.) ia das is *speckhof* do het enne dounne unich de fels gewohnt dat (.) un (...) doiowe uf'm bérich do het so'n (.) wie seht ma do (.) do wea so'n daitschlénna gewescht un de het dann schwain getsoh un het flaisch so gehat (.) un dann were die fon unne were se ruff gann uf de hof kóhfe"⁵⁵

Esclarecer o nome Boa Vista do Herval é bastante simples. As comunidades desta região estão cercadas por uma serra coberta por florestas virgens, provavelmente pela dificuldade de acesso, representada pelos peraus muito íngremes, o que impossibilitou a extração de madeira e sua conseqüente destruição. Estas matas são constituídas predominantemente por araucárias e congonhas (*Ilex Paraguariensis*, a erva-mate). As localidades de Santa Maria do Herval⁵⁶, Boa Vista do Herval e São José do Herval⁵⁷

do Herval) é composto pelas florestas das colinas de *Speckhof*, como se costuma chamar no alemão dos colonos a localidade a Boa Vista do Herval, comunidade situada em cima dos morros".

⁵⁴ Knorst (2003, p. 132) também confirma esta explicação: "... provém do fato de que todos iam comprar *Schpeck* (toucinho) no comerciante *Hoff*" (grafias para os nomes em alemão utilizadas dessa forma pelo autor).

⁵⁵ "Sim, isso é *speckhof*. Dizem que havia um morador lá embaixo depois das rochas e aqui em cima no morro morava um, - como se diz? - havia um alemão que criava porcos e tinha carne e os lá debaixo vinham aqui para cima no pátio (*hof*) dele comprar".

⁵⁶ Denominada no DBVH de *Teewald* - *Tee* = chá, erva-mate; *Wald* = mata, floresta.

formam o que denominamos de *Serra do Herval*. São José e Santa Maria receberam estes nomes devido à religião católica, praticada pela maioria quase absoluta da população dessas localidades. Boa Vista, por sua vez, conta com duas igrejas, a evangélica protestante luterana e a católica. A população é composta por cerca de 40% de protestantes (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil) e 60% de católicos. “É a localidade central e mais povoada da interior do município. Sua altitude média passa de 700m”⁵⁸. O nome explica-se pela ampla visão, de 360°, que se tem do morro mais alto da localidade.

A religião foi um fator de distanciamento entre comunidades de credos diferentes. Casamentos entre pessoas de religiões diferentes não eram aprovados e, muitas vezes, também não autorizados pelas famílias; a igreja só admitia a união se o cônjuge de outro credo mudasse de religião. Problemas surgiam entre as diferentes comunidades religiosas em função disso. Boa Vista do Herval é dividida por dois altos morros, de sorte que, quando fundadas, as comunidades evangélica e católica estavam separadas, cada uma de um lado do morro. Com o crescimento das últimas décadas, percebe-se que não há mais essa separação. As famílias católicas e evangélicas estão espalhadas por todo o território da localidade. Para isso influenciou não só o fator geográfico mas também a mudança na forma de pensar dos habitantes do local. Percebe-se que desmerecer a crença de outros membros da comunidade não é um princípio pregado nem pela igreja católica nem pela evangélica luterana. Antigamente não havia a

⁵⁷ No dialeto alemão chamada de *Enfaschnehts* - origem provável das palavras *enfach* “simples” e *schnehts* “picada”; São José do Herval é uma longa serra - chamada de *lange wald* (literalmente *mata longa*), pela qual foi aberta uma extensa picada que formou o primeiro caminho vindo do Vale dos Sinos.

⁵⁸ Knorst (2003), p. 132, além disso, complementa: “Foi sede do 8º Distrito de São Leopoldo até 1949, onde funcionava a Sub-Prefeitura e Sub-Delegacia, sendo que no porão colocavam os infratores da lei. O Sub-Prefeito mais lembrado pelos antigos foi o Sr. Apolônio Costa, famoso em discriminar os descendentes alemães que não falavam a língua portuguesa”.

possibilidade de realização de cultos ecumênicos ou de celebração de festas em conjunto. Hoje esta prática é rotineira. A presença de um padre na igreja evangélica ou de um pastor na católica tornou-se comum em domingos festivos. O fator religião não é mais um entrave na vida da comunidade. Apesar disso, há algumas pessoas mais idosas e conservadoras que ainda reprovam o casamento entre jovens de religiões diferentes ou exigem que o noivo ou a noiva (mais freqüentemente) troque de credo.

A população ainda hoje é basicamente constituída de descendentes de imigrantes alemães. Aos poucos vieram pessoas de outras comunidades próximas que também falam o mesmo dialeto e, nas duas últimas décadas, também alguns habitantes que não sabem falar o DBVH. Estes vieram de comunidades mais distantes, da cidade para o campo ou de outros estados. Dois motivos são determinantes para vinda de pessoas que não dominam o alemão: o casamento ou interesses profissionais.

Speckhof foi por muito tempo, conforme relatos dos próprios entrevistados, uma comunidade isolada, assim como várias comunidades lingüísticas do interior do Rio Grande do Sul. A geografia desenhou este isolamento. Encravado no meio da serra, o local até hoje não possui ligação asfáltica, apesar de estar apenas a 25 km de Gramado e a 80 km de Porto Alegre. No início, o contato com comunidades vizinhas e centros maiores dava-se por meio de picadas abertas na mata. Os meios de transporte mais utilizados então eram a carreta de bois e o cavalo. As pessoas mais idosas ainda lembram de viagens de dois dias até a cidade de Sapiranga, para onde alguns colonos-comerciantes levavam a produção agrícola. Até três décadas atrás, as estradas estavam em condições deploráveis, quase intransitáveis no inverno chuvoso. Agora há

um projeto de asfaltamento⁵⁹. Certamente a maior das reivindicações históricas da comunidade também será um marco a ser levado em consideração nos futuros estudos, pois o trânsito mais intenso de pessoal e o contato maior com o Pt terão conseqüências no perfil lingüístico da comunidade.

O dia 10 de julho de 1959 é até hoje lembrado pelos mais idosos como o dia da instalação da energia elétrica no povoado⁶⁰. Por volta de 1965, surgiu a televisão na comunidade, que certamente pode ser considerada um dos fatores que influenciaram o dialeto alemão e o português falados na comunidade. Cerca de 15 anos mais tarde, no início da década de 80, foi instalado no Município o primeiro telefone via central telefônica operada por telefonista, sendo que em BVH havia um ramal à disposição da população; só em 1995, implantou-se o telefone automático de discagem direta. Esses fatos são de importância para entendermos como esta comunidade – e, de resto, boa parte do interior de Rio Grande do Sul - preservou suas raízes européias e os respectivos idiomas. As pessoas mais idosas apenas entendem o português ou sabem o vocabulário básico para ir ao banco, supermercado, médico ou prefeitura.

Por volta de 1942, como relata um informante (E09), houve a proibição do alemão por parte das autoridades brasileiras, por ocasião da Segunda Guerra Mundial⁶¹. Era proibido utilizar a língua alemã (e todos os seus dialetos) em esferas públicas. De maneira alguma esta medida influenciou decisivamente o comportamento lingüístico da

⁵⁹ Este projeto foi iniciado e em seguida abandonado duas vezes durante a execução, por falta de recursos por parte do Governo Estadual. Aprovado pelo sistema de orçamento participativo, passou a ser executado definitivamente em 2001-2002.

⁶⁰ Informação fornecida pelo entrevistado Arnildo Studt por ocasião do 44º. aniversário do acontecimento.

⁶¹ Os descendentes dos imigrantes vindos por volta de 1850, como é o caso de Speckhof, muitas vezes não têm a menor noção das barbáries da Segunda Guerra Mundial. O isolamento e a falta de contato com a nação de origem criam uma imagem distorcida da guerra. Muitos sequer fazem idéia do que efetivamente ocorreu.

comunidade; apesar de oficialmente proibido, o DBVH continuou a ser falado por todos⁶².

Pelo que se conseguiu apurar, ninguém foi perseguido ou preso pelo fato de não saber o português nesta comunidade. Em comunidades vizinhas há relatos de protestantes que enterraram suas bíblias em alemão ou mesmo de um senhor que teve o seu rádio de ondas curtas confiscado pelo superintendente.

Apesar das características de comunidade tradicional e fechada, gradualmente passou a processar-se uma abertura. Há mais de duas décadas deixou de ser problema casar com alguém que seja de fora da comunidade ou que não fale alemão. A televisão e o rádio estão em todos os lares. Além disso, há linhas diárias de ônibus para as cidades do Vale do Sinos e para Gramado. As duas fábricas de calçados e o frigorífico estabelecidos no local permitem o contato intenso de uma parcela da população com outras comunidades e com centros urbanos, devido à necessidade de troca de produtos manufaturados e industrializados.

Hoje a maioria possui um automóvel, o que facilita a locomoção. Nos finais-de-semana há festas por toda parte. Os habitantes saem da localidade ou são visitados nos diversos eventos, geralmente organizados por clubes ou pelas comunidades religiosas.

De 1966 a 1973, BVH acolheu pessoal de nacionalidade alemã: técnicos junto à Escola Dr. Albert Schweitzer – um agrônomo, uma enfermeira, uma professora (em parte com

⁶² Há, inclusive, relatos cômicos sobre os encarregados de monitorar a execução do decreto governamental. O superintendente responsável na época (Sr. Costa) não sabia falar alemão, de maneira que precisou de um ajudante nascido no local. Este ajudante não tinha fluência na língua portuguesa. A mulher por quem o Sr. Costa se apaixonou, que mais tarde se tornaria sua esposa, sequer sabia falar o português. Passado pouco tempo, pelas condições oferecidas no ambiente lingüístico, o Superintendente Costa não proibia mais tão rigorosamente o alemão e até já arriscava as primeiras palavras na língua local.

suas famílias) - e, por três décadas, vários pastores evangélico-luteranos. O objetivo principal daquela instalação era servir de escola agrícola, para formar jovens agricultores da comunidade. Por ver frustrados seus objetivos por dificuldades financeiras, apesar da ajuda do Governo da República Federal da Alemanha, a escola foi estadualizada. Esta situação gerou um contato ainda que ínfimo dos habitantes de BVH com o *Hochdeutsch*. É muito difícil estabelecer se houve algum tipo de interferência e modificações no sistema, pois infelizmente não há dados que possibilitem este tipo de estudo e constatação.

A partir de várias observações, supomos que em BVH o dialeto Hunsrück ainda continue a ser falado durante longo tempo. Alguns fatos fundamentam esta suposição:

- Esta língua está presente há 150 anos na comunidade, mesmo que inserida como ilha, ao lado de várias outras espalhadas pelo RS⁶³, dentro de um contínuo lingüístico no qual o português é língua oficial, caracterizando “sua vitalidade”, ao contrário do que aconteceu, p.ex., em algumas comunidades de língua alemã nos Estados Unidos, que rapidamente passaram a ser monolíngües, falando somente o inglês;
- Quase a totalidade da população ainda fala o dialeto, não só no âmbito familiar, mas também em público, inclusive em ambientes formais como a Prefeitura Municipal;
- Há a tendência de preservação da cultura local, com incentivos por parte das instituições governamentais. Grupos de danças folclóricas foram criados e um centro de cultura está sendo implantado pela Prefeitura Municipal;

⁶³ Para maiores detalhes ver mapa em Altenhofen (1996: p. 53).

- Os falantes começam a sentir orgulho e percebem a utilidade em saber falar mais de uma língua, conforme vários relatos de entrevistados no *corpus*, diferentemente de duas décadas atrás, quando falar dialeto era visto como algo depreciativo. Hoje inclusive é possível ouvir o dialeto *Hunsrück* em certos programas de rádio da região;
- Não há a perspectiva de uma invasão populacional, que possa modificar rapidamente as características sócio-culturais e, conseqüentemente, as condições de uso de língua na localidade;
- O isolamento geográfico permanecerá parcialmente, ainda que no futuro abrandado pela ligação asfáltica.

1.3.2. O dialeto *Hunsrück*

O DBVH é originário do *Hunsrückisch* falado na região montanhosa do *Hunsrück*, região da Alemanha demarcada pelos rios Reno, Mosela, Nahe e Saar, próxima à fronteira com o Luxemburgo e a França. A cidade mais conhecida da região é Trier, terra natal de Karl Marx. Literalmente, *Hunsrück* significa “costas do cachorro”, em referência à cadeia montanhosa da área. Geralmente se diz que os dialetos alemães do RS são predominantemente originários do *Hunsrück*. É importante, porém, frisar que não existe apenas um dialeto nesta região que possa ser denominado assim. Há diversas variedades, embora com grande parte dos seus sistemas em comum. Desse modo, pode-se falar, por exemplo, de variedades como o *Moselfränkisch* e o *Rheinfränkisch*; este último, por sua vez, engloba variedades de *Hessisch* e *Pfälzisch*.

Diversos estudos descrevem as diferentes variedades da região do *Hunsrück*⁶⁴, que as distinguem, entre outros traços, pelo artigo *dat* é característico do *Moselfränkisch* e o *das*, típico do *Rheinfränkisch*⁶⁵. No DVBH há somente o artigo *das*; no *corpus* não ocorreu *dat*.

Mapa 4: Região do *Hunsrück* na Alemanha⁶⁶

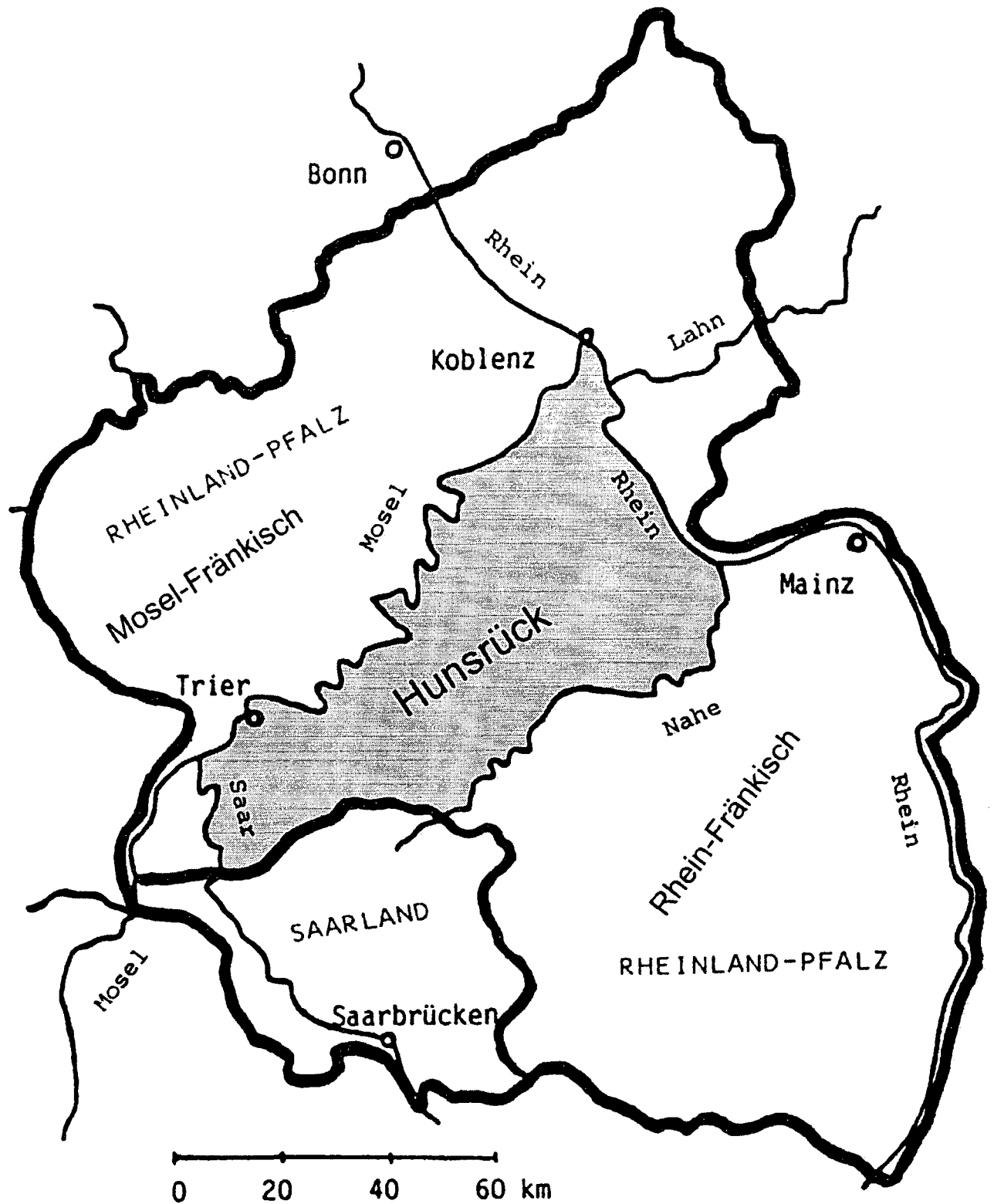


⁶⁴ Para maiores detalhes, consultar Bonner (1986), Diener (1988), Klar (1969), Martin (1914), Müller (1931), Peetz (1989), Pützer (1989), Reuter (1989), Schübel (1961), entre outros.

⁶⁵ Cf. Sambaquy-Wallner (1995: p. 17).

⁶⁶ Fonte: "<http://www.elid.de/donc/hun/>".

Mapa 5: Região do *Hunsrück* aproximada⁶⁷



BVH, assim como todas as outras comunidades lingüísticas que fazem uso de dialetos alemães no RS, forma uma “ilha lingüística”, por muito tempo isolada geografica e culturalmente. Apesar desse isolamento ser inevitável em relação ao país de origem, aos poucos ele se dissipa em relação às comunidades cuja língua de uso é o Pt. O DBVH já evoluiu durante mais de um século de maneira peculiar. Se, por um lado, houve o isolamento em relação à região de origem, houve, por outro, grande mistura de variedades em BVH, já que nem todos os falantes provêm da região do *Hunsrück*; muitos vieram de áreas como a Baviera, a Prússia ou o norte da Alemanha, conforme descrevem os registros do porto de Hamburgo e do Arquivo Histórico do Estado do Rio Grande do Sul. Além disso, não se pode esquecer as inevitáveis evoluções próprias, que infelizmente não podem ser detectadas pela absoluta falta de materiais e estudos feitos anteriormente, mas podem ser creditados inicialmente às derivas internas, e, posteriormente, a fatores como a presença de cidadãos alemães falantes apenas do *Hochdeutsch* na comunidade durante 8 anos, a chegada da imprensa em língua portuguesa (jornais, revistas, TV e rádio), o telefone, a vizinhança de comunidades de origem italiana (a cerca de 15 km), que rapidamente fizeram do Pt sua língua de uso, a criação do Município Santa Maria do Herval em 1988 e a presença, há mais de três décadas, de alguns falantes nativos do Pt, que, por razões diversas, não dominam o DBVH.

O DBVH é por excelência uma língua falada. As raras documentações escritas se restringem a artigos de jornais, calendários ou cadernos, geralmente dedicados a piadas ou a histórias curtas. Como não há regras estabelecidas para a norma escrita

⁶⁷ Base para o mapa retirado de Reuter (1987: p. 2). Informações foram acrescentadas e alterações gráficas foram feitas para garantir melhor legibilidade e visibilidade.

do DBVH, as formas gráficas encontradas nesses documentos são relativamente livres, ao gosto pessoal de cada autor.

Assim, a formação do *corpus* para este estudo se dará exclusivamente com base na língua falada, uma vez que os registros escritos não nos fornecem elementos seguros para o estudo em questão.

Em BVH convivem, paralelamente, duas línguas: o DVBH, que é a língua falada, utilizada no dia-a-dia para os contatos internos de natureza oral, e o Pt, que é a língua de contato com falantes de outras comunidades que não falam alemão, e é também a língua da escrita - mesmo no contato interno -, de acontecimentos sociais formais (discursos, inaugurações, missas, etc.), também utilizada como padrão nas escolas⁶⁸, evidenciando, portanto, através da necessidade de comunicação em diversas situações, o bilingüismo.

⁶⁸ Em um único caso também é utilizado o *Hochdeutsch*: para a celebração de, em média, um culto da comunidade protestante luterana a cada dois meses, ou, eventualmente, em enterros, se a família do falecido assim o desejar.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. Bilingüismo, *code-switching*, interferência, empréstimo, variação lingüística

O bilingüismo, assim como o plurilingüismo, pode se manifestar tanto de forma individual, ou seja, que um falante domine duas ou mais línguas, quanto como fenômeno de uma comunidade ou de um país⁶⁹, em que ao menos parte da população utiliza mais de uma língua. Tais são os casos da Suíça, onde se fala alemão, francês, italiano e romanche e de vários países africanos como Gana, que tem como língua oficial o inglês ao lado de muitas outras línguas como o akan, gá, ewe, hausa e o dagbani, que correspondem às várias etnias.

O conceito de *língua* muitas vezes é aplicado como sinônimo de língua oficial de um país, que tenham como características uma tradição escrita, uma literatura estabelecida e o estatuto institucional. Aqui utilizamos *língua*, assim como Damke⁷⁰, com um conceito sociolingüístico mais amplo, de sistema lingüístico utilizado por um grupo de indivíduos, mesmo que eles representem uma minoria em determinado espaço geográfico e que ela não contemple o registro escrito. Assim, *língua* muitas vezes será utilizado como sinônimo de *variedade lingüística*.

Weinreich definiu os conceitos *bilingüismo* e *falante bilíngüe* afirmando que “*die Praxis, abwechselnd zwei Sprachen zu gebrauchen soll Zweisprachigkeit heißen, die an solcher Praxis beteiligten Personen werden zweisprachig genannt*”⁷¹. Halliday⁷² complementa esta idéia ao defender que o bilingüismo ocorre quando um falante de

⁶⁹ Cf. Damke (1997: p.52).

⁷⁰ Cf. Damke (1997 : p. 43).

⁷¹ Weinreich (1965: p. 15): “A prática de utilizar alternadamente duas línguas deve ser chamada de *bilingüismo*, os indivíduos, que fazem parte desta prática, de *bilíngües*”.

uma língua materna utiliza um segundo sistema, mesmo que não o domine perfeitamente. Dubois também faz referência à alternância, definindo o bilingüismo como uma “situação lingüística na qual os falantes são levados a utilizar alternativamente, segundo os meios e as situações, duas línguas diferentes”⁷³. Além disso, Weinreich afirma que esses indivíduos que fazem uso de duas línguas são o local de ocorrência do contato bilíngüe⁷⁴, sendo, portanto, como complementa Mackey, o “*bilingüismo* uma característica ou habilidade individual, ao contrário da *langue*, que é uma propriedade do grupo social”⁷⁵.

Esses conceitos não podem ser aplicados ao caso de BVH, já que a comunidade é de fala bilíngüe. A *langue*, assim como a coexistência de duas línguas em BVH, são propriedades do grupo social.

O fato que sustenta o reconhecimento da comunidade de BVH como *bilíngüe* é o uso alternado, por parte da grande maioria dos falantes, de duas línguas: o DBVH e o Pt. O bilingüismo em BVH não é, como afirmam Dubois, Weinreich e Mackey, apenas um fato individual, restrito a falantes, mas um fato coletivo e um elemento da vida social. No âmbito familiar e privado, os falantes geralmente fazem uso do DBVH, enquanto que em situações formais como perante órgãos oficiais ou em contato com pessoas de fora da comunidade, que se supõe, inicialmente, não dominarem o DBVH, lançam mão do Pt. É nesse ambiente que se opera a difusão social das inovações; os falantes da

⁷² Cf. Halliday (1974: p. 101) in Damke (1997: p. 54).

⁷³ Dubois et alii (1978: p. 87).

⁷⁴ Cf. Weinreich (1953: p. 15). Tradução própria do alemão.

⁷⁵ Cf. Mackey (1972: p. 554). Ele complementa esse conceito, afirmando que o “bilingüismo não é um fenômeno de língua; é a característica do seu uso. Não deve pertencer ao domínio da *langue*, mas da *parole*” In Kahmann (1987: p. 39) Mackey, 1962, apud Fishman 1968: p. 555.

comunidade utilizam as duas línguas de forma alternada, fazendo o *code-switching* através da troca de uma palavra, frase, texto ou ato fala⁷⁶.

O praticante do bilingüismo – o bilíngüe de BVH -, porém, não pode ser definido por regras gerais, pois há fatores de ordem individual que desempenham papel importante. Os lingüistas conceituam o bilíngüe, segundo o seu grau de domínio de língua, de três formas⁷⁷: em posição de *igualdade*, de *dominância* ou sem referência à posição. O falante estaria em posição de *igualdade* se tivesse o controle nativo de duas línguas com o mesmo grau de competência; essa idéia, compartilhada por Bloomfield⁷⁸, Vogt⁷⁹, Mattoso Câmara Jr.⁸⁰, não servirá de base para a definição do perfil bilíngüe de BVH, uma vez que parece improvável que todos os falantes da comunidade de BVH dominem com o mesmo grau de competência o DBVH e o Pt, fato corroborado nas entrevistas gravadas⁸¹. Para Clyne⁸² e Taschow⁸³, que também vêem o bilingüismo como fenômeno individual, o bilíngüe domina duas línguas, mas apresenta a dominância de uma sobre a outra, mostrando maior grau de competência em uma delas. A definição de bilingüismo é bastante controversa nas pesquisas lingüísticas. Enquanto alguns estudiosos defendem a posição de igualdade ou de dominância de uma língua, outros preferem uma posição mais moderada⁸⁴. Weinreich⁸⁵ e Haugen⁸⁶

⁷⁶ Cf. Clyne in Althaus *et alii* (1980: p. 641-646).

⁷⁷ Cf. Staub (1983: p. 45-6).

⁷⁸ Bloomfield (1933: p. 56).

⁷⁹ Vogt (1954: p. 369).

⁸⁰ Mattoso Câmara Jr. (1964: p. 64).

⁸¹ Ver descrição dos procedimentos de entrevista expostos no próximo capítulo e gravações em anexo, que demonstram que nem todos os entrevistados conseguiram traduzir, p. ex., as frases de controle do Pt para o DBVH. Isso ocorreu, em alguns casos, com entrevistados idosos, que declararam não dominar suficientemente bem o Pt para se sentirem seguros na tradução.

⁸² Clyne (1967: p. 3).

⁸³ Taschow (1974: p. 442).

⁸⁴ Cf. discutido por Damke (1997: p.53).

⁸⁵ Weinreich (1974: p. 1).

⁸⁶ Haugen (1953: p. 7).

definem o indivíduo bilíngüe sem lhe conferir um perfil de habilidades, podendo alcançar qualquer grau de competência em ambas. Já Mackey define como bilíngüe o falante que possui “a capacidade de produzir frases completas e com sentido em outra língua”⁸⁷. Damke⁸⁸ considerou a definição mais aberta, sem a necessidade de conferir uma posição quanto ao grau de competência dos falantes bilíngües, como base para seus estudos sobre a variedade dialetal de São Paulo das Missões (RS); esta também é a noção mais adequada para o presente estudo sobre a comunidade e o DBVH.

A interferência, objeto de estudo deste trabalho, não se caracteriza por um simples *code-switching*, mas sim pela apropriação e pelo uso de elementos de uma língua, que não existem na estrutura da língua apropriadora, ou seja, pela transferência. Esta interferência pode ocorrer nos campos fonológico, gramatical, semântico ou lexical, não necessariamente em todos concomitantemente, mas em pelo menos um deles.

Baranow⁸⁹ discute a *apropriação* (*Übernahme*) e a *substituição* (*Ersetzung*) no contato entre duas línguas. Segundo o autor, a forma de influência de uma língua A sobre uma língua B mais fácil de ser verificada é a apropriação, independente do elemento que está sendo apropriado, seja uma palavra, um fonema ou uma ligação de fonemas (*Lautverbindung*). Baranow faz a seguinte observação:

“Eigentlich findet beim Wort eine doppelte Übernahme statt, denn sowohl seine semantische Seite (oder Bedeutung) als die morphematische (oder Wortgestalt) sind gleichermaßen davon betroffen. Diese Doppelheit entfällt natürlich bei Einzellauten oder Lautverbindungen, die schlechthin übernommen oder ersetzt werden können”⁹⁰.

⁸⁷ Mackey (1965: p. 555) in Damke (1997: p. 54). Tradução própria a partir do alemão.

⁸⁸ Damke (1997: p. 53-54).

⁸⁹ Baranow (1973: p. 10-13).

⁹⁰ Baranow (1973: p. 10): “Na verdade ocorre uma dupla apropriação na palavra, pois tanto a parte semântica (ou significado) quanto a morfêmica (ou a forma da palavra) são atingidas em iguais proporções. Essa duplicidade naturalmente não ocorre em fonemas isolados ou em ligações de fonemas que podem ser apropriados ou substituídos”.

Segundo o autor, o fenômeno da substituição é menos visível, já que uma palavra⁹¹ de uma língua A só é parcialmente apropriada em uma língua B, abrindo mão de sua identidade morfossemântica em favor de uma nova em B.

No DBVH pode-se perceber claramente que a base é formada pelo dialeto alemão. A estrutura frasal, gramatical, o sistema fonológico, por exemplo, são indiscutivelmente os do dialeto alemão. O que ocorre em algumas palavras e estruturas é a *interferência* do Pt. Este termo foi introduzido por Weinreich em 1953 para descrever o fenômeno do contato lingüístico:

“Diejenigen Fälle der Abweichung von den Normen der einen wie der anderen Sprache, die in der Rede von Zweisprachigen als Ergebnis ihrer Vertrautheit mit mehr als einer Sprache, d.h. als Ergebnis des Sprachkontaktes vorkommen, werden als *Interferenzerscheinungen* verzeichnet.” (p. 15)⁹²

Weinreich nos fornece a base do conceito de *interferência lingüística*, embora seja possível questionar o que ele entende por *Normen* (normas). Para que se possa estabelecer os casos que diferem dela, ou seja, que são interferência, é necessário que se tenha a definição dela própria. Juhász (in Althaus, 1980) discute este problema:

“Das grundlegende Problem jeder Interferenzuntersuchung ist das der Norm bzw. das Verhältnis von Statik und Dynamik der Synchronie in Bezug auf die Norm. *Per definitionem* kann eine Veränderung der *langue* durch den Einfluß einer anderen Sprache nur das systemimmanente und normativ gewordene Produkt einer Interferenz und nicht eine Interferenz *per se* sein. Die Veränderung der Norm ist eine diachrone, die Interferenz dagegen eine synchrone Erscheinung.” (p. 649-50)⁹³

⁹¹ Baranow utiliza aqui a palavra *Bedeutungsträger*, ou seja, um “carregador de sentido”.

⁹² São considerados interferências os casos que diferem da norma tanto de uma como de outra língua, resultados provenientes da confiança/segurança de falantes que dominam duas ou mais línguas, ou seja, resultados do contato lingüístico.

⁹³ O problema fundamental de cada estudo de interferência é o da norma - da relação do estático e do dinâmico da sincronia em relação à norma. *Per definitionem* uma modificação da *langue* só pode ocorrer através da influência de uma outra língua e ser produto imanente ao sistema e normativo de uma interferência, e não uma interferência *per se*. A modificação da norma é um fenômeno diacrônico, enquanto que a interferência é um fenômeno sincrônico.

Juhász mostra a dificuldade em estabelecer parâmetros para o estudo das interferências e o paradoxo existente entre a alteração de uma norma causada pela interferência, que é fenômeno diagnosticável diacronicamente e a interferência em si, que é um fenômeno sincrônico.

Lewandowski⁹⁴ e Ulrich⁹⁵ definem a interferência de forma mais simples, sem preocupação em relação à norma, sendo, no caso de bilingüismo, o rompimento de uma norma de um sistema lingüístico através de influência ou da introdução de elementos de uma língua em outra. Também Dubois tem definição semelhante: “diz-se que há *interferência* quando um sujeito bilíngüe utiliza em uma língua-alvo A um traço fonético, morfológico, léxico ou sintático característico da língua B. O empréstimo e o decalque são freqüentemente devidos, na origem, a interferências”⁹⁶. Ele conclui que a *interferência é individual e involuntária, ao contrário do decalque e do empréstimo, que já estão “em curso de integração ou são integrados na língua A”*⁹⁷.

Já Juhász⁹⁸, a exemplo de Weinreich⁹⁹, especifica os traços apontados por Dubois, dividindo-os em três tipos de interferências: as fonológicas, as gramaticais e as léxico-semânticas, afirmando que é normal elas ocorrerem em ambientes de bilingüismo ou plurilingüismo. Nisso ele inclui não só situações de bilingüismo evidente como a de BVH, mas também o contato do falante na aprendizagem de uma língua estrangeira ou as variações regionais dentro de um contínuo lingüístico, como é o caso do alemão.

⁹⁴ Lewandowski (1979: p. 294-295).

⁹⁵ Ulrich (1981: p. 66-67).

⁹⁶ Dubois et alii (1978: p.349).

⁹⁷ Dubois et alii (1978: p.349). Neste estudo não se investigará o grau de integração das interferências; isso poderia ser feito por estudos futuros de maior amplitude.

⁹⁸ Cf. Juhász in *Lexikon der germanistischen Linguistik* (1980: p. 647 e ss.)

⁹⁹ Cf. Weinreich (1976: p. 90-91). Weinreich fez um extenso estudo sobre as língua em contato e os problemas das pesquisas na área do bilingüismo em sua obra *Languages in Contact*. Para este estudo utilizamos a versão traduzida para o alemão (*Sprachen in Kontakt*).

Ocorre interferência fonológica quando certas características fonológicas, inexistentes na língua apropriadora, são emprestadas da língua de partida ou quando as características fonológicas são parecidas, de forma que não sejam identificadas pelos falantes. Exemplo clássico de interferência fonológica é o caso da pronúncia “alemã” da palavra inglesa *thing* (coisa) como *sing* (cantar), já que no alemão não há a dental fricativa (θ).

Ainda segundo o autor, só há espaço para interferências gramaticais na língua apropriadora quando características morfológicas ou sintáticas inexistirem ou tenham sua função estruturada de outra maneira na língua de partida. Esse tipo de interferência comumente ocorre com falantes do Pt ao falarem alemão: a posição verbal das frases normais do alemão exige o verbo na segunda posição¹⁰⁰, como se pode observar em *Am Montag schreibt er einen Brief*¹⁰¹. O falante do Pt tende a modificar a posição verbal, produzindo **Am Montag er schreibt einen Brief*, já que no Pt é normal dizer *na segunda-feira ele escreve uma carta*, ou seja, o verbo não precisa estar na segunda posição.

Já as interferências léxico-semânticas são, para Juhász, o empréstimo do significado de palavras ou expressões de outra língua, apontando os *faux amis* (os falsos cognatos) e a composição de palavras como formas bastante produtivas. A palavra inglesa composta *skycraper* é exemplo desse fenômeno; dela surgiram os substantivos alemão *Wolkenkratzer* e o português *arranha-céu*.

¹⁰⁰ A segunda posição refere-se ao segundo sintagma, como é normalmente usado na germanística e por professores de alemão para explicar a estrutura frasal do alemão ao alunos.

¹⁰¹ Tradução conforme a sequência das palavras: “na segunda-feira escreve ele uma carta”.

As interferências podem ser tanto uma simples ocorrência de uso esporádico em um determinado ponto no qual o *corpus* foi levantado, sem que ocorra a cristalização a partir do uso no sistema apropriador, quanto transformar-se em um empréstimo ou em um decalque, ou seja, ocorrer de forma permanente, sendo o resultado sedimentado das interferências que ocorrem em comunidades bilíngües. O empréstimo não precisa, necessariamente, ter origem em situações de convívio de dois ou mais sistemas; muitos surgem a partir do simples contato, sem que haja uma situação de bilingüismo, como é o caso de empréstimos do inglês para o Pt, perceptível principalmente no léxico. Substantivos como *lanche* (do inglês *lunch*) e expressões como *hora do rush* (*rush hour*) evidenciam esse fenômeno. Aqui se toma emprestado o que Baranow¹⁰² chama de *Bedeutungsträger*. Isso geralmente acontece quando não há, na língua receptora, uma expressão que seja portadora de sentido equivalente, fazendo surgir a necessidade de empréstimo. Ao serem emprestadas, essas palavras passam por alterações morfofonológicas. No caso de *lunch*, por exemplo, certos fonemas da língua A são substituídos por semelhantes na língua B¹⁰³, como ocorre na substituição de *lunch* para *lanche*. Além disso, ocorre o acréscimo de vogal fraca postônica /e/ para evitar uma estrutura silábica inexistente em Pt.

Palavras emprestadas de uma língua A não passam, necessariamente, só por alterações morfofonológicas; elas também podem adquirir novo sentido ao serem emprestadas para uma língua B. O substantivo *Xis* tem atualmente no Pt um sentido totalmente diferente do substantivo *cheese* no inglês, de onde foi emprestado; hoje é

¹⁰² Conforme visto acima. Cf. Baranow (1973: p. 10-13).

¹⁰³ Cf. Paul (1920: p. 394) in Baranow (1973: p. 11).

perfeitamente possível solicitar ao garçom de uma *lanchonete* no Brasil “um guaraná e um xis salada sem queijo”.

A interferência lingüística só ocorre quando houver algumas causas sociolingüísticas. Susan Gal (1979) estudou a fundo as determinantes sociais em sua obra *Language Shift – Social Determinants of Linguistic Change in Bilingual Austria*¹⁰⁴, que focaliza uma comunidade austríaca bilíngüe (Oberwart) na fronteira com a Hungria, estabelecendo conceitos como as variações, os *switchings* e *rede social*, que considera não só a identidade dos falantes, mas também o status das pessoas com quem eles freqüentemente interagem, pois ambas estão correlacionados com a seleção da língua. Gal procurou entender em quais situações os falantes preferiam uma língua em detrimento da outra (húngaro ou alemão), vendo o *language shift* como uma mudança lingüística socialmente motivada¹⁰⁵.

A mudança lingüística desenvolve-se a partir de dois tipos de variação sincrônica: as diferenças na fala de um falante em diferentes contextos sociais e as diferenças entre os falantes quando o contexto é o mesmo. Ou seja, as diferenças podem ser de estilo - de registro de fala - ou socioletais.

Segundo Gumperz¹⁰⁶, a mudança de estilo - o maior ou menor grau de casualidade ou formalidade - e a seleção de uma língua, no caso das comunidades bilíngües, são funcionalmente bastante similares, porque o mesmo tipo de contexto ou intenção comunicativa que leva um monolíngüe a mudar de um estilo coloquial para um formal, também leva um bilíngüe a mudar de uma língua para outra. Comunidades bilíngües não só selecionam uma determinada língua para cada situação, como também

¹⁰⁴ “Alternância de língua – determinantes sociais do câmbio lingüístico na Áustria bilíngüe”

¹⁰⁵ Cf. Gal (1979: p. 2).

selecionam estilos dentro de uma língua. Para poder determinar o processo de mudança não é possível, portanto, recorrer apenas ao contexto comum dos falantes. Também os diferentes aspectos de sua identidade social (classe social, faixa etária, sexo, etc.) devem ser levados em conta.

Ainda segundo Gal, a rede social que envolve o falante influencia suas estratégias comunicativas, pois os contatos sociais sempre condicionam escolhas de estilos lingüísticos específicos. As chamadas causas macrosociológicas influenciam as seleções lingüísticas, a interação dos falantes através do efeito da forma da rede social, do status que querem mostrar e da associação cultural entre as variedades lingüísticas e grupos sociais. O processo de mudança de língua consiste na redistribuição socialmente motivada de variantes sincrônicas para diferentes falantes e em diferentes ambientes sociais. Essa mudança é de caráter heterogêneo e ocorre em progressão heterogênea. Primeiramente a nova forma ocorre como uma variável para alguns falantes em algumas situações novas, depois espalha-se, formando uma nova "regra". As variedades lingüísticas evoluem para os falantes como prestigiadas ou estigmatizadas, dependendo do grupo a que são associadas.

A variação durante a mudança de língua pode ser estudada com auxílio das escalas implicacionais ou das regras de variação.

As regras de variação foram criadas por Labov¹⁰⁷ para mostrar os resultados quantitativos dos estudos da fala de comunidade. Elas especificam o efeito diferencial dos ambientes lingüísticos e sociais na determinação da freqüência de algumas variáveis lingüísticas em detrimento de outras em um grupo de falantes. As regras de

¹⁰⁶ Gumperz in Gal (1979: p. 11).

¹⁰⁷ Labov in Gal (1979: p. 18) e cf. Mollica (2003: p. 9-14).

variação não só indicam que duas formas estão em alternância, mas também lhes assinalam os ambientes de ocorrência e respectiva frequência. A interação sistemática entre as restrições lingüísticas e as sociais é característica do processo de variação, de maneira que a mudança envolve simultaneamente um novo ambiente lingüístico e um novo grupo de falantes.

Na análise das escalas implicacionais¹⁰⁸, por outro lado, os *lectos* (diferentes variedades de língua) dos falantes são ordenados ao longo da dimensão social e dos ambientes lingüísticos. Dessa forma, pode-se verificar como uma nova forma primeiro ocorre somente em um ambiente lingüístico limitado e em ambientes sociais específicos e, posteriormente, pode sucessivamente expandir-se a mais ambientes lingüísticos. As escalas implicacionais sugerem ondas de variação (*waves of change*) e mostram a interação existente entre as restrições sociais e lingüísticas. Em Oberwart a variação de uma nova forma espalha-se para um novo contexto social e não para um novo contexto lingüístico, pois as relações implicacionais entre ambiente e falantes envolvem apenas fatores sociais (agricultores X assalariados). As variedades do repertório lingüístico da comunidade em estudo não só incluem duas línguas, mas também o uso social dos diferentes estilos.

No estudo da variação no uso da língua deve-se ter por pressuposto básico que "a variação lingüística é uma das características universais das línguas naturais que convive com forças de estabilidade. Aparentemente caótica e aleatória, a face heterogênea imanente da língua é regular, sistemática e previsível, porque os usos são

¹⁰⁸ Como exemplo de escala implicacional, pode-se consultar a tabela feita por Gal (1979: p. 135). Nela é esquematizada a seleção de língua para homens e mulheres em Oberwart. Para determinar a seleção de uma língua, ela levou em conta, neste caso, a idade do informante e o seu interlocutor.

controlados por variáveis estruturais e sociais.”¹⁰⁹ A variação lingüística pode ocorrer, segundo Mollica, nos eixos diatópico, através de alternâncias regionais, considerando-se os limites físico-geográficos, e diastrático¹¹⁰, caso se manifestem em diferentes estratos sociais.

¹⁰⁹ Mollica (2003: p. 27).

¹¹⁰ Cf. Mollica (2003: p. 12).

3. METODOLOGIA

Na sequência, estaremos descrevendo os procedimentos adotados com vistas a compor um *corpus* a partir da recolha de dados junto a informantes, mediante entrevistas gravadas.

Para que se possa chegar a resultados com confiabilidade, faz-se necessário obter um *corpus* representativo, selecionando informantes a partir de critérios que buscassem representatividade, para que a atuação de fatores não lingüísticos presumivelmente relevantes pudesse ser verificada. Procurou-se constituir um *corpus* com informantes selecionados, de forma que este seja um extrato fiel e relevante do grupo em estudo. Neste estudo houve a preocupação em dividir os informantes de tal modo que no material colhido seja possível identificar um retrato sociolingüístico da comunidade em estudo, levando em conta os estudos de Gal e o que Mollica chama de *conjunto de variáveis externas à língua*, ou seja, “os fatores inerentes ao indivíduo (como etnia e sexo), os propriamente sociais (como escolarização, nível de renda, profissão e classe social) e os contextuais (como grau de formalidade e tensão discursiva)”¹¹¹. Nem todas variáveis demonstraram ser necessárias ou aplicáveis ao presente trabalho, como veremos abaixo.

3.1. Seleção dos informantes

Com o objetivo de escolher informantes que fossem representativos dentro do universo de falantes de BVH, alguns critérios foram pré-estabelecidos, para que os principais estratos da comunidade estivessem contemplados: faixa de idade (cinco divisões),

¹¹¹ Mollica (2003: p.11).

religião (protestante ou católica), sexo e fonte de renda (assalariado, não-assalariado, aposentado).

A divisão por faixa etária justifica-se por este estudo ter como um de seus objetivos verificar se há diferentes graus de interferência nas diferentes gerações. Informantes mais idosos poderiam tender a ter menos interferências do Pt no DBVH, já os mais jovens poderiam ter a interferência do Pt mais acentuada. Pelo histórico da comunidade, também é possível supor que haja diferentes graus de interferência em informantes católicos e evangélicos, já que católicos usam exclusivamente o Pt em rituais religiosos e os evangélicos realizam sempre um culto em Pt e outro em alemão, de modo que o critério “religião” foi levado em conta. Alguns estudos lingüísticos, como o de Gal (1979), já constataram que homens e mulheres podem possuir redes sociais diferentes, podendo participar, em algumas comunidades, de redes mais abertas ou fechadas, de forma que é possível inferir que mulheres e homens poderiam apresentar graus diferentes de interferência, dependendo das ocupações econômicas atribuídas a cada sexo. Em BVH há uma tendência do homem permanecer em casa nas lidas do campo e as mulheres fazerem os trabalhos domésticos e ainda irem trabalhar nas fábricas de calçados, de forma que seria possível concluir que *mulheres participem de uma rede social mais aberta*, podendo apresentar maior grau de interferência que homens. A divisão por fonte de renda se justifica exatamente pelo mesmo motivo do critério “sexo”. Informantes assalariados estão em contato com um número maior de pessoas, além de, na maioria das vezes, *interagirem com diversas pessoas de outros grupos de fora da comunidade*, pois o salário justamente advém da produção e venda de produtos ou da prestação de serviços, gerando a necessidade do contato, ao contrário da maior parte dos não-assalariados e aposentados, que geralmente circulam

apenas em grupos restritos dentro da própria comunidade. Aqui o termo “economicamente ativos” poderia ter sido utilizado ao invés de “assalariados”. Houve a preferência por “assalariados”, tendo em vista que “não-assalariados” em BVH também são economicamente ativos. Nesse grupo estão incluídos os agricultores, que não possuem uma renda fixa. A divisão desses grupos se justifica pelas grandes diferenças de exposição social e interação com outras comunidades. Uma outra variável possível seria o nível de escolaridade dos entrevistados. Ela não foi considerada, embora tenha feito parte do levantamento inicial e ter sido observada na seleção dos informantes, por não apresentar variações significativas, como já visto anteriormente. Dados fornecidos pela prefeitura municipal revelam que 97,94% dos moradores de BVH cursaram até o final do ensino fundamental e apenas 2,06% freqüentaram o ensino médio ou o superior.

Com esta distribuição das variantes, estão contemplados todos os estratos relevantes da comunidade, importantes para esta pesquisa.

Levados estes critérios em consideração, optou-se por selecionar 36 informantes. A quantidade de entrevistados foi estabelecida por representar quantitativa e qualitativamente de forma significativa a comunidade de BVH. Houve a preocupação em dividi-los matematicamente de forma equilibrada em cada grupo criado pelos critérios: 4 faixas etárias diferentes (9 informantes em cada), 18 católicos e 18 evangélicos, 18 mulheres e 18 homens. A divisão por fonte de renda foi desigual, fato justificado detalhadamente abaixo.

Desse modo temos a seguinte tabela com a classificação dos 36 informantes, que não se encontram identificados por seus nomes por respeito à privacidade:

Tabela 2: Classificação dos informantes¹¹²

NU	ID	SX	RE	FR	CL	NU	ID	SX	RE	FR	CL
01	13	M	K	N	A136	19	87	F	K	P	D237
02	75	F	K	P	D237	20	66	M	K	P	D137
03	69	F	E	P	D247	21	81	M	E	P	D147
04	18	F	E	S	A245	22	48	M	E	N	C146
05	44	F	E	N	C246	23	54	M	K	N	C136
06	11	M	E	N	A146	24	47	M	K	N	C136
07	17	M	E	S	A145	25	68	F	K	P	D237
08	40	F	K	N	B235	26	23	F	K	N	B236
09	70	M	E	P	D147	27	28	M	E	N	B146
10	19	F	K	N	A236	28	27	F	E	N	B246
11	18	M	K	N	A136	29	64	M	E	P	D147
12	51	F	E	P	C247	30	28	M	E	N	B146
13	30	F	K	S	B235	31	35	M	E	S	B145
14	60	F	E	N	C246	32	34	M	K	N	B136
15	59	F	E	N	C236	33	17	F	E	S	A245
16	59	M	K	N	C136	34	78	F	E	P	D247
17	58	F	K	P	C237	35	18	F	E	S	A235
18	20	M	E	S	B145	36	16	M	K	S	A135
Totais		M= 18, F= 18		E= 20, K= 16		S= 9, N= 16, P= 11					

Legenda

- A = informantes menores de 20 anos

B = informantes com idade entre 20 e 40 anos

C = informantes com idade entre 41 e 60 anos

D = informantes com idade superior a 60 anos
- 1 = M = Masculino

2 = F = Feminino

3 = K = Católico

4 = E = Evangélico/Protestante

5 = S = Assalariado

6 = N = Não-assalariado

7 = P = Pensionista, aposentado

¹¹² Abreviações utilizadas: NU = número da gravação, ID = idade na época da entrevista, SX = sexo, RE = religião, FR = fonte de renda, CL = classificação

Tabela 3: Classificação e distribuição dos informantes

Classificação	Total	Classificação	Total	Classificação	Total
A135	1	B145	2	C237	1
A136	2	B146	2	C246	2
A145	1	B235	2	C247	1
A146	1	B236	1	D137	1
A235	1	B246	1	D147	3
A236	1	C136	3	D237	3
A245	2	C146	1	D247	2
B136	1	C236	1		

Como se pode verificar na tabela acima, todas as variáveis foram contempladas com, no mínimo, um informante. Desse modo há pelo menos, por exemplo, um informante do sexo masculino da faixa etária B, que seja católico, ou um informante do sexo feminino da faixa etária C, que seja evangélico, e assim por diante. A distribuição uniforme por fonte de renda não foi possível, uma vez que informantes das faixas etárias A e D raramente se encontram na categoria “assalariados”. Assim chegamos, se observarmos os fatores “faixa etária”, “sexo” e “religião”, a uma distribuição uniforme do número de informantes (do total de 36):

Tabela 4: Classificação por faixa etária

Faixa Etária	Número de informantes
A = informantes nascidos depois de 1980	09
B = informantes nascidos entre 1960 e 1979	09
C = informantes nascidos entre 1940 e 1959	09
D = informantes nascidos antes de 1940	09
Número total de informantes:	36

Tabela 5: Classificação por sexo, religião e situação profissional

Sexo	Quantidade	Religião	Quantidade	Situação profissional	Quantidade
Masculino	18	Católica	18	Assalariados	9
Feminino	18	Protestante	18	Não-assalariados	16
Total:	36	Total:	36	Aposentados	11
				Total:	36

Os números da tabela acima procuram compor células de representação dos fatores de estudo escolhidos na comunidade de BVH. O objetivo é ter uma distribuição uniforme de informantes por todos os grupos sociais pertinentes para a amostragem utilizada por este estudo. Uma parte das pessoas economicamente ativas trabalha como assalariada, a outra é formada por autônomos ou agricultores. No número dos não-assalariados incluem-se os jovens que ainda estão estudando, por fazerem parte de um grupo de rede social bastante restrita, que geralmente está em contato com os

mesmos grupos (família, amigos, turma da escola, vizinhos) dentro da comunidade. Uma parcela significativa da população já está aposentada. Isso pode ser explicado pela maior saída de pessoas jovens para os grandes centros urbanos, pelas aposentadorias precoces (da faixa etária C) e pela expectativa de vida acima da média nacional. A proporção de aposentados logicamente também é maior nesta amostragem, por só terem sido colhidos dados de informantes nascidos antes de 1986. As variáveis “faixa etária”, “sexo”, e “religião” foram distribuídas de igual modo.

3.2. Instrumento de coleta e procedimentos de entrevista

3.2.1. Instrumento de coleta

Com o objetivo de recolher dados para o *corpus*, foi organizado um conjunto de perguntas-gatilho¹¹³, destinadas a alimentar o diálogo durante a entrevista com o informante.

A parte principal do *corpus* é composta por entrevistas abertas, nas quais estavam preparadas perguntas-gatilho, visando iniciar o diálogo e servir de orientação básica para o entrevistador, deixando, na medida do possível, a conversa fluir naturalmente, conforme a ocasião e as condições do ambiente em que se realizava a gravação. Essas perguntas se referem ao dia-a-dia da comunidade ou procuram saber informações pessoais do entrevistado como, por exemplo, sua idade, estado civil ou composição de sua família. Esta parte ocupa, em média, 15 a 20 minutos em cada entrevista. Na segunda parte foram solicitadas traduções de vinte frases de controle de diversos campos semânticos e uma lista preparada de vários substantivos, visando

observar o uso de artigos definidos e indefinidos. Nesta fase, cuja duração é de 5 a 10 minutos, o entrevistador falava as frases e as palavras de controle em Pt, cabendo aos informantes a tarefa de traduzir para o DBVH. Algumas vezes os informantes solicitavam maiores detalhes sobre o andamento da entrevista nesta fase, perguntando se era necessária uma tradução literal ou de conteúdo. O entrevistador sempre deixou a forma de tradução a critério dos informantes, procurando restringir suas intervenções, dizendo-lhes que deveriam traduzir as frases ou as palavras como achassem mais adequado.

As frases de controle foram elaboradas para verificar se os entrevistados produzem frases com interferências do Pt quando certas situações de tradução são forçadas, além de servirem como base de comparação aos resultados que ocorressem no *corpus*. Após um levantamento prévio, suspeitou-se que os falantes de BVH poderiam apresentar, em sua produção lingüística, interferências gramaticais em certos verbos, no uso das preposições *fon* (“de”) e *bai* (“junto a”), na aplicação do gênero e em sua congruência. Além disso poderiam ocorrer interferências sintáticas, especificamente na posição verbal, e também interferências lexicais e semânticas, através de decalques e de diversos tipos de empréstimos lexicais. A partir dessas possibilidades, foram elaboradas frases que eventualmente pudessem levar os falantes do DBVH a produzir frases com interferência do Pt.

Já as palavras de controle foram usadas nas entrevistas com o objetivo de verificar o uso de artigos definidos e indefinidos no DBVH. Alguns entrevistados não seguiram o propósito das tarefas, não conseguindo identificar a diferenciação a ser feita. O entrevistador falava as palavras em Pt e o entrevistado deveria traduzi-las para o

¹¹³ As perguntas-gatilho com as respectivas traduções para o Pt estão em anexo.

DBVH. Com um par como “a cadeira – uma cadeira”, os entrevistados, em alguns casos, somente identificavam a necessidade de dizer o substantivo “cadeira” no DBVH, sem a preocupação de também usar o artigo, de modo que omitiam o artigo definido e diziam simplesmente, como foi o caso do E17, “*schtuhl - ehne schtuhl*”, somente o substantivo na primeira parte; na segunda parte, porém, usavam o substantivo precedido do artigo indefinido. Como não era objetivo didatizar a gravação, seguiu-se a entrevista sem interrupções.

Todas as entrevistas foram adaptadas à situação particular de cada um dos informantes. Algumas pessoas mais idosas falam quase exclusivamente o DVBH. Para elas era muito difícil, senão impossível, fazer a tradução das frases que o entrevistador dizia em Pt, pois elas simplesmente não compreendiam o que estava sendo dito; outras tentavam, mas demonstravam extremas dificuldades, demonstrando desconforto. Ocorrendo esta situação, houve a interrupção da entrevista, optando-se por apenas fazer a primeira parte, que constituía material suficiente para determinar a interferência ou não do Pt, já que a segunda parte – as frases e as palavras de controle - serviria somente como referência de controle.

3.2.2. Procedimentos de entrevista

Para registro dos dados, as entrevistas foram gravadas. Utilizou-se um gravador de mão compacto, que utiliza microcassetes¹¹⁴ com microfone embutido. Inicialmente testou-se a qualidade das gravações e constatou-se que não seria necessário utilizar um aparelho maior com microfone acoplado. O objetivo das entrevistas foi obter uma

¹¹⁴ O gravador utilizado é da marca *Panasonic* (Fast Playback/2-Speed, model no. RN-202) e os microcassettes do tipo *Sony* (MC 60).

variedade de fala casual, a mais “natural” possível, usada em situações informais. Há, porém, um problema em situações de gravação: os falantes abandonam a informalidade quando entrevistados. A partir daí é inevitável, segundo Labov¹¹⁵, o *paradoxo do observador*, pelo qual o comportamento geral e lingüístico dos falantes se altera ao serem efetuadas gravações. A presença do gravador é um elemento de relativa intimidação. Uma das vantagens das gravações para composição deste *corpus*, reside no fato de o pesquisador ser originário de BVH, ter o DBVH como sua língua-mãe e conhecer pessoalmente todos os entrevistados. Isto reduz parcialmente o efeito do *paradoxo do entrevistador*, fazendo que as gravações tenham mais um caráter de “conversa gravada”. A pesquisadora Susan Gal¹¹⁶ chegou ao ponto de morar dois anos na cidadezinha de Oberwart para integrar-se à comunidade local e assim conseguir materiais com o máximo de autenticidade e naturalidade possíveis.

Todas as gravações foram digitalizadas posteriormente em formato MP3¹¹⁷ e gravadas em *compact disc*, fazendo parte, em formato digital, assim como todos as transcrições, dos anexos. As entrevistas sempre foram realizadas na casa do informante. Todos foram informados dos objetivos das gravações e concordaram com sua realização antes de serem feitas. Houve a preocupação em achar um local na casa ou na propriedade em que não houvesse interferências sonoras ou de outros membros da família durante as gravações.

¹¹⁵ in “Sociologic Patterns” (1972).

¹¹⁶ Susan Gal (1979, ver referências bibliográficas).

¹¹⁷ Este formato de arquivo de som pode ser tocado em qualquer *software* compatível ou mesmo em aparelhos domésticos de CD que tenham esta tecnologia de leitura disponível.

3.3 Procedimentos de transcrição

Em sua obra *“Sprachgeographie und PC”*, Harder e Boller (1996) sustentam a necessidade de adaptação da forma de transcrição, segundo os fins a que se propõe: *“So wird bei der Darstellung phonetisch-phonologischer Differenzierungen im Erhebungsgebiet freilich ein umfangreicheres Zeicheninventar benötigt als bei morphologischen bzw. lexikalischen Fragestellungen”*¹¹⁸. A decisão pela forma de transcrição depende, pois, de seu propósito. O sistema de transcrição fonético IPA¹¹⁹, utilizado tradicionalmente pela fonética e fonologia e, na maioria dos casos, como auxílio para a pronúncia de palavras em dicionários bilíngües, é muito laborioso para a transcrição de longas conversas gravadas. A transcrição “larga”, que faz uso de apenas alguns caracteres especiais, garantindo boa legibilidade aos leigos e maior rapidez ao transcritor, tornou-se comum nas pesquisas orientadas para o discurso. É o caso da HIAT - do alemão *HalbInterpretative ArbeitsTranskriptionen* -, desenvolvida por Konrad Ehlich e Jochen Rehbein¹²⁰, muito difundida na Alemanha. É uma transcrição semi-interpretativa, que permite a transcrição em partituras para a visualização de simultaneidade, caso haja conversas sobrepostas de dois ou mais falantes, fato comum em discussões e início ou fim de emissões individuais em um diálogo. Assim, optou-se por fazer uma transcrição baseada na HIAT, que atendessem às necessidades particulares do estudo e do dialeto em questão. O *corpus* aqui constituído - material transcrito e gravações - poderá ser utilizado em trabalhos posteriores, desde que seja

¹¹⁸ “(Em relação à transcrição) é necessário ter, no levantamento dos dados, um inventário de símbolos muito mais amplo para apresentar as diferenças fonético-fonológicas do que as que elucidem questões morfológicas e/ou lexicais”. Harder & Boller (1996: p. 2).

¹¹⁹ IPA significa “The International Phonetic Association”. Para maiores informações, consultar o endereço <http://www.arts.gla.ac.uk/IPA/ipa.html>

considerado o protocolo de sua transcrição. O *corpus* consta em anexo em formato digital; a lista de símbolos com os respectivos comentários explicativos, criada para facilitar a leitura do material colhido, encontra-se abaixo.

Para elucidar mais claramente as diferenças entre o HIAT e o IPA, apresentamos abaixo um trecho do *corpus*, retirado das gravações de E02, transcrito em cada um dos sistemas:

HIAT – transcrição semi-interpretativa

geht iwa dénne ehre land (.) uf tswói saide hat de mann land laihe gehatt (.) un mea wóre gród in de midde (.) ia (.) das is das ehnsische gel wo ich dann (.) wo ich dann fochtsehle kann awe sunscht wehs ich kehnns nix fon (.) gónnix awe iets is es in ódnung un es hot uns órich weh getun un alles dass das so wó awe es is iets alles is gut

IPA – transcrição fonética tradicional

[g̊e:d ivə 'dɛnə e:rə land uf d̥svɔ'ɪ sa'ɪdə had də man land la'ɪə g̊ə'had un mea vɔ:rə g̊rɔd̥ in də 'mɪdə ia d̥as is d̥as e:nsɪʃd̥ə g̊ɛt vo ɪç dan vo ɪç dan fotse:lə kʰan 'avə sunʃd̥ ve:s ɪç kʰe:ns nɪgs fɔn g̊ɔnɪgs 'avə iets ɪs̥ es in 'ɔdnung un es hɔt uns ɔrɪç ve: g̊edun un 'aləs d̥as d̥as so vɔ 'avə es is iets 'aləs is g̊ud]

¹²⁰ Cf. Ehlich e Rehbein (1976). Halbinterpretative Arbeitstranskriptionen (HIAT). In: *Linguistische Berichte*, 45, 21-41.

3.3.1. Lista de símbolos utilizados e comentários sobre a transcrição do *corpus*

Alguns símbolos foram introduzidos na transcrição do *corpus* com o objetivo de facilitar a leitura de fenômenos comuns em diálogos, como é o caso das pausas curtas e longas feitas pelos entrevistados durante as conversas. Além disso, houve a necessidade de introduzir símbolos que indicassem as suspeitas de interferência, como é o caso da formatação de trechos em negrito ou sublinhados no *corpus*, a fim de facilitar a localização de fenômenos durante a análise dos dados. A seguir uma lista de todos os símbolos utilizados durante o processo de transcrição:

- (.) - pausa, utilizada também para marcar a separação de alguns enunciados, de forma a facilitar a interpretação;
- (...) - pausa mais longa;
- ??? - palavra ou pequeno trecho da gravação ininteligível pela qualidade da gravação, ruídos, interferências externas, trechos truncados, etc.;
- :: - exclusão de um pequeno trecho de fala ou a exclusão da fala do entrevistador que interrompe a fala do entrevistado;
- : - exclusão de um trecho maior de fala, geralmente utilizado nas falas do entrevistador (boa parte da fala do entrevistador foi excluída por não apresentar relevância para o trabalho);
- ... - palavra incompleta, correção por parte do entrevistado (p.ex.: *gehol... (.) gemacht*)
- { } - um texto entre colchetes é um comentário pertinente àquela passagem feito pelo transcritor

- **negrito** – são dadas em negrito as palavras da língua portuguesa ou oriundas dela (interferência lexical);
- sublinhado - um trecho sublinhado no *corpus* significa suspeita de interferência da língua portuguesa (exceto interferência lexical) ou simples delimitação para marcar trechos do *corpus* passíveis de serem analisados posteriormente;
- [j] - o uso de [j], para representar semivogal de ditongo, e [i], para representar vogal em hiato na transcrição, justifica-se pelo fato de existirem neste dialeto as variantes [ja], (como em [oh ja]) e [ia], (como em [óia]) ou no pronome pessoal vocês [ia said]¹²¹) respectivamente com significados e uso diferentes, sendo marcas distintivas;
- As palavras foram transcritas do modo como são realizadas, como, p. ex.: *geschproch* (al. *gesprochen*). O mesmo encontro consonantal em palavras provenientes do Pt é pronunciado de maneira diferente no DBVH, como em *respondehre* (E13), daí a diferenciação necessária.
- Utilizou-se a acentuação gráfica para indicar as vogais médias abertas¹²² ([é] – vogal anterior média aberta – e [ó] – vogal posterior média aberta), por haver a necessidade de diferenciação, já que no DBVH há vogais médias tanto abertas, quanto fechadas. A ocorrência de pares mínimos justifica plenamente esta discriminação. P. ex: 1) *wó* (E28) – al. *war*, pt. *era/foi* - e *wo* (E32) – al. *wo*, “onde” -; 2) *wédde* (E10) – al. *Wörter*, “palavras” - e *wedde* (E27) – al. *Wetter*, “tempo”.

¹²¹ Tradução: “vocês são”.

¹²² Cf. Hecker & Back (1988, 2) p. 19.

- Para identificar e diferenciar entrevistador e entrevistado, utilizou-se a abreviação "Ent" para entrevistador e "E00" para entrevistado. Foram feitas gravações com trinta e seis informantes, numerados de "E01" a "E36".
- O apóstrofo foi utilizado para indicar elisões (*Auslassungen*), como, por exemplo: *uf'm* ao invés de *uf dem* ou *ho'ra* ao invés de *hot ea*.
- Trecho entre parênteses depois de uma citação direta do *corpus* significa a tradução equivalente em Pt.
- Colchetes dentro dos parênteses marcam um comentário adicional do autor.
- As palavras oriundas do Pt foram anotadas mantendo-se para a raiz a grafia portuguesa, mostrando, desse modo, sua origem: *sich acertehre* (E08) – acertar-se, *sich incomodehre* (E14) – incomodar-se, *sich parabenizehre* (E24) – parabenizar-se. Em algumas palavras houve a necessidade de alterações na anotação para evitar que o resultado seja interpretado erroneamente. Esse é o caso de palavras como *comunikehre* (E27) – comunicar -; no Pt de BVH a letra "c" pode ter som de [ç], quando seguida de /a/, /o/, /u/ ou [s], quando seguida de /e/, /i/. Nesse exemplo há o encontro de /c/ com a terminação verbal do DBVH "–ehre", mas o /c/ permanece com som de [ç], daí a necessidade de adaptação, deixando-se de lado a raiz da palavra. Em todas as palavras onde não havia problemas de leitura dos fonemas, preferiu-se utilizar a grafia portuguesa para a raiz do Pt.

3.4 Norma de referência para o DBVH

Uma das maiores dificuldades no estudo das interferências é estabelecer o ponto de partida, ou seja, uma norma aplicável para o DBVH. Sambaquy-Wallner (1995), que estudou um dialeto semelhante ao de BVH, o de São José do Hortêncio (RS), enfrentou o mesmo problema. Como estabelecer um dialeto-padrão, que servisse de base para o estudo que constate eventuais interferências? Seguiremos a mesma estratégia adotada pela autora: utilizar as regras e os estudos do dialeto falado na região do *Hunsrück* (Alemanha), do qual provém a grande maioria dos dialetos alemães falados no RS¹²³. O uso destes materiais é imprescindível para evitar conclusões que pareçam óbvias, apesar de estarem erradas. Ao coletarmos no DBVH, p. ex., as palavras *baliáss* ou *komohd* (no Pt *palhaço* e *cômodo*, respectivamente), as enquadraríamos certamente entre as interferências lexicais do Pt, se não houvesse estudos como o de Klar (1969, p. 166), que as cita como antiquadas, em desuso, no dialeto do *Hunsrück* de Birkenfeld, provenientes, respectivamente do italiano *bajazzo* e do francês *commode*.

Ao adotar este critério, deve-se ter em mente que os dialetos alemães do RS evoluíram, durante os últimos 170 anos, de maneira isolada, distante de um contínuo lingüístico comum, existindo por excelência apenas em sua forma oral. Há alguns registros escritos (colunas no *Jornal Evangélico*, no *St. Paulusblatt*, entre outros),

¹²³ Há vários estudos - os aqui utilizados estão na referência bibliográfica - que descrevem o dialeto da região do *Hunsrück* (região entre os rios Mosela, Reno, Nahe e Saar).

elaborados conforme regras pessoais de cada autor, mas formam, porém, exceções. Não há o uso da língua escrita no dia-a-dia em cartas, placas públicas, informativos comunitários, etc.

4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A primeira leitura dos dados obtidos a partir do *corpus* enfocou os principais aspectos passíveis de interferência, conforme descrito no referencial teórico. Inicialmente fez-se o levantamento de todas as ocorrências que se poderia suspeitar serem emprestadas do Pt. A partir da análise detalhada, algumas foram eliminadas por não se enquadrarem nesta categoria, e na sequência procurou-se classificar os casos positivos e avaliar sua frequência. Isto feito, optou-se por estudar apenas alguns tipos, melhor documentados: a) as interferências gramaticais no gênero dos substantivos, no verbos, nas preposições *fon* e *ba/bai*, nos pronomes reflexivos, na sufixação de substantivos provenientes do Pt, na formação de plural e as interferências sintáticas na alteração de posição verbal; b) as interferências lexicais e semânticas nos substantivos e adjetivos como empréstimos lexicais puros; c) as interferências do Pt através do decalque.

O levantamento revelou-se bastante produtivo em todos os eixos orientadores expostos acima, exceto no caso da preposição *ba/bai*, sobre a qual inicialmente também suspeitava-se haver interferência gramatical do Pt.

A base de partida para leitura dos dados também foi influenciada pela comparação com os resultados obtidos por outros estudos de interferência do Pt em variantes dialetais do alemão no Rio Grande do Sul feitos por Sambaquy-Wallner (1995) e Kahmann (1987) e pelos amplas descrições elaboradas por Altenhofen (1996) e Damke (1997).

Ao longo do trabalho, através da análise de diversos tipos de interferências gramaticais e lexicais e semânticas, chegou-se à conclusão de que há variações no uso de língua

dos falantes de BVH¹²⁴. Estas variações mostram grande instabilidade, não sendo possível detectar qualquer indicativo de tendência de grau maior de interferência para as variantes escolhidas (sexo, idade, religião e fonte de renda), de forma que não é possível afirmar que, p.ex., pessoas idosas falam o DBVH com menor ou maior número que interferências do Pt que jovens. A análise dos dados de todos os entrevistados, quando levado em conta o fator idade, ilustram esta instabilidade. A contagem de verbos e de substantivos emprestados com modificação ou de forma plena do Pt para o DBVH revela os seguintes números¹²⁵:

Tabela 6: Quantidade de verbos e substantivos emprestados do Pt

ENT ¹²⁶	NASC	QUANT	ENT	NASC	QUANT
E01	1984	36	E19	1910	01 ¹²⁷
E02	1922	15	E20	1931	39
E03	1928	21	E21	1916	30
E04	1979	18	E22	1949	29
E05	1953	24	E23	1943	25
E06	1986	16	E24	1950	51
E07	1980	23	E25	1929	14
E08	1957	10	E26	1974	12
E09	1929	14	E27	1969	22
E10	1978	14	E28	1971	12
E11	1979	18	E29	1933	27
E12	1946	11	E30	1969	16
E13	1967	29	E31	1962	17
E14	1937	18	E32	1963	19
E15	1938	21	E33	1981	24
E16	1938	16	E34	1920	19
E17	1939	07	E35	1980	21
E18	1977	35	E36	1981	44

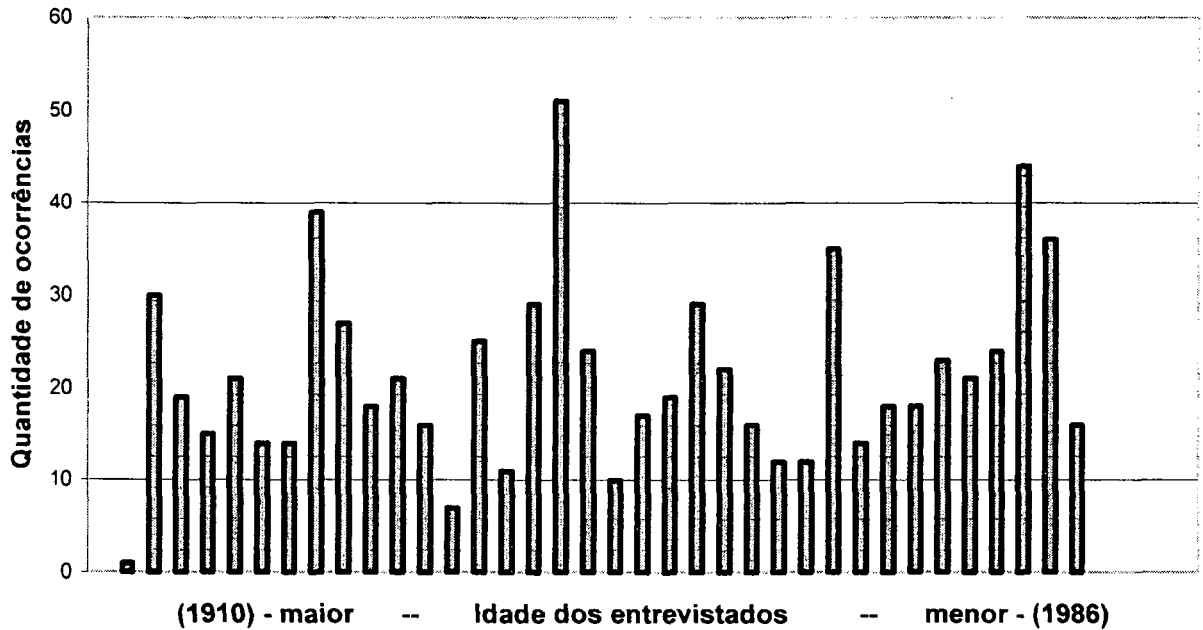
¹²⁴ Apresentamos essa constatação aqui, que talvez devesse estar apenas no final da análise dos dados, por acharmos essa informação de importância fundamental para a leitura e entendimento desse capítulo.

¹²⁵ Aqui foram contadas somente as ocorrências durante as conversas livres; não estão contabilizadas as ocorrências nas frases e palavras de controle.

¹²⁶ Legenda: ENT = entrevistado, NASC = ano de nascimento, QUANT = quantidade de verbos e substantivos emprestados

¹²⁷ O tempo de gravação foi curto (7 minutos e 42 segundos), enquanto que a maioria das gravações foi de 20 minutos ou mais. Devido ao pouco conhecimento de Pt não houve a parte das frases e palavras de controle, além disso o entrevistado não esteve à vontade durante a gravação da conversa livre.

Quantidade de verbos e substantivos emprestados do Pt



A instabilidade da variação mostra em seus casos extremos que enquanto no *corpus* dos entrevistados E21 (1916), E24 (1950) e E36 (1981) há, respectivamente, 30, 51 e 44 ocorrências de verbos e de substantivos emprestados com modificação ou de forma plena do Pt para o DBVH, no dos entrevistados E09 (1929), E08 (1957) e E10 (1978) só há, respectivamente 14, 10 e 14 ocorrências.

Assim pode-se concluir que: a) ou a composição do *corpus*, mesmo tendo procurado contemplar os diferentes estratos da comunidade de BVH, não cumpriu com seu objetivo, devido à seleção casual errada dos indivíduos, o que nos parece pouco provável frente aos critérios estabelecidos de forma bastante específica e rigorosa; b) ou a variação no uso de língua em BVH – explicação que nos parece mais plausível –, não aponta, em seu atual estágio, tendências claras, pois está distribuída irregularmente entre os diferentes estratos da comunidade, de forma individual, dependendo de cada falante.

Apesar dessa irregularidade na variação, vários fenômenos interessantes coletados no *corpus* podem ser analisados, tanto interferências gramaticais e decalques, quanto interferências lexicais e semânticas.

4.1. Interferências gramaticais

A interferência gramatical ocorre quando há o empréstimo de “unidades e estruturas de partes estrangeiras da fala, categorias gramaticais e formas funcionais”¹²⁸. Os dados colhidos permitem ênfase nas categorias gramaticais, especialmente no gênero, na regência da preposição *fon*¹²⁹, na reflexividade dos verbos, na formação de plural, nas alterações em vogais fracas postônicas e nas interferências de ordem sintática.

4.1.1. O gênero

Na língua alemã, não é raro que o gênero a ser aplicado a substantivos criados por empréstimo seja fixado algum tempo após a incorporação do neologismo. Atualmente, no âmbito do *Hochdeutsch*, ainda se discute em torno do substantivo “E-Mail”. Por se tratar de uma palavra nova no léxico, ainda não se sabe ao certo se deve ser acompanhada do artigo “der”, “die” ou “das”¹³⁰. A dificuldade está na origem da palavra: a língua inglesa possui apenas um artigo (“the”), sem que haja gênero lexical¹³¹. No caso do exemplo, já está em vias de cristalização a forma “die E-Mail”, provavelmente por associação ao termo feminino “*die elektronische Post*”¹³².

¹²⁸ Cf. Mackey in Kahmann (1987, p. 51).

¹²⁹ A preposição *fon* sempre rege o caso dativo no DBVH, como veremos adiante.

¹³⁰ O dicionário eletrônico DAF-Langenscheidt de 1999 define o artigo como sendo “das”, já o LexiROM 3.0 da Duden/Meyer/Langenscheidt (1995-1997) indica “E-Mail” como substantivo feminino, ou seja, corresponde-lhe “die”.

¹³¹ Como se sabe, em inglês o gênero se manifesta apenas na concordância pronominal em 3.ª pessoa do singular (he/she/it; his/her/its), na forma de uma oposição primária ente +humano e –humano, sem

O DBVH funciona claramente de maneira diferente do *Hochdeutsch*, pois não foi possível perceber o menor conflito na definição de artigos de novas palavras no sistema. Não há um período de uso das variantes e, após algum tempo de concorrência, a cristalização de uma delas. No singular, os artigos são adotados diretamente do Pt sem sofrer qualquer alteração quanto ao gênero. Substantivos de gênero masculino simplesmente recebem „de“ e os de gênero feminino são acompanhados de „die“, o que corresponde respectivamente ao masculino e ao feminino no DBVH. Isto se confirma pelos seguintes exemplos colhidos na transcrição de 28 dos 36 falantes que formam a base de dados¹³³:

- E01 - die praia, die marcunde [a (Linha) Marcondes], die notícia, die palavra
- E02 - de papae, die police
- E03 - in de metalúrgica [no dativo], ón de embalagem [no dativo], de bodeguero
- E04 - die serra, die cadee, die programas (plural), in de sala, [no dativo]
- E05 - die faculdade, weche de parte financera [no dativo], die novéla, die compromisse, die origem, die aparelhos, die locomoçón
- E06 - de culto infantil
- E07 - de pai, die mãe, de pagament, in de sala, die reunião, de resultado
- E08 - die quinta (série), die bodéhge [a bodega], de posto de saúde, aus de sociedade [no dativo]
- E09 - die mamee, die sociedade, die loja
- E12 - die luta, die wende [a venda (o armazém)]
- E13 - de vovo
- E15 - die assaltos, in de vizinhança [no dativo]
- E17 - de ônibus
- E18 - de tevê, die mulde, die cartera
- E20 - de phóda [o padre], de transporte
- E21 - de dentista
- E22 - de canal dois, de president
- E23 - de pavilión, de coral
- E24 - de alemón, de retorno, de plano, de desemprego, die soluçón
- E25 - die delegacia, de schornal
- E26 - die sexta, die mãe, de pai, die nónnna¹³⁴
- E27 - die juventude

que os substantivos com este segundo traço se subcategorizem por uma oposição secundária entre masculino e feminino.

¹³² Após longas discussões no fórum por e-mail do IDV – a Associação Internacional de Professores de Alemão (<http://www.idvnetz.org>) – não se chegou a um consenso, mas à conclusão de que o artigo “die” havia se tornado corrente para o substantivo “E-Mail”.

¹³³ Por brevidade as citações usadas a partir daqui foram reduzidas, deixando-se apenas a parte relevante para a exemplificação. Para ter acesso à fonte completa (dúvidas de contexto, etc.), basta consultar as transcrições em anexo.

¹³⁴ Palavra que está incorporada ao Pt de BDVH, vinda do italiano, pela influência que os imigrantes italianos de regiões próximas também exercem sobre a língua portuguesa.

- E29 - in de diretoria [no dativo], de correio, de endereço, ón de comunidade [no dativo]
- E31 - de asfalt
- E33 - de paio [o pai], de kamp, in de rio [no dativo]
- E34 - die história
- E35 - de terceiro ano
- E36 - de salário, in de média [no dativo], die prefeitura

Apesar desta regularidade, foi encontrado um caso que parecia fugir à regra, mas ao estudá-lo mais atentamente, chegou-se a uma explicação plausível, que afasta a necessidade de recorrer ao tratamento de excepcionalidade, com base em período de flutuação. O substantivo *tevé* é usado como masculino (*E18 - de tévê*, *E25 - óm tévê*), apesar de ser do gênero feminino em Pt (*a televisão/a tévê*). A partir de observações do Pt de BVH, percebeu-se que a maior parte dos falantes faz referência ao *televisor*, de modo que se utiliza a forma abreviada/reduzida também no masculino: *o tévê*. Neste caso descarta-se a possibilidade de uma eventual interferência do alemão (*das TV*, neutro), aplicando-se a regra geral de simples apropriação a partir do Pt. Evidentemente tratamos aqui do sistema do Pt de BVH e não da norma padrão brasileira.

Há, porém, uma categoria de substantivos que conflita com a hipótese formulada para este estudo: a de substantivos diminutivos. Todos os substantivos da categoria “diminutivos”, tanto os masculinos quanto os femininos, provenientes de empréstimo do Pt, recebem o sufixo de diminutivo */-che/* do DBVH e assumem o gênero neutro (artigo definido *das* ou indefinido *en*, conforme descrição feita mais adiante), como constatamos nestes quatro casos:

- E11 - so'n folgache [(assim) uma folginha]
- E20 - so'n pickche [(assim) uma picadinha (caminho aberto na mata)]
- E24 - en assudche [um açudezinho]
- E27 - en gruppche [um grupinho]

Apesar destes exemplos serem fruto da interferência do Pt, aqui o sistema gramatical do DBVH se sobrepõe e determina o artigo, já que todos os diminutivos no DBVH, assim como no *Hochdeutsch*, são do gênero neutro, diferindo do sistema do Pt (*Hochdeutsch*: *das Häuschen*, *das Püppchen*, *das Männchen*; DBVH: das *haische*, das *puppche*, das *ménne*; Pt: a *casinha*, a *bonequinha*, o *homenzinho*).

O sistema gramatical do DBVH também se sobrepõe, de forma conseqüente, no plural dos substantivos. No DBVH há um artigo único para a marca de plural (*die* - artigo definido¹³⁵ - e suas respectivas flexões nos casos), ao contrário do Pt que possui dois artigos definidos indicativos de plural, com a diferenciação dos plurais masculinos e femininos (*os*, *as*). Assim, sempre que houver um empréstimo de um substantivo no plural do Pt, este receberá a marca *die* do sistema do DBVH. Os exemplos apresentados abaixo ratificam esta constatação, pois tanto substantivos femininos quanto masculinos são marcados no plural com a marca típica do DBVH:

- E02 - *die* police
- E04 - *die* programas (masculino no Pt)
- E05 - *die* compromisse, *die* aparelhos
- E07 - *die* schefe
- E15 - *die* drógas, *die* assaltos
- E21 - *die* picóhde [as picadas (vilas)]
- E24 - *die* portuguese
- E31 - *maniche* instruções [algumas instruções]

Vale a pena esclarecer que o padrão para os artigos definidos no DBVH é “de”, “die”, “das” e “die”, para o masculino, o feminino, o neutro e o plural respectivamente; para os indefinidos, “enne” (como a variante de vogal alongada “ehne”) para o masculino e “ehn” (com a variante “enn”, transcritas ambas apenas como “en”), para o feminino e o

¹³⁵ Aqui apenas os artigos definidos estão citados, mas o mesmo ocorre, evidentemente, também nos indefinidos.

neutro¹³⁶. No plural do DBVH (e também no *Hochdeutsch*) não existem equivalentes para as formas simples dos artigos indefinidos¹³⁷ do Pt “uns” e “umas”.

Com base no estudo acima, podemos elaborar a seguinte tabela para os artigos do DBVH, válida também para os substantivos provenientes de interferência do Pt:

Tabela 7: Artigos definidos e indefinidos no DBVH

	Artigos							
	Definidos				Indefinidos			
	Masculino	Neutro	Feminino	Plural	Masculino	Neutro	Feminino	Plural
Nominativo/ Acusativo	de	das	die	die	enne	en	en	--
Dativo	dem	dem	de	de	em / 'm ¹³⁸	em / 'm	en	--

Esta tabela refere-se ao caso nominativo e ao acusativo, que aqui estão reunidos por terem os artigos iguais¹³⁹, e ao dativo, no qual os artigos sofrem alterações de flexão, conforme os exemplos abaixo:

¹³⁶ Para cinco falantes (E02, E20, E24, E29 e E34) o padrão do artigo indefinido é “aine” e “ain”, ao invés de “enne” e “enn”. Isso corrobora a afirmação feita anteriormente acerca da origem heterogênea dos imigrantes alemães que se estabeleceram em BVH para configurar o atual “estado lingüístico” da comunidade; nos vários dialetos do alemão há a ocorrência de variante como, p.ex., “aine”, “enne” e “ehne” para exprimir o mesmo artigo indefinido. E04 e E35 utilizam somente um artigo indefinido (“en”) nas palavras de controle. Certamente isto não significa que há apenas o artigo indefinido, mas sim, que há uma espécie de fusão do artigo com o substantivo no momento da pronúncia seqüencial de ambos, pois E35 diz: “de guri, enne [pausa] en guriche” (“e” curto) e, posteriormente, há somente a ocorrência de “ehn” (“e” alongado), seguido de substantivo. A confirmação desta possibilidade é feita por E14: com o uso de artigo definido “de tisch”, seguido apenas do artigo indefinido, emprega “enne”, já sem o definido, diz somente, p. ex. “en schtuhl”. Fenômenos semelhantes, típicos da oralidade, ocorrem em Pt no uso de, p.ex. “pra tia” ou “pro tio” ao invés de “para a tia” ou para o tio”.

¹³⁷ Cf. Cunha (1976, p. 215).

¹³⁸ O “ 'm” é uma variante de “em”; é usado em algumas contrações, como é o caso da preposição *mit* com o artigo indefinido do dativo *em* (“mit” --> “mi'm”).

¹³⁹ Ao contrário do *Hochdeutsch*, que apresenta diferenças entre o nominativo e o acusativo.

MasculinoE21 - do helft ehn em anreE08 - wenn se moh dehre mi'm prefekt all schaffeE02 - (.) un mea hónn góhnix mit dem mann gewollt nix**Neutro**E01 - hot so fiel getrunk uf'm feschtE21 - manichmoh wie das iets mit dem totschiess (.)**Feminino**

E03 - ja das wó so'n (.) wó so'n mit en manuwela

E24 - (.) ich wó fraitachs moh mitgefóh ón die praia un mit de prefeitura mi'm ônibus

E05 - un die **novela** (.) wo noh de noticia is**Plural**E11 - fescht mache :: mit de amigos (.) mit de amigos**4.1.1.1. Congruência de gênero**

De outra parte, procurou-se estudar a possibilidade da interferência no campo da congruência de gênero, ou seja, de substantivos do DBVH terem alterado seu gênero, devido ao contato com o Pt. Sambaquy-Wallner detectou vários exemplos de alteração de gênero dos substantivos no dialeto *Hunsrück* de São José do Hortêncio, como, por exemplo, "*die vierte brief*¹⁴⁰". Entretanto, não se encontrou, no DBVH qualquer interferência de gênero, apesar da lista de palavras de controle (substantivos com seus artigos definidos e indefinidos, respectivamente) no final de cada entrevista ter tido justamente como um dos propósitos averiguar a possibilidade de sua ocorrência. Ao longo das entrevistas (conversação livre) e das frases de controle, também não se constatou a alteração de gênero de substantivos.

4.1.2. Os verbos

Na comunidade de BVH percebe-se que alguns verbos utilizados possuem grande semelhança com o Pt, o que não significa, necessariamente, que estes sejam resultado

de interferência ou empréstimo. Mesmo o alemão-padrão apropriou verbos oriundos de línguas como o latim, modificando-os morfológicamente com o sufixo verbal infinitivo “-ieren”, de que são exemplos verbos como *informieren*, *zitieren*, *diskutieren* e *publizieren*. Para que se possa ter clareza acerca desta diferença, o levantamento para o *corpus* enfatizou a possível interferência e o empréstimo de verbos do Pt para o DBVH, inclusive forçando sua ocorrência através de frases de controle. Depois da constatação da existência destes, procurou-se analisar como ocorre esta apropriação, já que a flexão verbal do DBVH é diferente da do Pt.

Desse modo, pode-se afirmar que os verbos oriundos da interferência lingüística do Pt são assimilados pelo DBVH de maneira sistemática. No DBVH não se utiliza sufixo verbal infinitivo “-ieren”, como no alemão-padrão, mas sim a variante “-ehre”, de propriedades iguais. Um grande número de exemplos pode ser colhido no *corpus*, tanto este campo parece permitir facilmente a interferência ou o empréstimo:

- E01 - un de papa muss awe iede tóch sich **apresentehre** [no exército]
- E04 - hot ma meh (.) wie sich **wierehre**
- E04 - die alde né ménne katolische kénnde sich nett **misturehre** mit de evangelische
- E04 - wea hot das **formuleat**?
- E05 - un dann kennde'se [os políticos] sich moh bissche bessa **wierehre** on de strohse
- E05 - naun do wóhre ma noch imma noch meh **abandoneat** gewescht wie iets
- E05 - die lait mischte meh sich **uniehre**
- E14 - manichmoh tut ma sich **incomodehre** iwich jemand
- E15 - ... awe wót moh tuh's moh nett **ligehre** (.) ich tu eascht moh so
- E15 - nochhea is ea **transfehriat** wó :: hora ho'ra **markeat** hare ::
- E16 - (.) is alles dichda dann brauch ma nett so wait fatt wenn ma was se **resolvehre** hot
- E27 - ja (.) tsufiel **rebaixehre** ore etwas so (...) ore'n amigo **ofendehre**
- E27 - ja (.) do kann ma sich (.) **comunikehre** meh mit de lait manichmoh so
- E32 - weschede kannsch dich nett **defendehre** (...)
- E32 - (...) weschede mea hónn hospital wo **funcioneat**
- E32 - ja kennt en krésche **funcionehre** (...) wea was
- E35 - wenn se notícia dann waise wehsch de dings wo (...) die lait sich kenne **informehre**
- E35 - so ich tun nett fiel mich **interessehre** uf so'n dings wehsch de ich passe nett uf
- E35 - die tóche spitsbuwe gefann unne (...) in de padetenne fia stick hónn se **prendeat**
- E35 - ich glóbb die wolde (...) wolde **assaltehre** ore etwas
- E36 - bia gebóht (.) kanocha har' ma **alugeat** (.) sinn ich dra... acht mohl runnagefall
- E36 - góhnix (.) blank **busineat** (.) de sak gefillt

¹⁴⁰ Sambaquy-Wallner (1995, p. 67). Tradução: “a quarta carta”. O substantivo *brief* no dialeto (também no DBVH) e no alemão padrão é masculino (*der*), aqui ele é feminino (*die*) por interferência do Pt.

- E36 - wenn pólos (.) gelo fon pólos sich **derretehre**... fohlóhfe tun (.) ... dann wolle die lait grund suche (.) un dann tun sich **desesperehre**
 E36 - das wassa wescht (.) salsich wassa kann ma jo nett **filtrehre** wescht
 E36 - als moh wenich (.) kéffe se nett (.) pont **descontehre** in de média
 E36 - wassa dorunna **instalehre**
 E36 - du muscht's **respondehre**
 E36 - fa nett **confundiat** gewa mit kébra-móla

Alguns dos verbos mencionados acima existem atualmente no *Hochdeutsch*, no alemão-padrão. A partir desta lógica, poderia supor-se que também já existiam no dialeto *Hunsrück*, ou seja, já fariam parte do léxico no século XIX, antes mesmo da vinda dos imigrantes alemães ao Brasil e do conseqüente contato com o Pt. Os dados *formuleat* [*formulehre*] (E04), *comunikehre* (E27), *funcionehre* (E32), *interessehre* (E35), *filtrehre* (E36) poderiam confirmar esta lógica, pois também fazem parte do inventário do *Hochdeutsch*: *formulieren*, *kommunizieren*, *funktionieren*, *interessieren* e *filtrieren*. Este verbos, porém, são, provavelmente, interferências do Pt. Há indícios relativamente claros disto com base nos exemplos como *comunikehre* (E27) e *funcionehre* (E32), que correspondem, no alemão, aos verbos *kommunizieren* e *funktionieren*, e, no Pt. a *comunicar* e *funcionar*. As interferências mantiveram as características morfológicas da raiz do verbo da língua de origem, ou seja, neste caso o Pt, provando a origem por meio de sua composição, pois no DBVH são usados como *funcionehre* e *comunikehre*; caso estas formas viessem do alemão, elas teoricamente deveriam constar no léxico como **funktionehre* e **kommunitsehre*. Nos outros exemplos citados não é possível provar a interferência do Pt, dada a dificuldade em obter dados contrastivos do *Hochdeutsch* que confirmem a interferência do Pt nestes verbos hoje existentes no DBVH. Seguindo-se a regra geral, também pode-se supor sejam interferências do Pt.

A regularidade da transferência das raízes verbais é tal que o assunto poderia capitular-se como mero empréstimo lexical, não fossem duas exceções que levam o tema para o plano das combinações de conjugação. Considere-se inicialmente o verbo *brige*, utilizado por E36, que não segue a regra geral de sufixação com “-ehren”:

„E36 - io (.) die tun ai (.) enne tut geche de anre **brige** un bringe sich nanna um dann (.)“¹⁴¹

O verbo *brige*, oriundo de *brigar* do Pt, está aqui no infinitivo. Com certeza não é uso isolado de apenas um falante, apesar de ter sido a única amostra deste verbo no infinitivo recolhido nas entrevistas. São correntes formas como “*de hot gebrigt*”, (E15 utiliza “.. *die lait bis gebrigt weche de relichion*”) “*ea will brige*” ou mesmo como substantivo “*hot’s brige gebb?*”. Não se tem outra alternativa senão admitir que *brige* foge à regra geral do “-ehre” e segue a formação normal da maioria dos verbos do DBVH: o sufixo verbal infinitivo “-e”, como, por exemplo, E01 – *lénne*, E07 - ... *kénnde asphalt mache* e E13 - ... *donuf fóht schaffe*. Ao utilizarem a forma *brige*, os falantes não percebem que ela é originária do Pt, usando-o como qualquer outro verbo do DBVH, aplicando-lhe a regra geral dos verbos do fundo germânico. Pode-se supor que a regra geral do DVBH tenha sido aplicada nele ou pelo uso freqüente, sendo utilizado pelos falantes como já constante do léxico e não como empréstimo, ou por uma questão de eufonia, por a forma teórica **brigheren*, caso este verbo seguisse a regra de incorporação dos verbos emprestados pelo Pt, eventualmente parecer estranha aos ouvidos dos falantes do DBVH. A mesma explicação se aplica à forma *geschutst*¹⁴² como particípio passado de *schutze*¹⁴³, utilizada por 22 falantes nas frases de

¹⁴¹ “Sim, eles brigam um contra o outro..., e se brigam para então... .”

¹⁴² “Chutou”.

¹⁴³ Nenhum exemplo deste infinitivo pode ser colhido no *corpus*. Afirmção feita com base nos conhecimentos do DBVH do autor. O infinitivo não poderia ser *schutehre*, já que neste caso o seu particípio passado teria de ser *schutehrt*, ou seja, com “-t” na terminação, assim como todos os outros verbos com infinitivo em “-ehre”.

controle¹⁴⁴. Não houve nenhuma ocorrência deste verbo nas gravações das conversas espontâneas do *corpus*.

De outra parte, nos verbos da 3.^a conjugação do Pt, em “-ir”, a terminação verbal não é totalmente substituída, ao contrário do que ocorre com os da 1.^a e da 2.^a conjugações. No particípio perfeito, enquanto para a 1.^a e a 2.^a conjugações há apenas o sufixo “-at”, correspondente à terminação do infinitivo “-ehre”, em substituição às terminações “-ar” e “-er”¹⁴⁵. Na 3.^a conjugação, por sua vez, há um resquício da terminação “-ir” do Pt. A vogal temática “i” mantém-se quando o verbo é usado no particípio perfeito, como em *confundjat* (E36) e *transfehriat* (E15). No infinitivo também permanece o “i” e o sufixo “-ehre” se pospõe normalmente: *uniehre* (E05).

Vistos estes casos, podem-se elaborar o seguintes postulados sobre o mecanismo de apropriação dos verbos oriundos do Pt no DBVH:

- os verbos da primeira e da segunda conjugações do Pt sofrem a supressão da marca infinitiva do Pt e aplicação da marca infinitiva “-ehre” do DBVH, comum a todos os verbos de origem latina;
- nos verbos da terceira conjugação, ocorre o mesmo processo, salvo o fato da vogal temática “i” permanecer junto à raiz, fazendo parte de todas as flexões no DBVH;
- formam exceção os verbos “brige” e “schutze” que seguem a regra geral de formação dos verbos no DBVH.

¹⁴⁴ Todos os entrevistados que traduziram esta frase, usaram verbo desta forma. Em 14 entrevistas não foi possível colher o dado, já que o entrevistado não traduziu a frase.

¹⁴⁵ No *Hochdeutsch* a formação do chamado “particípio II” dos verbos terminados em “-ieren” ocorre através da supressão da marca de infinitivo “-en” e o acréscimo de “-t” (*informieren* --> *informiert*, *telefonieren* --> *telefoniert*).

4.1.3. A preposição *fon*

A preposição *fon* no DBVH é marcadora de caso, a exemplo do *Hochdeutsch*, exigindo a marca do caso dativo¹⁴⁶.

Tabela 8: Caso dativo no DBVH

	Masculino	Neutro	Feminino	Plural
DBVH	fom/fon dem ¹⁴⁷	fom/fon dem	fon de	fon de
<i>Hochdeutsch</i>	vom/von dem	vom/von dem	von der	von den

Os seguintes exemplos ilustram a tabela acima:

Masculino: *fom schéf* (E36)

Neutro: (.) *fon dem schpessche* (.) *fon dem dings* do sóh'ra (.) (E22)

Feminino: un do is de schtudt mindo rin komm *fon de tea* (E24)

¹⁴⁶ Apenas com o propósito de fornecer mais um elemento na descrição do DBVH, constatou-se, através dos dados fornecidos pelos falantes no *corpus*, que a utilização do caso dativo é padrão no DBVH. E26, porém, não utiliza de forma regular o dativo, como se observa no seguintes exemplos: *weche die anna* (por causa da Anna), *drive ba die muddi* (lá na mãe), *hot mit die maria gehairat* (casou com a Maria), *drive ba die muddi schprech ma óch* (lá na casa da mãe nós também falamos), *fussball geschpielt ba die kohde* (jogamos futebol na casa das tias). Dessa forma conclui-se que E26 constitui-se em exceção, não seguindo o padrão atual estabelecido no DBVH, pois faz uso do caso acusativo em vez do dativo nos casos acima descritos.

¹⁴⁷ Tanto no DVBH quanto no *Hochdeutsch* há a possibilidade do uso de certas preposições em sua forma contraída, ou seja, há a fusão entre a preposição e o artigo, como é o caso de “fom” (contração de “fon” + “dem”), ou em sua forma normal, como é o caso de “fon dem”.

Plural: das tsaich fon de daitsche is fiel... (E09)¹⁴⁸

Já no Pt, que não tem declinação, a preposição *de* naturalmente não determina a forma do substantivo que introduz. Assim, poderia esperar-se alguma consequência sobre o DBVH neste aspecto. Mas, ao contrário dos resultados obtidos por Sambaquy-Wallner (1995), nos quais a autora constata que os falantes mais jovens apresentam a tendência da inobservância da marcação do caso¹⁴⁹, no DBVH não se registram interferências desta natureza que possam indicar uma tendência generalizada. Como exemplo curioso temos nas frases de controle de E01 “*das tsaich fon de alemóns*” [a roupa dos alemães], no qual há a interferência lexical, mas não a gramatical. Nenhum dos informantes utilizou a preposição *fon* seguida de artigo de maneira diferente da regra do DBVH, descartando-se, neste caso, a interferência gramatical do Pt.

Por outro lado, porém, percebe-se claramente a interferência do Pt no emprego de *fon* como equivalente à preposição *de* na formação dos compostos. Enquanto em alemão há palavras como *Fleischsoße* [molho (Soße) de carne (Fleisch)] e *Busschaffner* [cobrador/trocador/fiscal (Schaffner) de ônibus (Bus)], ou seja, a composição sintética, no DBVH alguns falantes fazem a composição analítica, utilizando *molho fon carne* (E03) e *cobrador fon ônibus* (E16). Da mesma maneira o E11 refere-se a „filme de ação”: *ah filme fon açón*. Aqui há a quase total utilização do Pt dentro de frases ditas em DBVH, com apenas uma pequena adaptação. No caso de “*normal esse fon mittachs esse ich génn rais mit molho nuddle un bohne*”¹⁵⁰, E18 não utiliza a construção

¹⁴⁸ Traduções: masculino: “do chefe”, neutro: “da piadinha ... [em relação à] da coisa aqui ele disse” (“coisa” e “piadinha” são substantivos neutros em DBVH, feminino: “e daí o Armindo Studt veio para dentro (a partir) da porta”, plural: “a roupa dos alemães é muito...”.

¹⁴⁹ Cf. Sambaquy-Wallner (1995, p. 56) em exemplos como “*von die cortina*” (preposição *von* + substantivo feminino).

¹⁵⁰ “(Na) comida normal de meio-dia eu gosto de comer arroz com molho, macarrão e feijão”.

vernáculo correspondente do DBVH *mittachesse*, preferindo a expressão proveniente do Pt, que utiliza a preposição *de*. Apesar desses exemplos, não há como afirmar que se trata de uma tendência generalizada à composição analítica, já que apenas quatro exemplos deste tipo de interferência puderam ser constatados no *corpus*. Para efeito de cálculos quantitativos, frente à quantidade de exemplos de composição sintética, estes exemplos representariam um número desprezível.

Interferências também podem ser detectadas em expressões como as utilizadas por E06 - *draissichte ianuar fon seks un achtsich* (trinta de janeiro de oitenta e seis) - e por E33 - *achtsehnde ianuar fon en un achtsich* (dezoito de janeiro de oitenta e um). No alemão não se utiliza a preposição *fon* para indicar uma data, ficando aqui caracterizada a interferência. Das frases de controle ditas por E12, pode-se extrair *das tsaich fon de alemanha* (a roupa da Alemanha). Aqui há uma interferência tripla, ou seja, de artigo, de preposição e lexical. Há *Alemanha* em lugar de *Deutschland*, ou *daitschland*, como se diria no DBVH; o informante utiliza artigo diante de *Alemanha*, cujo equivalente no DBVH se emprega sem artigo. Por fim, utiliza o substantivo *Alemanha* como feminino, flexionando-o, inclusive, no caso dativo, devido à presença da preposição *fon*, conforme exigido no DBVH, quando o equivalente no DBVH não é marcado com artigo, de que são exemplos os informantes E03, E21 (“*fon daitschland*”) e E20 (“*in daitschland*”)¹⁵¹. Também expressões como as que E36 utiliza, são

¹⁵¹ Em uma das frases de controle (frase número 7), na qual se procurou forçar tal situação (“*a roupa dos alemães é bem diferente da roupa dos brasileiros*”), 25 dos 36 informantes traduziram a expressão segundo a norma, três deles (E12, E22 e E25), porém, a traduziram utilizando, de alguma forma, o substantivo “Alemanha”¹⁵¹, deixando clara esta interferência. Outros três também lançaram mão deste substantivo, mas traduziram a frase sem interferências. Outros 5 informantes não traduziram as frases de controle por não se sentirem confortáveis na situação ou declararem não dominar suficientemente o Pt para poder fazê-la.

claramente resultantes de interferência do Pt: *programa fon vida e saúde*¹⁵² e *(.) wenn pólos (.) gelo fon pólos sich derretehre... fohlóhfe tun*¹⁵³. Apesar disto, ainda é padrão do DBVH fazer a composição das palavras sem a interferência da preposição portuguesa *de*, traduzida para *fon*. O comum é obter palavras compostas pela junção, fazendo-se uma inversão. A tendência para a composição sintética pode ser constatada mesmo em palavras emprestadas pelo Pt ao DBVH:

E06 - hi uwe uf'm fussballkémpe (aqui em cima no campinho de futebol)

E11 - schurraskche ich dénge :: katoffelpalit (churrasquinho, eu penso :: palito de batata [batata frita])

E21 - naun (.) saltofabric (não, fábrica de salto [de sapatos])

Com relação à preposição *fon*, ela rege regularmente no DBVH o dativo e sofre interferência do Pt na formação substantival em exemplos isolados de oito informantes, que preferiram a forma analítica à sintética. Este fato, porém, não constitui regra, embora oito informantes representem um total de 22,2% do universo pesquisado, pois, assim como todos os outros informantes, utilizam regularmente, na grande maioria dos casos, a formação sintética, de forma que a frequência da forma analítica se torna desprezível.

4.1.4. A preposição *ba/bai*

Diferente da preposição *bei*¹⁵⁴ do *Hochdeutsch*, o *ba* do DBVH, que algumas vezes apresenta a variante *bai*, não funciona exclusivamente com o caso dativo. Ela é preposição variável, utilizada tanto no dativo como no acusativo.

¹⁵² "Programa de vida e saúde".

¹⁵³ "Quando pólos (.) gelos dos pólos derrete ... derrete" (E36 usa primeiro a palavra para o verbo derreter vinda do Pt e na sequência sua equivalente no DBVH).

¹⁵⁴ Pronúncia: *bai*.

Tabela 9: Tabela descritiva do funcionamento da preposição *ba/bai* no DBVH

	Preposição <i>ba/bai</i> no DBVH	
	Acusativo	Dativo
Masculino	<i>ba/bai</i> ¹⁵⁵ <i>de</i>	<i>bam/baim</i>
Neutro	<i>ba's/bai's</i> ¹⁵⁶	<i>bam/baim</i> ¹⁵⁷
Feminino	<i>ba/bai die</i>	<i>ba/bai de</i>
Plural	<i>ba/bai die</i>	<i>ba/bai de</i> ¹⁵⁸

A regra de utilização de um caso ou de outro é a mesma das preposições variáveis do *Hochdeutsch*¹⁵⁹. Assim temos, por exemplo, o acusativo feminino em E03 *un ba die nochbarin gehn tee tringe*¹⁶⁰ e o dativo masculino em E31 *bam frehlich hónn ich schon geschafft*¹⁶¹.

Em um estudo sobre a fonética e a morfologia do dialeto *Hunsrück* da comunidade de Beuren, na Alemanha, feito por Peetz¹⁶², o *bei* se comporta da mesma forma, sendo, portanto, uma característica intrínseca do DBVH, sem traços de interferência do Pt. Assim pode-se citar exemplos de acusativo, quando se trata de verbos que expressem a noção de deslocamento de um ponto A para um ponto B:

¹⁵⁵ *Ba* é a forma mais utilizada no *corpus*; algumas vezes, é utilizada a variante *bai*.
¹⁵⁶ Não houve ocorrência no *corpus*; esta é a forma de ocorrência do acusativo neutro no DBVH, segundo os conhecimentos do autor.
¹⁵⁷ Não houve ocorrência no *corpus*; esta é a forma de ocorrência do dativo neutro no DBVH, segundo os conhecimentos do autor.
¹⁵⁸ No *corpus* ocorre *bai dénné*. Neste caso, o único que apresenta ocorrência de dativo plural, se trata de um pronome (no *Hochdeutsch* “bei ihnen”) e não de um artigo determinado.
¹⁵⁹ Usa-se dativo quando é possível responder, no DBVH, as perguntas “wo? wem? woher?” (onde? A quem? De onde?) e acusativo com “wen? wohin?” (quem? - objeto direto -, para onde?).
¹⁶⁰ E03: “ir na vizinha tomar um chá”.
¹⁶¹ E31: “no Fröhlich (empresa com este nome) eu já trabalhei”.
¹⁶² Peetz (1989: p. 249-250).

Masculino:

E09 – (.) die sinn bis in de *teewald* gann (.) ba de kretz fried dat hin; E12 - ai so wenn ich bai de dokta gehn (.); E13 - (.) fiel lait wo kenn geld hónn kenne nett anaschde ba de dokta gehn né (.)

Neutro:

nenhuma ocorrência no *corpus*

Feminino:

E03 (.) un ba die nochbarin gehn tee tringe; E19 - ja do is ma génns als ba die musik un do un dat rómm hin; E20 - fia moh 's ioha meh dófft ma nett ba die musik gehn ::; E26 - móie gehn niwa ba die mæe (.) nunna ba die nónnna

Plural:

E01 – (ich gehn) ba die nochbre; E07 - moie tun ich denge ba die med; E12 - ba die nochbaschlait (gehn); E16 - manichmoh tun ich génns schpatsehre ja (.) móie ba die parende un bokande; E16 - dann sinn ich ruff ba die eltre gefóh (.) schwiechele; E33 - móie gann ba die **amigas** un geschpielt; E25 - ah ich fóhre génns móie ba die kinna (.) kinna ufsuche

O mesmo ocorre também no caso dativo, quando se trata de verbos que não exprimam deslocamento:

Masculino:

E03 - (.) unne bam *willi wowo* (.) wó óch mit; E04 - (.) das mehre geschoss hot dounne (.) bam *wiescht*; E09 - ... baim *kielling* nunna darich die summaschnehs nunna en troht wó nunna; E10 - (.) sinn ma widdageschtickt dohiehiunne bam lias; E14 - ja (.) dehem daitsch awe bai de (.) bai de *leila* nore **português** un baim victo (.); E15 - (.) meh óngesiehn baim herrgot als mea (.); E21 - (.) gans friha gél ich hónn sogó baim uagrossfadda sai fohwande gelénnt (...) ich wó en tsait in *hamborich* wó ich baim dokda bremm dat hónn ich's (.); E21 - (.) das wó baim *arnold* (.); E24 - det ma de *canal rural* fiellaicht gucke (.) hónn ich als so baim *schillo* schon; E26 - ich denge *santa catarina* bam *ene* sa **wowo** (.) denge; E31 - jo :: bam *frehlich* hónn ich schon geschafft

Neutro:

nenhuma ocorrência no *corpus*

Feminino:

E14 - ja (.) dehem daitsch awe bai de (.) bai de leila nore **português** un baim *victo* (.)

Plural:

E21 - ich hónn jo óch mai dings abgebb (.) maim kind dann tun ich dohie bai déenne (wohne)

Embora houvesse suspeitas iniciais de interferências, em exame detido a preposição *ba/bai* no *corpus* não se mostrou produtiva, de forma que aqui só se possa fazer alusão a ela com fins descritivos em vista da singularidade de seu funcionamento, divergindo do alemão-padrão¹⁶³.

4.1.5. A reflexividade

Antes da análise da interferência do Pt no DBVH no âmbito da reflexividade, é importante fazermos a distinção entre a reflexividade existente em verbos reflexivos acidentais e verbos reflexivos pronominais. A retenção do pronome reflexivo na incorporação daquele responde a uma contingência semântica, já que espelha uma ação reflexa como está no mundo. Já o pronome reflexivo que acompanha o segundo, também chamado de reflexivo essencial, é um peso morto para a língua, pois não remete a uma ação reflexa no mundo, não tendo o pronome um referente próprio. A permanência do pronome reflexivo vindo de interferência do Pt só deve chamar a atenção, portanto, no segundo caso, pois, ao contrário dos verbos reflexivos acidentais, não há justificativa semântica para tal fenômeno.

Alguns verbos reflexivos acidentais, dos quais não havia outra expectativa senão a incorporação direta devido a contingências semânticas, puderam ser coletados no *corpus*, confirmando o fenômeno: *sich reuniehre* (E06) – reunir-se, *sich reschpetehre*

¹⁶³ Há muitos preconceitos lingüísticos de falantes do alemão-padrão no RS em relação a falantes de uma variante como o DVBH. Uma das afirmativas é de que estes não sabem utilizar “corretamente” os casos dativo e acusativo. Como se vê, é uma idéia sem fundamento, pois o uso de dativo ou acusativo com preposições como *bei* segue determinadas regras com coerência interna e inerentes ao sistema.

(E22) – respeitar-se, *sich nanna complimentehre* (E24) – cumprimentar-se, *sich defendehre* (E29, 31) – defender-se e *sich locomovehre* (E33) – locomover-se.

Também os verbos reflexivos essenciais, dos quais se poderia supor que não levassem necessariamente consigo para o DBVH a reflexividade, pois não têm o pronome como um referente próprio, mantiveram a reflexividade, como confirmam as incorporações no DBVH que puderam ser coletadas: *sich virehre* (E04, E05) – virar-se, *sich mixturehre* (E04) – misturar-se, *sich uniehre* (E05) – unir-se, *sich acertehre* (E08) – acertar-se, *sich incomodehre* (E14) – incomodar-se, *sich comunikehre* (E27) – comunicar-se, *sich derretehre* (E36) – derreter-se, *sich desesperehre* (E36) – desesperar-se. *sich parabenizehre* (E24) – parabenizar-se.

No *corpus* não pode ser encontrado nenhum verbo no DBVH vindo do Pt que tenha perdido sua reflexividade; esta característica gramatical sempre se manteve.

Dessa forma pode-se concluir que assim como o gênero do termo português se transfere junto com o empréstimo, também a reflexividade segue a regra geral de incorporação, ou seja, sempre que o verbo incorporado no DBVH exigir um pronome reflexivo no Pt, também o necessitará no DBVH, independente de ser um reflexivo accidental ou essencial. A partir da incorporação, o verbo passará a funcionar como qualquer outro reflexivo do sistema do DBVH.

Pützer (1988) descreve, como se pode ver abaixo, o funcionamento dos pronomes reflexivos do dialeto da comunidade de Großrosseln, localizada na região do *Hunsrück*, na Alemanha. A mesma tabela¹⁶⁴ também vale para o DBVH:

Tabela 10: Os pronomes reflexivos no DBVH

Sg.	1ª Pessoa	mea/mich ¹⁶⁵
	2ª Pessoa	dea/dich
	3ª Pessoa	sich
Pl.	1ª Pessoa	uns
	2ª Pessoa	aich
	3ª Pessoa	sich

Um dos verbos coletados, apesar de ser parte do sistema do DBVH e não uma incorporação do vinda Pt, sofreu a interferência do sistema gramatical do Pt. A expressão “casar-se com alguém”, não é reflexiva em alemão; mesmo assim E06 utiliza nas frases de controle - *de waldir hot sich gehairat mit de maria*. Aqui há a transferência gramatical do Pt, fazendo com que o verbo *hairade* passe a ser utilizado como reflexivo.

4.1.6. Formação de plural

O plural no DBVH se realiza de quatro diferentes formas, como se pode observar abaixo¹⁶⁶:

¹⁶⁴ Pützer (1988: p. 398). A mesma tabela também já foi utilizada por Sambaquy-Wallner (1995: p. 65) para estudar o dialeto de São José do Hortêncio (RS).

¹⁶⁵ Aqui a primeira forma é o pronome reflexivo no dativo e a segunda no acusativo. Somente na 1ª e 2ª pessoas do singular há diferenças, nas outras tanto dativo quanto acusativo são iguais.

¹⁶⁶ A base para a elaboração da formação do plural do DBVH são os estudos realizados por Damke (1997: p. 103-109) para o dialeto *Hunsrück* de Linha Ipê, no Município de São Paulo das Missões, na Região das Missões no RS.

1) pelo morfema /-e/ na forma das seguintes variantes:

a) (-e):

(I) se a raiz terminar por consoante, que, sendo oclusiva surda, será então sonorizada;

(II) se a raiz terminar pela vogal /e/, que será então suprimida;

b) (-re): se a raiz terminar pela vogal /a/, que será então suprimida, a menos que seja antecedida de /r/;

c) (-ge): se for raiz portuguesa terminada por vogal travada por /n/;

2) pelo morfema /-a/: se a raiz for terminada em /<→/, /<→v/ ou /<→r/¹⁶⁷;

3) pela metafonía¹⁶⁸ (mutação, *Umlaut*);¹⁶⁹

4) por morfema zero (∅)

Os exemplos abaixo, colhidos no *corpus*, ilustram a formação de plural do primeiro grupo em todas as suas variantes:

¹⁶⁷ Cf. Damke (1997: p. 106). Observe-se que aqui não adotamos a transcrição fonética para os exemplos da tabela 10.

¹⁶⁸ Termo usado como em Dubois et alii (1978: p. 411).

¹⁶⁹ Para as formações de plural do tipo "3" e "4" não foi possível encontrar fenômenos sistemáticos; eles representam poucos casos no DBVH e devem ser tratados como exceções, tendo formação aleatória, já que não são fonêmica ou morfemicamente condicionados. Damke (1997: p. 107-108) diz que são análogas às formações desse tipo no *Hochdeutsch*, mas também aponta exceções para o *Brasildeutsch*, mesmo seguindo essa lógica. Dessa forma explica-se a formação de plural de palavras como *sénga* (forma 2 na tabela 10), que não seguem a regra 1b, mesmo sendo terminadas em /a/.

Tabela 11: Formação de plural com o morfema /-e/ no DBVH

Forma	Singular	Plural	tradução
1a (I)	schtrohs (E10)	schtrohse (E07)	a estrada, as estradas
	schul (E20)	schule (E20)	a escola, as escolas
1a (II)	alde (E25)	die alde (E04)	o velho (o senhor), os velhos
	funde (E32)	funde (E16, 20)	a funda, as fundas (atiradeira)
1b	farra (E23)	farrare (E07)	pastor, pastores
	baua (E 21)	baure (E03)	agricultor, agricultores
	dokta (E08)	doktre (E12)	doutor (médico), doutores
1c	televisón (E05)	televisónge (E09)	a televisão, as televisões
	armazém (E10)	armazénge (E05)	o armazém, os armazéns

A formação de plural em “1a (I)” é a que ocorre com maior frequência no DBVH, já a de “1a (II)” é bastante rara; outra formação de plural existente no DBVH, também de menor frequência, para a qual não pode ser encontrada nenhuma interferência do Pt¹⁷⁰, é a do plural em “-re” (exemplos de “1b”), cujos substantivos terminam em “-a” no singular. Outros substantivos no plural como *tsiggre* (E03), *póddre* (E07), *bowre* (E15) e

¹⁷⁰ Foi encontrada o substantivo “açudre”, o qual não se encaixa nas regras, conforme o explicado anteriormente.

*gummre*¹⁷¹ (E17) puderam ser encontrados no corpus, mas sem um equivalente no singular.

A formação de plural aparentemente estranha de “1c”, com formação através de “-ge”, ocorre um mecanismo para cuja compreensão Altenhofen (1996) fornece subsídio¹⁷². Os plurais do Pt terminados em “-ões”, “-ães” e “-ãos” sofrem o acréscimo de “-e” ao serem incorporados ao DBVH; com as nasais também há a alteração (fechamento) de “-~o” para “-on”¹⁷³ ([oŋ]). Seguido de /e/, [ŋ] se desdobra em [ŋg]. Para este fenômeno os seguintes plurais puderam ser colhidos no corpus: *armazénge* (E05), *televisónge* (E09), *prestaçãoge* (E14) e *caminhónge* (E20, 27). A alteração para “-on” e o acréscimo de “-s” como marca de plural, descrita por Altenhofen¹⁷⁴, não pode ser encontrada no DBVH. Quando ocorrem tais plurais, há o empréstimo pleno da palavras, sem nenhuma alteração, provavelmente por ainda ser um empréstimo recente, com em *condições* (E23) e *instruções* (E31).

Para a formação de plural com morfema /-a/, pela metafofia ou com morfema zero, os seguintes exemplos podem ser arrolados:

¹⁷¹ A tradução destas palavras é, respectivamente: *cigarros* (E03), *padres* (E07), *abóboras* (E15), *pepinos* (E17). O singular delas (não encontrado no corpus) seria, respectivamente: *tsigga*, *pódda*, *bowa*, *gumma*.

¹⁷² Altenhofen (1996: p. 202, 4.1.4.5 d).

¹⁷³ Staub (1983, p. 107) também registra esta permuta do ditongo nasal “-ão” por “-on”, considerando-a como “o único empréstimo fonético registrado no *Hunsrückisch* de São Martinho (RS)”.

¹⁷⁴ Altenhofen (1996: p. 202 em 4.1.4.5 d).

Tabela 12: Formações de plural com o morfema /-a/, pela metafonial/Umlaut ou morfema zero no DBVH

Forma	Singular	Plural	Tradução
2	sénga (E21)	sénga (E23)	o cantor, os cantores
	heft (E36)	hefta (E01)	o caderno, os cadernos
3	mann (E25)	ménna ¹⁷⁵ (E08)	o homem, os homens
	haus (E12)	haisa (E05)	a casa, as casas
	bóhm (E13)	behm ¹⁷⁶	a árvore, as árvores
4	schuh (E36)	schuh (E34)	o sapato, os sapatos

Outra formação de plural se realiza com o acréscimo do morfema de plural /-a/. Esta terminação também faz parte do sistema do DBVH, como podemos observar em substantivos não provenientes de interferência, de que são exemplos *die senga*¹⁷⁷ (E23), *die egga*¹⁷⁸ (E24) e *bilda*¹⁷⁹ (E17, E25 ambos nas palavras de controle)¹⁸⁰.

¹⁷⁵ Além do alteração por Umlaut, ocorre aqui e no próximo exemplo, também a regra anterior, ou seja, o acréscimo do morfema de plural (/ -a/).

¹⁷⁶ Nenhum exemplo de formação de plural somente com *Umlaut* pode ser encontrado no *corpus*, embora existam vários no DBVH, como o exemplo. Outros exemplos como *stuhl – stihl* (cadeira, cadeiras), *kuh – kih* (vaca, vacas), *nóhl – nehl* (prego, pregos) ou *maus – mais* (rato, ratos) podem ser citados. Também Damke (1996 : p. 108) confirma a existência dessa formação de plural.

¹⁷⁷ Tradução: *os cantores*, assim como *die Sängers* em alemão-padrão.

¹⁷⁸ Tradução: *os interioranos* (moradores do interior).

¹⁷⁹ Tradução: *as fotos*, assim como *die Bilder* em alemão-padrão.

¹⁸⁰ Apenas para fins comparativos, esta terminação de plural do DBVH equivale à marca de plural “-er” do alemão-padrão, como em *die Sängers*, *die Amerikaners* e *die Bilder*.

Na formação de plural com *Umlaut* ocorre a modificação do timbre de uma vogal e, em vários casos, a combinação desta com o acréscimo do morfema de plural /-a/¹⁸¹, como visto anteriormente no exemplo *haisa*; nesses casos há a combinação das regras 2 e 3, fazendo uma marcação dupla para a formação de plural. Com o plural em morfema zero ocorre o mesmo que no Pt com o substantivo *ônibus*, ou seja, a forma é a mesma no singular e no plural.

Naturalmente registram-se no *corpus* numerosos casos em que o vocábulo está com a pluralização portuguesa, como em *passeios, praias* (E13), *drogas, novelas, assaltos, vizinhos* (E15), *multas, acidentes* (E18), *netos, genros, pesquisas* (E20), *casais, solteiros* (E23), *despesas, firmas* (E24), *filmes, pólos, línguas* (E36). Todas as palavras encontradas com estas características estão listadas abaixo no grupo “2”. Seria ilógico explicar estes casos através do uso da formação de plural, como é no alto-alemão, com acréscimo do “-s”, como em *das Taxi --> die Taxis*, *das Kino --> die Kinos*. Há somente empréstimos plenos, já que o plural destes substantivos é também formado desse modo em Pt. Damke¹⁸² também confirma em seus estudos que a formação de plural em /-s/ é emprestada pelo Pt junto com o substantivo.

Ao todo foram encontradas no *corpus* 49 palavras emprestadas do Pt, que podem ser divididas em quatro grupos de formação de plural:

1) plural em “-e” (23 palavras):

bicicléde, farrape, maragade, police, municibe, compromisse, armazénge, schefe, televisónge, filme, parende, funde, repugge, koloniste, konditsiohne, prefeide, póddre, caminhonge, trilhe, karehre, potrehre, recive, potrehre

2) plural em “-s” do Pt (22 palavras):

amigos, passeios, praias, drogas, novelas, assaltos, vizinhos, multas, acidentes, netos, genros, pesquisas, condições, casais, solteiros, guri, despesas, firmas, instruções, filmes, pólos, línguas

3) plural em “-a” (2 palavras):

bissiclédaredda, doisimónnga

4) sem classificação (2 palavras):

families, açudre

E24 forma dois plurais que não podem ser classificados nas regras acima: “families” e “açudre” (açudes), por isso foram colocadas em um grupo separado (grupo “4”), caracterizando exemplos incomuns, de formação duvidosa, que possivelmente não entrarão no sistema do DBVH. O plural “families” provavelmente é formado por analogia à formação de plural em “-s”, típica do Pt. Já “açudre” pode ter sido formado a partir da estrutura do DBVH, na qual singulares terminados em “-a”, conforme já se disse, formam o plural em “-re”. Estas duas formações são incomuns no DBVH, já que os respectivos plurais deveriam ser “açude” e “familie”, como confirma E22 com o uso do plural da palavra *famílias*: “...un tswansich ore tswói un tswansich familie¹⁸³”.

¹⁸¹ Assim como descrito na “regra 2” de formação de plural.

¹⁸² Cf. Damke (1997: p. 108).

¹⁸³ “...e vinte ou vinte e duas famílias”. Para a palavra “açude” nenhum plural pode ser encontrado no *corpus*.

4.1.7. Alterações em vogais fracas postônicas de substantivos provenientes do português

Muitas vezes os substantivos provenientes do Pt são incorporados ao DBVH sem serem modificados, caracterizando empréstimo pleno (p.ex. em E11 *amigos*, E20 *interior*, E22 *programa*, E34 *mapas*). Grande parte das formas emprestadas, porém, sofre alterações de ordem morfofonológica ao ser incorporada ao DBVH, modificando-se nas terminações, ocorrendo a eliminação ou a substituição da vogal fraca postônica¹⁸⁴.

Há dois tipos de modificações possíveis¹⁸⁵: a eliminação da vogal fraca postônica ou a substituição desta por uma do *Hunsrückisch*. Aqui não se pode estabelecer uma regra geral que trate da incorporação dos substantivos do Pt, visto que apenas uma parte deles é modificada morfofonologicamente, sem que seja possível verificar a regularidade de ocorrência. Tomando-se por base dois informantes, pode-se identificar esta falta de regularidade. Em uma mesma seqüência de fala, E03 utiliza o substantivo *polícia* no feminino singular como um simples empréstimo lexical, fazendo, porém, alterações de sufixo em sua forma no plural:

"is gut bessa dass es teewald gebbt hat (.) weche de **polícia** (.) wenn (.) dohie wóhre póh kélle die hónn imma gebriegt so fa tsehn tselef joha hea (.) un bis dann die **police** anhand wóhre fon dois irmóns un dann hónn die's tsufiel benutzt".

Já E18 utiliza o substantivo feminino plural *multas* de duas formas diferentes na mesma seqüência da coleta de dados:

¹⁸⁴ Em seção posterior, onde serão estudados os empréstimos lexicais puros, haverá o confronto dos substantivos que sofreram algum tipo de modificação com os empréstimos sem modificações. Assim será possível verificar com que frequência ocorrem alterações ou não no DBVH.

¹⁸⁵ Gärtner e Cunha (1998, p. 29-30) chamam isto de "eliminação e substituição de sufixos".

„(.) is de (.) wechem código de trânsito wo alles enre tut (.) die **mulde** dass se mechtich hoch gewe (...) naun de blaiht negscht selwisch blohss die **multas** gewe hecha un muss ma bessa (.) meh ufasse (.)”.

Isso vem exemplificar a instabilidade de tais modificações, rebeldes a um princípio de regularidade de ocorrência, ao menos em seu estágio atual. Embora assim seja, pode-se supor que esses substantivos que no momento são instáveis, ou seja, apresentam-se ora como empréstimos plenos, ora com alteração de forma, se cristalizarão no DBVH em sua forma adaptada e não como empréstimos plenos.

4.1.7.1. Supressão da vogal fraca postônica

Muitos substantivos, ao serem transferidos do Pt para o DBVH, perdem a seqüência fonológica final, geralmente a vogal fraca postônica¹⁸⁶ e, somente em um caso colhido, a marca de número. O que se opera, nestes casos, é uma regra morfofonológica, que determina a apócope.

Segue aqui uma tentativa de sistematização da supressão dos fonemas finais das unidades mórficas.

a) vogal fraca postônica /ol: *calçamento* → *calçament* (E01), *galeto* → *galet* (E06), *asfalto* → *asfalt* (E06, 07, 15, 31), *pagamento* → *pagament* (E07), *puxa-saco* → *puxasac* (E09), *palito (de batata)* → *katoffelpalit* (E11), *prefeito* → *prefeit* (E20, 22, 36), *campo* → *camp* (E23, 33, 35), *campeonato* → *campeonat* (E24), *recurso* → *recurs* (E29), *subprefeito* → *subprefeit* (E29), *ponto* → *pont* (E36)

¹⁸⁶ Aqui se poderia argumentar que o termo *vogal fraca postônica* seria um pleonasma, pois *postônica* já deixaria entender que é *fraca*. Não necessariamente; pode-se pensar numa seqüência em que a tônica inicial de uma palavra se siga à tônica final do vocábulo anterior, como em *pé chato*. O /a/ de *chato* éônico postônico.

b) ditongo fraco postônico /jol/: *município* → *municip* (E03, 04, 09, 12, 15, 20, 22, 24, 30, 32, 35)

c) vogal fraca postônica /el/: *creche* → *crésch* (E05, 12), *subintendente* → *subintendent* (E09), *bife* → *bif* (E14), *palpite* → *palpit* (E30)

d) vogal fraca postônica /al/: *bicicleta* → *biciclét* (E01, 18, 36), *motorista* → *motorist* (E18), *conversa* → *convés*¹⁸⁷ (E21), *jararaca* → *scharak*¹⁸⁸ (E33), *pinica*¹⁸⁹ → *pinik* (E36)

e) vogal fraca postônica /el/ e marca de plural /-s/: *doces* → *doss* (E12)

Enquanto nos casos acima apenas ocorrem adaptações de contorno fonológico, aqui ocorre a aplicação de terminações gramaticais, sendo, portanto, alterações de caráter morfológico. Além da eliminação da vogal fraca postônica da forma básica, há o acréscimo da marca de plural do DBVH, como se verifica nos exemplos abaixo colhidos no *corpus*:

- **as vogais fracas postônicas são eliminadas e há o da marca de plural do DVBH /-el/**¹⁹⁰: *bicicletas* → *biciclède*¹⁹¹ (E01), *creches* → *crésche* (E01), *farrapos*, *maragatos* → *farrape*, *maragade* (E02), “os *polícias*” → *police* (E02, 03,

¹⁸⁷ Aqui houve mais uma alteração: a eliminação do “r”, provavelmente para desfazer a seqüência intrassilábica [rs].

¹⁸⁸ Houve somente a eliminação de “-a”, visto que no Pt de BVH já houve a simplificação de “jararaca” para “jaraca”.

¹⁸⁹ No RS utilizado para “bola de gude”.

¹⁹⁰ Os equivalentes no Pt foram colocados antes das palavras colhidas no *corpus* apenas para fins ilustrativos. Vale lembrar que o empréstimo ocorre a partir da forma básica, depois disso há, nos exemplos aqui arrolados, a aplicação de uma marca de plural do DBVH. Alguns substantivos estão repetidos aqui (como p.ex. *crésche*) por aparecerem no *corpus* tanto em sua forma singular, ocorrendo

21, 25), *municípios* → *municibe* (E03, 16, 24), *parentes* → *parende* (E05, 16, 20, 21, 23), *compromissos* → *compromisse* (E05), *bolachas* → *bolasche* (E06), *chefes* → *schefe* (E07), *fundas (bodoques)* → *funde* (E16, 20), *arapucas* → *repuge*¹⁹² (E16), *multas* → *mulde* (E18), *prefeitos* → *prefeide* (E20), *trilhos* → *trilhe* (E20), *picadas (atalhos no mato)* → *picóhde* (E21), *pechadas (batidas, colisões de veículos)* → *pechóhde* (E21), *veranistas* → *veroniste* (E21), *potreiros* → *potrehre* (E21, 27, 30), *bodegas* → *bodehge* (E22), *recibos* → *recive* (E23)

Neste grupo poder-se-ia questionar se os exemplos colhidos realmente estão no plural, mas o contexto no qual aparecem os substantivos no *corpus* deixa isto absolutamente claro. Para vários dos substantivos arrolados acima inclusive é possível listar pares mínimos constantes no próprio *corpus*. Os exemplos abaixo, inseridos em seus respectivos contextos, comprovam o contraste entre singular e plural:

a) *municip* (E04) – *municibe* (E16)

E04 – “*is bessa (.) mea'n **municip** sinn né (.) wall wenn **municip** dois irmãos wea tet noch wenicha gemach wére wie iets schon gemach wét (.)*”

E16 – “*ja (.) etliches kénnt gebessat das is jo iweall (.) anres is gut wo se mache (.) un so wie's in naie **municibe** geht un (.)*”¹⁹³

b) *biciclét* (E18) – *bicicléde* (E01)

apenas a eliminação da vogal fraca postônica, quanto no plural, ocorrendo o acréscimo da marca de plural /-e/ do DBVH. Todos eles podem ser classificados nos grupos de “a” a “e” arrolados acima.

¹⁹¹ Aqui também ocorre o abrandamento da consoante “t → d”.

¹⁹² Aqui e em alguns outros substantivos dessa seção (como em *recive*) houve outras alterações de ordem fonética e morfológica.

¹⁹³ Tradução: E04 – “É melhor nós sermos um município, né, porque se (ainda) fosse município de Dois Irmãos, ainda menos seria feito, do que já é feito agora”. / E16 – “Sim, alguma coisa podia ser

E18 - *frai hónn? **biciclét** fohre*

E01 – (*Ent - was is nett gut?*) **bicicléde** / : / **marca** fon **biciclét**? :: **monark**¹⁹⁴

c) *crésch* (E05) – *crésche* (E01)

E05 - *dohie ufm schpeckhof das notwenichschte wea (.) en **crésch** (.) wall fiele
eltre dehre génn schaffe gehn waibsláit un kénne nett*

E01 – (*Ent - was misst se dohie mache?*) **crésche** hinbaue¹⁹⁵

d) *prefeit* (E20) – *prefeide* (E20)

E20 - *ja de hot dat die **prefeitura** (.) de is io **prefeit** im morro reuter :: de hot do
pesquisas gemach un hot (.) die sóhn die **prefeide** dat die komme dohie ba de
die daitsche **prefeide** (.) de hot óch **parende** draus wohne¹⁹⁶*

Com as alterações morfêmicas processadas acima, poder-se-ia supor que não há mais marcas distintivas de número para alguns substantivos do DBVH. No *corpus* ocorreram apenas dois pares exemplificando este caso: *bodéhge* (E21,29) / *bodehge*¹⁹⁷ (E22) e *funde* (E32) / *funde* (E16, 20) respectivamente para o singular e o plural. Por ser a língua materna do autor, este também pode citar, apenas a título de confirmação do que aqui está sendo estudado com base em dados colhidos cientificamente, que há várias outras ocorrências que se enquadrariam neste caso, embora não tenham sido

melhorada, como é em todos os lugares, outras coisas que eles fazem são boas, assim como vai nos municípios novos”.

¹⁹⁴ Tradução: E18 – “(O que eu faço quando) tenho livre? Andar de bicicleta. / E01 – “ (Ent – o que não é bom?) E01 – bicicletas / : / marcas de bicicleta? Monark”.

¹⁹⁵ Tradução: E05 – „Aqui na BVH o mais necessário seria uma creche, porque muitos pais, mulheres, gostariam de ir trabalhar e não podem”. / E01 – “ (Ent – o que teriam de fazer aqui?) Construir creches”.

¹⁹⁶ Tradução: E20 – „Sim, ele tem lá a prefeitura. Ele é o prefeito de Morro Reuter. Ele fez pesquisas e ele ... eles dizem que os prefeitos de lá vem para cá visitar os prefeitos alemães daqui. Ele também tem parentes morando lá fora (na Alemanha)”.

colhidas no *corpus*. A forma de plural padrão para o DBVH para as seguintes palavras seria: *muhle* (E25) → *muhle*, *brige* (E22) → *brige*, *schurraske* (E02) → *schurraske*, *fasche* (E01) → *fasche*, assim como ocorre no Pt com substantivos como *o lápis* → *os lápis*.

A distinção entre os pares iguais é determinada pelo artigo (gênero) do substantivo para masculinos e neutros (*de* e *das*), caso ele esteja presente. Quando há a ocorrência de femininos e plurais (ambos *die*) ou a ausência da marca de gênero, a diferenciação também fica clara pelo contexto, ou, se houver preferência, pela explicação baseada em um recurso técnico-gramatical, pela flexão verbal que explicita o número do substantivo referido. Em quase todos os casos constatados com sufixação “-e” no plural, o singular forma-se através da eliminação do sufixo do Pt, conforme descrito acima. Os pares *prefeit* (E20) / *prefeide* (E20), *municip* (E22) / *municibe* (E03) e *biciclét* (E36) / *bicicléde* (E01) são exemplos disso.

4.1.7.2. Substantivos com substituição da vogal fraca postônica

Além da eliminação da vogal fraca postônica, muitas vezes também ocorre o acréscimo de uma nova vogal fraca postônica típica do DBVH. Vogais fracas postônicas dos substantivos emprestados do Pt são substituídas por /e/, que faz parte do inventário do DBVH. Esta alteração morfofonológica é indício de que tal termo lexical já foi incorporado ao DVBH. Assim, processam-se as substituições nos seguintes casos:

- **as vogais fracas postônicas dos substantivos do Pt terminados em /ol/, /al/ e /jal/ são substituídas por /el/:** *faixa* (asfalto) → *fasche* (E01, 21), *venda*

¹⁹⁷ E22 produz aqui *bodehge*, embora o normal seja *bodéhge* para o singular e o plural no DBVH. Trata-se de uma variante pessoal. Não há no *corpus* ocorrência dessa palavra no plural.

(armazém) → *vende* (E02, 12), *churrasco* → *schurraske* (E02, 07, 09, 27, 27, 30, 35, 36), *cadeia* → *cadee* (E04, 08), *São Leopoldo* → *san leopolde* (E05), *bodega* → *bodéhge* (E21, 29), *briga* → *brige* (E22), *galinhada* → *galinhóde* (E24, 28, 34), *mula* → *muhle* (E25), *funda* (bodoque) → *funde* (E32), *graça* → *grace* (E24).

4.1.8. Interferências sintáticas

A posição verbal é uma das características marcantes das línguas alemãs. Via de regra, o verbo (V) deve estar na posição 2 (P2) no DBVH, assim como no alemão-padrão, sendo acompanhado do sujeito (S), que se encontra sempre imediatamente antes ou depois do verbo, ou seja, na posição 1 (P1) ou 3 (P3). A estrutura frasal é, portanto, rígida. A partir dos exemplos abaixo podemos observar a posição verbal:

a) *die notícia gucke ich génn awe novela un so'n dins nett* (E29)¹⁹⁸

P1: objeto direto (*notícia*) + P2: V – (*gucke*) + P3: S – (*ich*) + outros elementos

b) *ich gucke mittachs de chaves* (E02)

P1: S + P2: V + outros elementos sintáticos

Em orações subordinadas do alto-alemão e do DBVH a posição verbal não é P2, passando o verbo para o final da respectiva oração, como pode ser observado no exemplo abaixo¹⁹⁹.

¹⁹⁸ Traduções das frases:

a) *a notícia eu gosto de olhar, mas novela e e coisas assim...*

b) *eu olho de tarde o (programa do) Chaves*

c) *para nós é melhor aqui, que o Herval seja município*

d) *... porque se deve falar aqui.*

c) *fa uns is es bessa hie dass teewald municip is* (E23)

O deslocamento do verbo para a posição final em orações subordinadas muitas vezes não é respeitada na oralidade, tanto no DBVH quanto no alemão-padrão, sendo marca de informalidade; no alemão-padrão isso também pode ser utilizado como recurso estilístico, como é o caso, por exemplo, da construção de rimas em poemas.

O conector *wall* (porque), que introduz subordinada adverbial, também deveria deslocar o verbo para a posição final, por exemplo, deveria funcionar como no exemplo acima, mas comumente aparece em P2 na oralidade:

d) *(.) wall do muss ma dohie schpreche* (E33)

Aqui o verbo auxiliar *muss* deveria estar na posição final, mas aparece na P2. O mesmo ocorre com vários outros falantes nas gravações do *corpus*. Também no uso do conector *wenn* (se, caso) se pode constatar que muitos entrevistados não colocam o verbo em posição final. No Pt a colocação do verbo não é em posição final, senão por ausência de complementos. Embora possa haver suspeitas, não há referências seguras para determinar se há eventuais interferências do Pt neste tipo de estrutura do DBVH. A investigação fica restrita às interferências que possam ocorrer em orações do tipo “a” e “b”, como descrito acima, visto que o sistema do DBVH sempre exige regularmente o verbo em P2 e, dessa forma, é facilmente determinável a ocorrência de uma interferência.

¹⁹⁹ É evidente que está sendo dada uma explicação pouco detalhada da posição verbal do alemão, uma vez que este não é o foro do estudo. Há apenas uma explanação superficial, para que a interferência sintática estudada mais adiante fique clara mesmo àqueles que não tenham noções da estrutura gramatical do alemão. Para maiores detalhes, gramáticas do alemão podem ser consultadas (ver referências bibliográficas).

Muitos casos de interferência sintática do Pt no DBVH puderam ser constatados com o verbo em posição diferente da exigida (P2). O que sempre ocorre é o decalque da estrutura sintática do Pt no DVBH. Isto fica evidente no momento em que as orações ditas no DBVH podem ser traduzidas para o Pt sem a alteração da ordem dos componentes, com o verbo em P3, enquanto a ordem comum do DBVH exigiria o verbo em P2, como já descrito (orações do tipo “a” e “b”):

E01 - ... *de professor dann muss imma in alemón*

... o professor então tem de sempre (traduzir) em alemão

P1 – S + P2 – advérbio (ADV) + **P3 – V** + outros elementos (OEL)

E02 - ... *was du willscht dann da draus sóhn*

... o que tu queres então dizer lá fora

P1 – pronome interrogativo + P2 – S + **P3 – V** + OEL

E21 - ... *gans friha gél ich hónn sogó baim uagrossfadda sai fohwande gelénnt*

... bem antigamente né eu estudei inclusive com os parentes do bisavô

P1 – ADV + P2 – S + **P3 – V** + OEL

Como se constata, o verbo no DBVH, assim como na estrutura da tradução, está sempre em P3, ficando clara a interferência sintática, já que no Pt tal formação é possível.

Uma das frases de controle do *corpus*, que procurava exatamente verificar este fenômeno, registra também outro tipo de interferência em alguns entrevistados. Em frases que encerram verbo auxiliar, o primeiro verbo (o auxiliar) está correto na P2,

mas o verbo principal, que neste tipo de ocorrência deveria estar em posição final, vem logo depois do verbo auxiliar (P2) e do sujeito P3, na P4:

E26 - *en naie schtuhl **kann ich kóhfe** in de loja de móveis*

P1 – adjetivo e substantivo + P2 – V auxiliar + P3 sujeito + P4 - V principal + OEL

No Pt a frase acima equivale a:

*uma nova cadeira **eu posso comprar** na loja de móveis*

A mesma estrutura é também usada por E30, E08, E13, E16, E28 e E31, o que permite concluir que este tipo de interferência do Pt não é um caso isolado.

No Pt o verbo principal fica junto ao auxiliar; no DBVH, regularmente encontra-se no final. Nas frases de controle, a gravação de E33 serve de exemplo:

E33 - *en naie schtuhl **kann ich** in de mewelfabrik **kóhfe***

No exemplo de E26 e de outros falantes, a interferência do Pt ocorre nesta estrutura sintática, pois o verbo principal desloca-se para junto do auxiliar, mas, mesmo assim, a interferência não altera de todo a estrutura vernácula, fazendo constar, obrigatoriamente, o sujeito em P1 ou P3, como é o caso do exemplo colhido. Na frase do Pt, o sujeito está em P2, o que não (ou ainda não) é permitido pelo DBVH, embora o verbo principal esteja em P4 em ambas.

mas o verbo principal, que neste tipo de ocorrência deveria estar em posição final, vem logo depois do verbo auxiliar (P2) e do sujeito P3, na P4:

E26 - *en naie schtuhl **kann ich kóhfe** in de loja de móveis*

P1 – adjetivo e substantivo + P2 – V auxiliar + P3 sujeito + P4 - V principal + OEL

No Pt a frase acima equivale a:

uma nova cadeira **eu posso comprar** na loja de móveis

A mesma estrutura é também usada por E30, E08, E13, E16, E28 e E31, o que permite concluir que este tipo de interferência do Pt não é um caso isolado.

No Pt o verbo principal fica junto ao auxiliar; no DBVH, regularmente encontra-se no final. Nas frases de controle, a gravação de E33 serve de exemplo:

E33 - *en naie schtuhl **kann ich** in de mewelfabrik **kóhfe***

No exemplo de E26 e de outros falantes, a interferência do Pt ocorre nesta estrutura sintática, pois o verbo principal desloca-se para junto do auxiliar, mas, mesmo assim, a interferência não altera de todo a estrutura vernácula, fazendo constar, obrigatoriamente, o sujeito em P1 ou P3, como é o caso do exemplo colhido. Na frase do Pt, o sujeito está em P2, o que não (ou ainda não) é permitido pelo DBVH, embora o verbo principal esteja em P4 em ambas.

4.2. Interferências lexicais e semânticas

Além das interferências gramaticais, ocorre no DBVH também a incorporação de palavras isoladas em sua forma plena, sem nenhuma modificação. Para Staub²⁰⁰ e Damke²⁰¹ essas interferências têm como motivações principais a redução da competência lingüística dos falantes em sua língua (nesse caso o *Hunsrückisch*) nos níveis lexical e semântico e o fato da língua receptora não apresentar estrutura e vocabulário suficientes para cobrir a nova amplitude com que os falantes usam a língua. Neste subcapítulo estudaremos as ocorrências deste tipo de interferência do Pt no DBVH em substantivos e adjetivos.

4.2.1. Empréstimos lexicais plenos - substantivos

Há várias designações que simplesmente não existiam no *Hunsrückisch* na época em que os imigrantes deixaram a Europa. Houve muitas alterações em vários campos do conhecimento nos últimos 150 anos, como a revolução na área tecnológica, que fez surgir vários campos lexicais até então inexistentes. Basta verificarmos o que aconteceu, por exemplo, com o campo lexical “computador” no Pt nas duas últimas décadas. Centenas de palavras novas, que nem sequer existiam há 30 anos, já são de uso corrente. O mesmo ocorreu com o DBVH. Muitas palavras são “novas²⁰²”, ou seja, apenas passaram a fazer parte do DBVH depois da vinda dos imigrantes alemães ao Brasil, mostrando, mais uma vez, a dinamicidade das línguas a partir da necessidade

²⁰⁰ Cf. Staub (1983: p. 67 ss.). Aqui a lista completa das motivações que levam à interferência em estudo não estão citadas, por adotarmos estas como significativas para o caso. Para maiores detalhes, consultar Staub (1983: p. 67 ss.) e Damke (1997: p. 241-247).

²⁰¹ Cf. Damke (1997: p. 241-247).

²⁰² Leia-se “nova” sempre com este significado para os subcapítulos de 4.2.1.

que fatores como o novo contexto em que ela é falada impõem. Um parte destas palavras e expressões é fruto do que poderia ser chamado de “poder de criação interno do sistema”; outra parte foi emprestada diretamente do Pt, sendo que algumas continuam sem alterações e outras já passaram por processos de transformação morfológica ou fonológica, confirmando o que Dubois explica: “o empréstimo, contrariamente ao decalque, implica sempre, pelo menos no início, uma tentativa de repetir a forma ou o traço estrangeiro”²⁰³.

Na seqüência procura-se proceder à classificação dos substantivos emprestados em campos lexicais, à quantificação dos tipos e à investigação de possíveis tendências de comportamento dos empréstimos.

De um total de 257 empréstimos colhidos²⁰⁴, classificados em sete diferentes campos semânticos, 164 substantivos (63,82% do total) são empréstimos plenos, enquanto 93 (36,18%) sofreram algum tipo de alteração morfológica. Estes números podem indicar duas possibilidades: a maioria dos substantivos emprestados do Pt apenas é incorporada pelo DBVH, ou, o que pode ser considerado mais provável, dentro deste grupo de palavras ainda há algumas que são aquisições recentes e, com a complementação do processo de incorporação ao DBVH, provavelmente ainda sofrerão algum tipo de alteração morfológica. Aqui se optou por arrolar não só os empréstimos plenos, mas também os que sofreram alterações, pela necessidade de cotejo, de forma que se possa verificar o grau de integração das novas palavras, já que, segundo Dubois, há diferentes estágios nesse processo:

²⁰³ Dubois et alii (1978: p. 211).

²⁰⁴ Estes 257 substantivos são os que constam no *corpus* formado. Certamente há um número maior de substantivos no DBVH emprestados do Pt, mas, por motivos óbvios, fica-se aqui restrito ao material

“A integração, mais ou menos completa, comporta graus diversos: a palavra pode ser reproduzida quase como se pronuncia (e se escreve) na língua B; todavia, em geral, mesmo nesse caso, há assimilação dos fonemas da língua B aos fonemas mais próximos da língua A. (...) A um nível mais avançado de integração, só alguns traços muito freqüentes da língua B são conservados (...). Enfim, a integração é total quando todos os traços estranhos a A desaparecem e são substituídos por traços mais ou menos vizinhos ou não de B, às vezes com aproximações com certas palavras de B: assim, o inglês *football* foi integrado ao português sob a forma *futebol*”²⁰⁵.

Confrontando os empréstimos que sofreram alterações com os que são plenos, percebe-se que certas palavras coletadas no *corpus* apresentam instabilidade em seu grau de integração, sendo encontradas tanto entre os empréstimos plenos, quanto entre as palavras que já sofreram algum tipo de alteração morfológica.

Nas incorporações abaixo percebem-se algumas tendências. Uma grande parte dos empréstimos que encerram vogais nasais (18 palavras do total de 29 acima listadas, ou seja, 62,1% do total) perdem esta característica ao serem incorporados ao DBVH. Assim encontra-se *campeón*, *educación*, *excursón*, *distraçón*, *futebol de salón*, enquanto que uma parte menor (11 palavras, 37,9% do total), conserva a nasal (como *schulereunião*, *chimarrão*, *religião*) para alguns falantes. Exemplos coletados mostram a instabilidade de algumas alterações, indicando que ainda estão em processo de incorporação. No *corpus* é possível encontrar exemplos como *salão* (E24, frases de controle) e *salón* (E36) ou *alemón* (E36) e *alemão* (E14, frases de controle). Futuro estudo poderia determinar se a nasalização entrou no DBVH, ou se estas palavras sofreram alterações fonéticas.

colhido, mesmo porque não há a pretensão de listar todos os empréstimos existentes, mas sim analisar a quantidade colhida de forma qualitativa.

²⁰⁵ Dubois et alii (1978: p. 210-211).

Os substantivos que são empréstimos lexicais do Pt, podem ser classificados em sete campos lexicais diferentes²⁰⁶.

4.2.1.1. Área técnica/tecnológica e equipamentos

Um campo bastante produtivo é o da área técnica/tecnológica, uma vez que muitos equipamentos não existiam até a metade do século XIX. As telecomunicações tiveram seu auge na final do século XX. Abaixo estão listadas, separadamente, as palavras que sofreram e as que não sofreram alterações²⁰⁷.

- **empréstimos plenos (28 palavras):** *aparelhos, caneta, computador, desenho (animado), desenhos (animados), eletrônica, filme, fita cassete, freezer, imagem, notícia, noticiários, novela, ônibus, parabólica, pneu, programas, rádio, rede (energia elétrica), tecnologia moderna, telefone público, telefônica, tevê, transformador, transporte.*
- **empréstimos que sofreram alterações (17 palavras):** *biciclét, caminhón, fasche (faixa; asfalto), filme fon açón, importeade kahra (carro importado), ligaçón, locomoçón, lotaçón, manuwela (manivela), paralelepip, programe, propagande, schips (jeep), schornal (jornal), televisón, tradiçón, trilhe.*

²⁰⁶ A análise sobre a maior parte dos resultados obtidos nos sete diferentes campos lexicais é feita somente no final da divisão; apenas comentários sobre especificidades são feitas diretamente no grupo em que ocorrem.

²⁰⁷ Neste e nos subcapítulos seguintes as palavras emprestadas pelo Pt estão listadas e, por praticidade, economia de tempo e pouca relevância para os fins propostos, não está citado o número do entrevistado. Caso haja dúvidas quanto à fonte, basta localizar, através da função de procura de um editor de texto compatível, a palavra no *corpus* em arquivo digitalizado.

4.2.1.2. Profissões, área profissional

Da mesma forma a área profissional exige o empréstimo de substantivos, já que várias profissões podem ser consideradas recentes para o DBVH, ou seja, não existiam quando os imigrantes alemães vieram ao Brasil. Outras das listadas abaixo já existiam, como *pastor*, mas pela frequência de uso em Pt, provavelmente entraram no DBVH para alguns falantes.

- **empréstimos plenos (23 palavras):** *aposentadoria, bodegueiro, chacrero, comerciante, cortador, dentista, desemprego, embalagem, emprego, firma, lavador de carros, medicina, mecânico, metalúrgica, pastor, prefeito, rendas, salário, servente, serviços gerais (cargo), sócio, tesorero, vendedor.*
- **empréstimos que sofreram alterações (10 palavras):** *folgache, motorist, pagament, patrón, prefeit, police, saltofabric, schefe, subintendent, subprefeit.*

4.2.1.3. Vida em comunidade, dia-a-dia

Entre os sete grupos de classificação, este é mais geral e amplo. Na vida em comunidade é que surgem as necessidades e atividades específicas de cada grupo e as alterações e complementações vocabulares. Há formas para expressar, por exemplo, que no domingo haverá uma festa no final da tarde na comunidade, mas certamente é mais específico utilizar um único termo do Pt de BVH como *domingera* (domingueira, E36), portador deste significado. Abaixo estão listados os substantivos constantes do *corpus* formado:

- **empréstimos plenos (71 palavras):** *acidentes, alemão, assalto, assaltos, cartera (de motorista), cascudo, censura, código de trânsito, comédia,*

condições, conselho fiscal, conserto (mecânico), controle, culto infantil, curso de mecânica, custos, diretoria, domingera, drogas, endereço, ensaio, esportes, estudo bíblico, falência, folia, formatura, instruções, joaninhas, luta (na tv), luta livre, mapas, mil (só em relação a dinheiro, usado como unidade monetária), multas, opiniões, opiniões, origem, par de sapato, parte financera, particular, passeios, peça de natal, pechada (colisão de veículos), pingue pongue, plano, polícia, politicagem, posto de saúde, prática, prefeitura, prioridade, quinta ou sexta série, real (unidade monetária), recreio, recurso, religião, reunião, rolo, sacanagem, sala (de aula), salão, segunda série, segundo grau, segurança, traumatismo craniano, trincheras, trocado, turma, vaga, violência, vizinhança, vôlei.

- **empréstimos que sofreram alterações (36 palavras):** *alemón, campeón, campeonato, carrehre (carreira; corrida de cavalos), carret, chakra (chácara), culdo (culto), distraçón, educaçón, eksame, excursón, farrape (os Farrapos), farrapekriech (guerra dos Farrapos), funde (funda), futebol de salón, hóstia²⁰⁸, kondo (conto; unidade monetária), maragade, marca fon biciclét, muhle (mula), mulde, palpit, parpit (palpite), pont descontehre, prestaçón, rehs (réis; unidade monetária), religión, repugge (arapuca), recibe, salón, salón de beleza, schuleguri, schulereunião, sistem, veroniste (veranistas), volde (volta [de bicicleta]).*

²⁰⁸ O “h” aqui é pronunciado por E03, como no alemão em “Haus”.

4.2.1.4. Infraestrutura, instituições

A infraestrutura e as instituições instaladas são, em parte, novas ou específicas do lugar escolhido pelos imigrantes. Em 1850 ainda não havia *asfalt* (E06) nem *auto-escola* (E18) no *Hunsrück*. 26 palavras foram encontradas:

- **empréstimos plenos (14 palavras):** *asfalto, atacado, auto-escola, comunidade, cooperativa, correio, creche, delegacia, faculdade, hospital, jardim (de infância), loja, quebra-mola, sociedade (clube)*
- **empréstimos que sofreram alterações (11 palavras):** *asfalt, armazénge, bodéhge, calçament, camp, cadee (cadeia), crésch, fussballkémpe, municip, pavilión, vende (venda; armazém)*

Aqui o empréstimo *asfalto* chama a atenção, pois é encontrado tanto entre os empréstimos plenos (*asfalto*), quanto entre os que sofreram alterações na forma *asfalt*. Após uma análise mais cuidadosa, foi possível encontrar no *corpus* quatro ocorrências para *asfalt* (E06, E07, E15, E31) e apenas 1 para *asfalto* (E14), o que indica uma tendência ao uso da palavra como empréstimo já com alterações, apesar da existência de ambas no DBVH²⁰⁹.

4.2.1.5. Família, relações pessoais

Várias denominações de parentes próximos sofre interferência do Pt, mesmo que já existam estes termos no DBVH. A frequência de uso é o fator decisivo. Por isso,

²⁰⁹ Além disso, há outro equivalente no DBVH com o mesmo significado, utilizado por três entrevistados (E01, E21, E30): *fasche* (*faixa*, palavra utilizada no Pt de BVH com o sentido de *asfalto*).

provavelmente, os substantivos “mãe” e “pai” sejam os que têm a maior quantidade de variantes: cinco para “pai” e três para “mãe”, além das variantes do DBVH *muddi*, *mutt*, *mudda* e *fadda*, ou seja, existem seis substantivos diferentes no DBVH para chamar cada um dos progenitores. Além disso, também é perfeitamente possível chamar a mãe de *mamãe* no DBVH, embora esta variante não tenha aparecido no *corpus*. Os seguintes substantivos puderam ser colhidos:

- **empréstimos plenos (14 palavras):** *amigas*, *amigos*, *criança*, *casais*, *genros*, *guri*, *mãe*, *neto*, *netos*, *nónna* (avó), *papai*, *pai*, *sogra*, *solteiros*
- **empréstimos que sofreram alterações (07 palavras):** *mamae*, *mamai*, *pabai*, *paio*, *papae*, *parende*, *vovo*

4.2.1.6. Culinária, alimentos

Da mesma forma como com as profissões (4.2.1.2), houve acréscimos na culinária. Pratos como o *schurraske* (E02) e bebidas típicas como o *chimarrão* (E14) enriqueceram o leque alimentar e a base vocabular dos falantes do DBVH. O levantamento apontou 16 palavras no *corpus*:

- **empréstimos plenos (08 palavras):** *batatinha frita*, *carretero* (arroz de *carreteiro*), *chimarrão*, *lasanha*, *maionese*, *molho*, *picolé*, *rodízio*
- **empréstimos que sofreram alterações (08 palavras):** *bif*, *bolasche*, *doss* ([*bolacha*] doce), *galet*, *galinhóde*, *katoffelpalit*, *palitkatoffle*, *schurraske*

4.2.1.7. Denominações topográficas e geográficas

Novos termos também surgiram com o novo terreno a ser habitado. A primeira coisa feita pelos imigrantes foi abrir picadas (*picóhde*, E21) no meio da mata, para encontrar a área de terra que lhes cabia. Mais tarde este termo alterou seu significado. E21 usa o termo como “localidade, vilarejo”, pois era exatamente nas picadas que se formavam as novas comunidades, tanto que até hoje permanecem nomes de localidades com esta denominação (Picada Verão, Picada Café, entre outros). Os substantivos encontrados foram:

- **empréstimos plenos (06 palavras):** *interior, praia, praias, serra, terreno, vila*
- **empréstimos que sofreram alterações (04 palavras):** *picóhde (picada; trilha), pikche (picadinha; pequena trilha), potrea, potrehre (potreiros)*

Do total de 257 substantivos no DBVH resultantes de empréstimos lexicais puros, divididos nos sete campos lexicais apresentados acima, apenas 49 poderiam apresentar concorrentes vernáculos, ou seja, 18,7% do total. A maioria dos substantivos (81,3%) não apresenta equivalentes no DVBH. Houve a necessidade de incorporação de muitas palavras novas, devido ao novo meio encontrado após a imigração e à evolução da sociedade e da tecnologia. Há mais de um século e meio certamente ainda não havia no *Hunsrückisch* alguns termos encontrados no *corpus*, como, por exemplo, *parabólica, desenho animado, televisón, rehsh, asfalt, municibe e carrehre*. O fato destas palavras não apresentarem concorrente vernáculo por si só já indica sua vitalidade, uma vez que são de uso único, sem concorrentes, sendo necessárias na comunicação dos falantes do DBVH.

Ao analisar detalhadamente as palavras que apresentam equivalentes, constata-se que a maioria também apresenta vitalidade e não é apenas uma ocorrência isolada no DVBH. Estas palavras podem ser classificadas em dois grupos:

a) palavras cujo equivalente no DBVH não ocorre no *corpus* (total de 27)²¹⁰: *carret, casais, conserto, controle, custos, culto infantil, culdo, dentista, diretoria, falência, genros, medicina, neto, salário, opiniões, pagament, patrón, par de sapatos, reunião, sala (de aula), segurança, sogra, solteiros, palpit/parpit, parende, pavilión, vovo*

b) palavras cujo equivalentes no DBVH ocorre no *corpus* (total de 22, incluindo variantes do mesmo substantivo):

Tabela 13: Palavras que possuem equivalentes no DBVH

Preferência pelo termo alemão no DBVH			
<i>schornal</i>	3*	<i>tsaitun</i>	4*
<i>comerciante</i>	1	<i>gescheft(s)lait</i> <i>gescheftsmann</i>	5 2
<i>emprego</i>	2	<i>órwa(i)t</i>	11
<i>netos</i>	1	<i>engelcha</i>	2
<i>alemão</i>	2	<i>daitsch</i>	293
<i>alemón</i>	12	<i>dóitsch</i>	4
<i>religión</i> ²¹¹	1	<i>relichion(e)</i>	18
<i>pastor</i>	2	<i>farra</i>	11
<i>guri</i>	33	<i>bub</i>	93
<i>vizinhança</i>	1	<i>nochbaschaft</i> <i>nochbaschlait</i>	3 3
<i>criança</i>	1	<i>kind</i> <i>kinna</i>	7 75
<i>mãe</i>	6	<i>mama</i>	31
<i>mamae/mamai</i>	4	<i>mutti</i>	1

²¹⁰ A afirmação da existência de termos equivalentes para as palavras listadas aqui, no vernáculo do DBVH, não pode ser provada à luz do *corpus*, por não haver ocorrências, mas é feita com base no conhecimento do autor deste trabalho do objeto de estudo em questão.

²¹¹ "g" com pronúncia [ʒ].

Mesma frequência de uso			
<i>plano</i>	1	<i>plón</i>	1
<i>desemprego</i>	1	<i>órwaitlos</i>	1
<i>schuleguri</i>	2	<i>schulekinna</i>	2
<i>sócio</i>	1	<i>mitglied</i>	1
<i>passeios</i>	4	<i>schpatsehre</i> ²¹²	3
		<i>schpatseache</i> ²¹³	1
<i>pneu</i>	1	<i>redda</i>	1

Preferência pelo termo emprestado pelo Pt			
<i>série</i>	11	<i>klass</i> ²¹⁴	2
<i>comunidade</i>	17	<i>gemehnd</i>	5
		<i>gemaind</i>	11
<i>salão</i>	1	<i>sóhl</i>	2
<i>salón</i>	5		
<i>recreio</i>	2	<i>pausetsait</i>	1
<i>pai(o)/pap(b)ai/papae</i>	19	<i>fadda</i>	1

* quantidade de ocorrências no *corpus*

A ocorrência de equivalentes concorrentes no DBVH indica uma tendência ao uso do termo alemão em detrimento do termo em Pt. Em 11 das 22 palavras listadas acima há a preferência pelo termo alemão, em 6 há um número igual de ocorrências e em somente 5 casos o termo do Pt é mais empregado.

Com isso conclui-se que, na grande maioria dos casos, quando há o empréstimo de alguma palavra pelo Pt, esta entra no do DBVH pela inexistência de um equivalente ou para efetuar sua substituição total; quando há termos equivalentes concorrentes, ocorre, no *corpus*, na maioria dos casos, a preferência pelo que já existia no DBVH,

²¹² Verbo.

²¹³ Diminutivo.

²¹⁴ É impossível estabelecer aqui se este *klass* é o do sistema do DBVH ou proveniente do Pt *classe*. Provavelmente é o do DBVH, pois na época da vinda dos imigrantes já existiam escolas e o sistema de classificação dos alunos em séries.

sendo feito provavelmente uso esporádico do emprestado pelo Pt. Somente um estudo diacrônico poderia determinar se efetivamente algum deles seria eliminado com o passar do tempo.

4.2.2. Empréstimos lexicais puros - adjetivos

O empréstimo de adjetivos do Pt ao DBVH não se mostra produtivo. Por todo o *corpus* como base, poucos adjetivos vindos do Pt puderam ser encontrados. O único que realmente está incorporado ao léxico é *important* (E05, E07, E14, E15, E22, E29) e sua variante *importante* (E18, E33, E34). Ele é usado por vários falantes, inclusive flexionado, o que demonstra a plena integração no DBVH, como é possível verificar na forma comparativa superlativa *de importantscht* (E05, E20), *das importanschde* (E31) e flexões no neutro sem artigo *importantes* (E14) e com artigo *das importante* (E21). Além de *important* (*importante*), que é a forma básica, sem flexões, ele ainda é utilizado como empréstimo pleno, sem alterações, por alguns entrevistados. O adjetivo *importante* pode ser colhido em cinco entrevistas (E13, E22, E25, E28, E29), o que demonstra que, para alguns falantes, provavelmente ele ainda está em fase de entrada no DBVH. Pelo conhecimento do autor e os dados obtidos no *corpus*, é possível afirmar que o termo vernáculo *wichtich*, que há algumas décadas era comum no DBVH²¹⁵, está em desuso. Apesar de ainda existir, ele não possui mais vitalidade. Apenas E15 faz uma vez uso de *wichtich*, ao mesmo tempo que também lança mão de *important* (também uma ocorrência em sua entrevista).

²¹⁵ É impossível documentar esta afirmação pela inexistência de um *corpus* comprobatório. Em conversas com falantes e também pelos conhecimentos do DBVH que o autor possui, é possível, porém, confirmar que *wichtich* era o termo vernáculo corrente em BVH, há algumas décadas, para expressar o adjetivo *importante*.

Puderam ser encontrados no *corpus* alguns outros adjetivos, de uso isolado, porquanto exemplos únicos para os quais não foi possível localizar variações e flexões. Tal é o caso de *regular*, *cansativo* (E18), *tranquilo* (E20), *schakwórisch/schaprikóhnerisch*²¹⁶ (E24), *impetigente*²¹⁷ (E25), *aposenteat*²¹⁸ (E18, E20, E34) e *preparóht*²¹⁹ (E34). O uso deles provavelmente se deve ao fato do falante não lembrar, no momento da fala, do equivalente já existente no DBVH ou por não conhecer este adjetivo no *Hunsrückisch*, tendo mais destreza no uso específico desta palavra vinda do Pt.

Alguns outros adjetivos puderam ser encontrados, mas apenas como parte de expressões vindas do Pt, não sendo utilizados no DBVH como palavras isoladas. Este é o caso de expressões como as utilizadas por E20 – *pedra dura daquelas* – e E24 – *tecnologia moderna*.

4.3. Decalque

Podemos detectar várias interferências provenientes de expressões lexicalizadas da língua portuguesa, cuja composição foi simplesmente traduzida para o DBVH. Algumas delas não têm a interferência direta da forma portuguesa, mas sim do seu conteúdo semântico. Há uma transferência de significado. No decalque, como veremos adiante, não ocorrem apenas processos semânticos, mas também sintáticos e pragmáticos²²⁰. Os falantes do DVBH dominam fluentemente, em sua grande maioria, com exceção de

²¹⁶ Jaguará (traíçoeiro).

²¹⁷ Impertinente.

²¹⁸ Aposentado.

²¹⁹ Preparado.

alguns entrevistados de maior idade, o português utilizado em várias situações do dia-a-dia, conforme já exposto anteriormente. Em consequência, estes falantes conhecem e utilizam ativamente expressões da língua portuguesa em suas elocuições. Na condição de bilíngües²²¹ inseridos em uma comunidade bilíngüe, os falantes de BVH têm facilidade em transferir para o DBVH expressões do Pt. Provavelmente o inverso também ocorre, o que necessitaria, evidentemente, de uma verificação mediante um estudo detalhado.

O decalque consiste na tradução de um empréstimo vindo de outra língua, no caso específico deste trabalho, do Pt. Em vez de simplesmente serem adotadas as palavras ou as expressões do Pt, como já vimos anteriormente, na apropriação lexical, por exemplo, faz-se a substituição, usam-se elementos correspondentes da língua receptora. Quando ocorre o decalque, o significado no DBVH permanece equivalente ao do Pt; o resultado é a criação de uma expressão ou de um termo antes inexistente no DBVH. No Pt poderíamos citar vários exemplos de decalque. Entre os mais utilizados estão palavras como *alta-fidelidade* (*high-fidelity*), *arranha-céu* (*skyscraper*) e *cachorro-quente* (*hot dog*), todos vindos do inglês.

No DBVH podem-se colher alguns exemplos de decalque. O entrevistado E18 utiliza a expressão *...hónn ma enns gepisst krieht...* (*levamos uma mijada*). Aqui não há nenhuma palavra tomada de empréstimo ao Pt; todas são parte do léxico do DBVH, há apenas a apropriação do significado - vinculado a um estilo informal, típico da oralidade do Pt – o de "ser advertido por alguém", expresso diretamente no DBVH.

²²⁰ Por este motivo ele está colocado em uma seção separada; ele não contempla apenas interferências de ordem gramatical ou semântica, não podendo estar classificado nos subscapítulos anteriores (em 4.1. ou 4.2.).

²²¹ Cf. Weinreich, 1953.

O mesmo ocorre com E10 nas expressões *ich sinn weschte iaus* (sabe, eu tô [estou] por fora) e *finscht de dich bessa* (tu te sentes melhor/mais tranquilo). Em alemão estas expressões significariam respectivamente "eu estou do lado de fora" (posição geográfica) e "tu te achas [encontras] melhor" e não os significados dados no DBVH provenientes do Pt, respectivamente "eu não tenho nada a ver com isso" e "tu te sentes bem mais tranquilo/bem melhor".

E31 utiliza a expressão *bischt de foloa* (tu estás perdido) com a conotação dada no Pt de "tu ficas sem saída, sem solução" e não o significado literal em alemão de "estar perdido quanto à localização geográfica"²²².

Normalmente utilizada em contextos informais no Pt, a expressão *encher o saco* ou seja, *atrapalhar/perturbar alguém*, também é utilizada regularmente no DBVH, caracterizando o decalque, já que não há expressão semelhante no dialeto *Hunsrück*. Um exemplo foi coletado na entrevista do E01 *naun (.) die wollt de sack fille (.) hot óngefann de sack se fille* (não, ela queria encher o saco, ela começou a encher o saco) e outro nas gravações feitas com E33 *blohss de sack fille is schon genuch* ("só de encher o saco já é o suficiente"). Em *Hunsrückisch* tal enunciado apenas significaria "colocar conteúdos/objetos em um saco de modo a enchê-lo". E04 e E36 também lançam mão de tal expressão, reforçando, assim, a idéia de ela ser de uso corrente no DBVH.

E01 emite o enunciado "[ich hónn en] *passeio gebb*", ou seja, "[eu] dei um passeio"²²³. Certamente um falante de uma variedade de *Hunsrück* na Alemanha estranharia muito

²²² Havia a suspeita inicial de que esta expressão existisse em alemão, mas tanto o *LexiROM 3.0 Eletrônico*, quanto o *Duden* (ver bibliografia), não apontam o verbo "verlieren" com este significado.

²²³ "Dar um passeio" pareceu-me estranho à primeira vista, mas o *Dicionário Aurélio Eletrônico* confirma a existência desta expressão, dando-a como exemplo sob o verbete "passeio".

tal expressão, mesmo que fosse utilizado o substantivo equivalente a *passeio* no *Hunsrück*, pois parece descabido usar o verbo “*dar*” (que neste contexto tem o sentido de “*doar*” e não o de “fazer uma atividade”) com o substantivo “*passeio*”. Além do decalque, há neste exemplo também a interferência lexical, pois E01 faz uso do substantivo *passeio*, proveniente do Pt, podendo ser verificada uma interferência dupla na passagem colhida. A mesma duplicidade, ou seja, o decalque e o empréstimo lexical, ocorre em E13 *campeón gebb is*, “tornou-se campeão” e *unhas un ah pé mache*, “fazer unhas e pé” (manicure e pedicure). No DBVH, o verbo *geben* tem o sentido de “existir, haver” e *machen* neste contexto, caso não houvesse o decalque de significado, significaria “fazer, fabricar” e não “dedicar-se aos cuidados ou embelezamento dos pés e das mãos”²²⁴.

Uma transferência curiosa foi feita por E24: *denne ehre schul wó niedda gewescht*. O significado que o falante expressa deve ser traduzido como “a escolaridade deles era baixa”. No DBVH dizer *de hot net schul genuch* significa “ele não tem escolaridade suficiente”, sendo lógico e aceitável o substantivo “schul” estar presente neste enunciado de E24. Sem ter conhecimentos de ambas as línguas (Pt e DBVH), a expressão significaria “a escola [o prédio] deles era baixa”. O decalque consiste, portanto, em utilizar *wó niedda gewescht* (“era baixo/baixo”) neste contexto, emprestando do Pt a expressão “escolaridade baixa”; o adjetivo *niedda* normalmente não é aplicável neste contexto.

Outra interferência, apropriada diretamente do Pt, é *[die sinn] im roa drinn* (E24) “eles estão no cano” (com o significado de “[eles estão] encurralados, com problemas”). Em *Hunsrückisch* há apenas o sentido literal e não o sentido figurativo dado ao mesmo

enunciado no Pt, caracterizando o decalque da expressão. Da mesma forma E30 utiliza *hoscht mich gefann* (“você me pegou, agora estou sem resposta”). Em *Hunsrückisch* tal enunciado só teria o sentido do contato físico, de “[corre atrás e] ter pego alguém”.

Outro decalque pode ser encontrado na entrevista de E24 *das hot keh grace meh*. Aqui há o empréstimo da expressão *isto não tem mais graça*. O empréstimo não é só do substantivo *grace*, mas de toda a estrutura da expressão, já que no DBVH se diria *das is net meh luschtich* (“isto não é engraçado”).

Na expressão *en sacanagem mache* (“fazer uma sacanagem”), usada por E18, também fica patente o empréstimo do conjunto da estrutura portuguesa, e não só do substantivo “sacanagem”, uma vez que no próprio *corpus* foi possível encontrar a forma vernácula equivalente *en schtraich fohrichte/etwas fohrichte* em E31: “*mea hónn alle schtraich fohricht was fohrichte wó hónn mea fohricht*”²²⁵. O mesmo E18 usa ainda a expressão *esportes pratiquehre* (praticar esportes), fazendo uma cópia quase fiel do Pt. Neste caso, não foi possível estabelecer um equivalente para esta expressão no DBVH, já que ela antes, provavelmente, não existia²²⁶.

Nas frases de controle, uma parte da frase número 8 mostrou-se bastante produtiva quanto ao decalque (“*o menino tem dois anos e a menina um ano e um mês*”). Em português, a construção para exprimir idade se organiza em torno do verbo *ter*, enquanto no DBVH a construção equivalente utiliza o verbo *sinn* (ser). Nas conversas espontâneas do *corpus*, esta expressão apareceu oito vezes (em gravações de sete falantes diferentes); todas as vezes os entrevistados utilizam o verbo *sinn*, como pode

²²⁴ Conforme o *Dicionário Aurélio Eletrônico* sob os verbetes “manicuro” e “pedicuro”.

²²⁵ “Nós aprontamos todas, todas que dava para aprontar, nós aprontamos”.

²²⁶ O autor não tem conhecimento da existência de tal expressão. Diversos falantes do DBVH também confirmaram, em conversas, desconhecer um equivalente.

ser verificado através do exemplo de E03 (*die wehre awe all so tswóihunnat joha rómm ald wenn se noch lewe dehre*²²⁷). Já quando a expressão é forçada, através de tradução para o DBVH de frases ditas em Pt pelo entrevistador, 29 falantes utilizam o verbo *hónn* (*ter*), como se pode ver no mesmo E03 (*de bub hot tswói joha un das medche hot'n joha un enne monat*²²⁸) e somente quatro usam o verbo *sinn*²²⁹, a exemplo de E09 (*de bub is tswói joha un's medche en joha un tswói monat*). A partir disso, conclui-se que a expressão, embora mostre clara tendência para o uso do decalque nas traduções, já que o verbo do Pt está sendo empregado imediatamente antes no contexto da comunicação, em situações comunicativas normais do DBVH, sem que a presença do verbo *ter* seja forçada, como é o caso da solicitação de tradução, ela não está presente. Nesse tipo de decalque ocorre o que pode ser chamado de efeito de tradução, ou seja, o falante é levado a fazer a tradução direta daquilo que lhe é solicitado, sem que a informação passe pelo “processamento do sistema” da língua em que está sendo produzido, já que para ele parece óbvio que o verbo *ter* do Pt só pode ser traduzido pelo equivalente *hónn* no DBVH, embora, nesse caso, o correto seria utilizar o verbo *sinn*.

A partir desses dados, pode-se concluir que ocorre um número relativamente baixo de decalques no DBVH, frente à quantidade de tempo de gravações com os 36 falantes. Ocorreram 14 decalques nas conversas livres e um como resultado do efeito de tradução nas frases de controle. Aos analisarmos esses 14 casos, pode-se concluir que a tentativa de o uso de gírias correntes do Pt no DBVH, como é o caso de 12 das expressões estudadas, é um contexto favorável para o decalque. As outras duas são

²²⁷ “Eles teriam uns 200 anos, se eles ainda vivessem”. O verbo *wehre* é conjuntivo de *sinn*.

²²⁸ “O menino tem dois anos e a menina um ano e um mês”.

²²⁹ Em outros três entrevistados esta expressão não foi colhida.

expressões correntes do Pt não resultantes de gírias. O uso do decalque é o único aspecto estudado que indica uma tendência clara de variação no aspecto idade, apesar do reduzido número de exemplos coletados. Os 14 decalques foram produzidos por 7 falantes diferentes, todos nascidos depois de 1949, mostrando que esse fenômeno provavelmente está presente há menos de 50 anos no DBVH.

Conclusão

Este trabalho procurou traçar um perfil da comunidade em estudo, fazendo observações de caráter sócio-cultural e da variedade do alemão nela falado, de forma que se tivesse lastro para a análise dos dados obtidos.

A partir de hipóteses iniciais, pode-se constatar como ocorrem as interferências gramaticais do Pt no DBVH. Estudo detido sobre o gênero mostrou que todos os substantivos emprestados pelo Pt mantêm o mesmo gênero correspondente em DBVH, com exceção dos diminutivos, que se tornam neutros, seguindo a regra do DBVH. Já os verbos emprestados pelo Pt são assimilados de maneira sistemática, aplicando o sufixo verbal “-ehre” no infinitivo, seguindo suas flexões normais no DBVH. Apenas dois verbos colhidos formam exceção, seguindo a flexão de outro sufixo verbal do DBVH. A hipótese de que haveria interferências do Pt, resultando na inobservância da marcação dos casos na utilização da preposição *fon*, como já estabelecido por Sambaquy-Wallner para a variedade falada pela comunidade de São José do Hortêncio no RS (SJH), não pôde ser verificada em Boa Vista do Herval, independente de variáveis como idade, sexo ou religião. Apenas no emprego sintático de *fon* constatou-se interferência, por parte de alguns falantes, através de uma quantidade muito baixa de exemplos - frente à quantidade de ocorrências equivalentes no *corpus* -, no uso de composição analítica de substantivos. Para estes falantes houve a preferência pela formação do Pt, que exige *fon*²³⁰, em vez da composição sintética do DBVH. Também em expressões vindas do Pt, nas quais se utiliza a preposição *de*, houve a ocorrência do uso analítico quando emprestadas ao DBVH.

²³⁰ „de“, em composições como, por exemplo, *molho de carne*, que em DBVH deveria ser uma palavra só, sem uso de preposição (composição sintética).

Quanto aos verbos reflexivos do Pt, chegou-se à conclusão de que todos os verbos emprestados pelo Pt são incorporados ao DVBH mantendo sua reflexividade, sendo que estes passam a funcionar como qualquer outro verbo reflexivo do DBVH após a incorporação.

Da mesma forma ocorrem interferências lexicais e semânticas. Este campo se mostrou o mais produtivo, principalmente no empréstimo de substantivos, dado o grande número verificado de empréstimos lexicais puros ou que sofreram algum tipo de alteração como na formação de plural ou na supressão ou substituição da vogal fraca postônica ao serem incorporados ao DBVH. Isto se explica pelo fato de, por exemplo, muitos objetos, atividades, profissões, instituições ou denominações geográficas não terem existido antes da vinda dos imigrantes alemães ao Brasil.

Além disso, foi possível verificar que há vários decalques, principalmente vindos de gírias do Pt, e também interferências sintáticas do Pt no DBVH no que tange a posição verbal, já que em Pt, ao contrário do DBVH, não há o rigor do verbo ter de estar na “posição 2”. Desse modo, alguns falantes lançaram mão de estruturas frasais características do Pt.

Embora a seleção dos informantes tenha sido feita segundo critérios de classificação rigorosos, ou seja, a escolha dos entrevistados feita para que se tivesse uma divisão por sexo, idade, religião e fonte de renda, não foi possível constatar tendências claras de variação no uso do DBVH entre os falantes de diferentes estratos, com exceção do fenômeno de decalque²³¹. Sambaquy-Wallner concluiu que em SJH os falantes de

²³¹ Consideramos que o número reduzido de exemplos de decalque que puderam ser colhidos, embora indiquem tendência clara de variação do fator idade, não são representativos o suficiente para que se possa generalizar.

menor idade e de rede sociais mais abertas produzem maior quantidade de interferências do que os falantes mais idosos e os que fazem parte de redes sociais fechadas. Apesar de grande estabilidade de uso nos últimos 170 anos, a causa dessa mudança seria a expansão da indústria no local e o progresso econômico ocorrido desde 1988²³². No caso de BVH foi possível constatar grande variação, mas distribuída sem sistematização. É provável que BVH esteja passando por um momento econômico diferente de SJH, o que poderia explicar a distribuição da variação sem tendências estabelecidas. Altenhofen ajuda a explicar essa diferença. Ele constatou em seu trabalho que *“der Grad des Eindringens des Portugiesischen in die inneren Beziehungen der Sprachgemeinschaft des Hunsrückischen schwankt von Ort zu Ort, von Region zu Region”*²³³, ao estudar dez pontos de inquérito diferentes no RS, numa distância de leste a oeste de mais de 500 km. Dessa forma, o presente estudo abre perspectivas para uma análise futura das interferências do Pt no DBVH, com o objetivo de verificar a evolução desse fenômeno lingüístico na comunidade.

O presente trabalho não teve a pretensão de englobar todos os problemas passíveis de serem estudados, ficando restrito a apenas uma parte dos aspectos ligados à interferência do Pt no DBVH. As interferências fonéticas do Pt, embora presentes no DBVH e apenas superficialmente citadas, não puderam ser investigadas, devido à restrição imposta pela forma de transcrição escolhida. As gravações do *corpus*, em anexo, permitem, no entanto, que estes materiais sejam utilizados futuramente em outros estudos, inclusive de interferência fonética, desde que adequados aos fins propostos.

²³² Cf. Sambaquy-Wallner (1995: p. 111-112).

Vários estudiosos das variedades alemãs no sul do Brasil demonstraram sua preocupação com o possível fim destas ilhas lingüísticas, entre eles Bossmann já em 1953. Certamente fenômenos como a urbanização e a industrialização de pequenas comunidades no interior do RS ou atitudes de políticos desinformados (vide anexos) contribuem em muito para que isto ocorra. Por outro lado, não se pode esquecer que variantes como o DBVH apresentam grande vitalidade e são a língua-mãe, usada no dia-a-dia pelos falantes na vida em comunidade, em ilhas lingüísticas que já existem, em parte, há 180 anos, fazendo parte do contexto lingüístico brasileiro e, de certa forma, da própria cultura brasileira.

²³³ Altenhofen (1996: p. 73). Tradução: „o grau de *invasão* do Pt nas relações internas das comunidades de fala *Hunsrückisch* (no RS) varia de lugar a lugar, de região a região”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALI, Manuel Said. O purismo e o progresso da língua portuguesa. In: **Dificuldades da língua portuguesa**. 5. ed. Rio de Janeiro : Acadêmica, 1957.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. **A Aprendizagem do Português em uma Comunidade Bilíngüe do Rio Grande do Sul: Um Estudo de Redes de Comunicação em Harmonia**. Dissertação apresentada para obtenção do grau de Mestre em Letras, Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1990.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. **Hunsrückisch in Rio Grande do Sul**. Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen. Stuttgart : Steiner, 1996.

ALTHAUS, Hans Peter et alii. **Lexikon der germanistischen Linguistik**. 2. ed. Tübingen : Max Niemeyer Verlag, 1980.

ALVES, Ieda Maria. **Neologismo: criação lexical**. São Paulo : Ática, 1990.

ASSUMPÇÃO Jr., Antônio Pio de. **Dinâmica léxica portuguesa**. Rio de Janeiro : Presença, 1986.

BARANOW, Ulf Gregor. **Studien zum deutsch-portugiesischen Sprachkontakt in Brasilien**. Tese de Doutorado. München : Ludwig-Maximilians-Universität, 1973.

BLOOMFIELD, Leonard. **Language**. New York : Holt, Rinehart & Winston, 1933.

BONNER, Maria. **Umgangssprache in Neunkirchen**. Eine Studie zur Sprachschichtenmischung. Saarbrücken : Saarbrücker Druckerei und Verlag, 1986.

BORN, Joachim; JAKOB, Gerhard. **Deutschsprachige Gruppen am Rande und außerhalb des geschlossenen deutschen Sprachgebiets.** Eine bibliographische Dokumentation von Literatur zum Thema "Sprache" aus der Zeit nach 1945. 2. ed. Mannheim : Institut für Deutsche Sprache, 1990.

BORN, Joachim. **Minderheiten, Sprachkontakt und Spracherhalt in Brasilien.** In: KATTENBUSCH, D. Minderheiten in der Romania. Wilhelmsfeld, 129—158, 1995.

BORN, Joachim; DICKGIESSER, S. **Deutschsprachige Minderheiten.** Ein Überblick über den Stand der Forschung für 27 Länder. Mannheim : Institut für Deutsche Sprache, 1991.

BOSSMANN, Reinhold. Zur Deutsch-Brasilianischen Mischsprache. In: **Letras.** Número 1, 1953, p. 96-114.

BUNSE, H. A. W. **A pesquisa lingüística no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre : Editora Universidade, 1968.

BUNSE, H.; KLASSMANN, M. S. **Estudos de dialetologia no Rio Grande do Sul (problemas, métodos, resultados).** Porto Alegre : Faculdade de Filosofia, UFRGS, 1969. 60 p.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Análise fonológica: introdução à teoria e à pratica com especial destaque para o modelo fonêmico.** Série Lingüística. Vol. 1. Campinas : Edição do Autor, 1997. 120 p.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter. **Dialectology.** Cambridge : Cambridge University Press, 1980.

CLYNE, Michael. **Perspectives on language contact**. Melbourne : The Hawthorn Press, 1972.

CLYNE, Michael. **Transference and triggering**. The Hague : Mouton, 1967.

CUNHA, Celso Ferreira da. **Gramática da língua portuguesa**. 3 ed. Rio de Janeiro : FENAME, 1976. 656 p.

DAMKE, Ciro. **Sprachgebrauch und Sprachkontakt in der deutschen Sprachinsel in Südbasilien**. Frankfurt am Main : Peter Lang, 1997. 319 p.

DIENER, G. Walter. **Hunsrücker Wörterbuch**. Vaduz, Liechtenstein : Sändig Reprint Verlag, 1988.

DUBOIS, Jean et alii. **Dicionário de Lingüística**. São Paulo : Cultrix, 1978. 654 p.

DUDEN. **Deutsches Universalwörterbuch**. 2 ed. Mannheim : Bibliographisches Institut & F.A. Brockhaus AG, 1989. 1816 p.

EHlich, Konrad; REHBEIN, Jochen. Halbinterpretative Arbeitstranskriptionen (HIAT). In: **Linguistische Berichte**, 45, 1976, p.21-41.

FAUSEL, Erich. **Die deutschbrasilianische Sprachmischung**. Berlin : Erich Schmidt 1959, 230 S.

FISHMAN, Joshua A. **Readings in the sociology of language**. The Hague : Mouton, 1968.

- FUHR, Gerhard. **Gramática do Alemão Científico**. Bausteine Fachdeutsch für Wissenschaftler. Heildeberg/São Paulo : Julius Gross Verlag/E.P.U., 1989. 104 p.
- GAL, Susan. **Language shift**. Social determinants of linguistic change in bilingual Austria. San Francisco : Academic Press, 1979.
- GÄRTNER, Angelika; CUNHA, Jorge Luiz da. Deutsch-portugiesischer Sprachkontakt in Rio Grande do Sul, Brasilien. In: **Zielsprache Deutsch** 29, 1, 1998, p. 25-36.
- GRANDE ECICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL**. 5 ed. São Paulo : Círculo do Livro S.A., 1993. 6194 p.
- GROSS, Alfredo. **Hunsrücker Mundart in Brasilien**. Dialektgeschichte und Schriften in deutscher und portugiesischer Sprache. Porto Alegre : Própria, 2001. 88 p.
- HARDER, Andreas; BOLLER, Fred. **Sprachgeographie und PC**. Sprachkarten, Datenorganisation, Tonproben mit Mikrorechnern. Kiel : Westensee-Verlag, 1996. 75 p.
- HECKLER, Evaldo; BACK, Sebald. **Curso de lingüística**. Vol. 1. São Leopoldo : UNISINOS, 1988.
- HECKLER, Evaldo; BACK, Sebald. **Curso de lingüística**. Vol. 2. São Leopoldo : UNISINOS, 1988.
- HÜBNER FLORES, Hilda Agnes. **Alemães na Guerra dos Farrapos**. Coleção História. Vol. 6. Porto Alegre : EDIPUCRS, 1995.
- KAHMANN, Christa Ingrid. **Interferência entre a língua portuguesa e um dialeto alemão**. Florianópolis : UFSC, 1987.

KATTENBUSCH, Dieter (Ed.). **Minderheiten in der Romania**. Gottfried-Egert-Verlag.
Pro Lingua, Vol. 22

KELLER, Hansheinz. **Lachender Hunsrück**. Steckelcher, Schnurren, Verzeihlicher. Bad
Kreuznach : Pandion-Verlag, 1972.

KLAR, Hugo. **Aufsätze zur Heimatkunde des Landkreises Birkenfeld**. Birkenfeld :
Verein für Heimatkunde im Landeskreis Birkenfeld, 1969.

KNORST, Benno. **História de Santa Maria do Herval – RS**. Santa Maria do Herval :
Gráfica São Luís, 2003. 224 p.

KOCH, Walter. **Falares alemães no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre : UFRGS, 1974.
90 p.

KOCH, Walter. **Deutsche Sprachinseln in Südbrasilien**. Möglichkeiten und Probleme
ihrer Untersuchung. In: RADTKE, Edgar; THUN, Harald (Ed.). **Neue Wege der
romanischen Geolinguistik**. Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie
(Heidelberg/Mainz 21.-24.10.1991). Dialectologia Pluridimensionalis Romanica 1.
Kiel : Westensee-Verlag, 1991.

KÖNIG, Werner. **DTV-Atlas zur deutschen Sprache**. Tafeln und Texte mit Mundart-
Karten. München : DTV, 1978. 250 p.

LEWANDOWSKI, Th. **Linguistisches Wörterbuch 1**. Stuttgart : Quelle & Meyer, 1979.

LexiROM 3.0. Microsoft Corporation und Bibliographisches Institut & F.A. Brockhaus
AG. DUDEN - Die sinn- und sachverwandten Wörter. Bibliographisches Institut &
F.A. Brockhaus AG, Mannheim 1997.

LÖFFLER, Heinrich. **Probleme der Dialektologie**. Darmstadt : Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1990.

MACKEY, William F. **Language teaching analysis**. London, 1965.

MACKEY, William F. The description of bilingualism. In Fishman, Joshua A. (org.) **Readings in the sociology of language**. The Hague : Mouton, 1972.

MANZOLILLO, Vito César de Oliveira. Empréstimo semântico, decalque e retroversão: Breve estudo tipológico do empréstimo lingüístico. **Anais do II Congresso Nacional de Lingüística e Filologia**. UFRJ.

MARTIN, Roland. **Untersuchungen zur rhein-moselfränkischen Dialektgrenze**. Marburg : Friedrichs Universitätsbuchdruckerei, 1914.

MARTINS DE BARROS, Enéas. **Nova Gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo : Atlas, 1985. 398 p.

MATTOSO CÂMARA JR., J.. **Princípios de linguística geral**. 4 ed. Rio de Janeiro : Livraria Acadêmica, 1964.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação**. São Paulo : Contexto, 2003. 200 p.

MÜLLER, Johannes. **Untersuchungen zur rhein-moselfränkischen Dialektgrenze**. Bonn : Ludwig Röhrscheid, 1931. 149 p.

OKSAAR, Els. **Mehrsprachigkeit, Sprachkontakt, Sprachkonflikt**. **Zeitschrift für Dialektologie**. Beiheft 32, 1980.

PEETZ, Anna. **Die Mundart von Beuren.** Phonetik und Morphologie. Stuttgart : Franz Steiner Verlag Wiesbaden GMBH, 1989. 258p.

PICHL, Klaus. **Morphosyntaktische Besonderheiten der deutschen Schriftsprache in Brasilien als Folge des deutsch-portugiesischen Sprachkontakts.** Tese de Doutorado. Augsburg, 1983.

PÜTZER, Manfred. **Die Mundart von Großrosseln: Phonetik und Morphologie.** Saarbrücken: Saarbrücker Druckerei und Verlag, 1989. 410 p.

REUTER, Elvira. **Die Mundart von Horath (Hunsrück): Phonetik und Morphologie.** Hamburg : Buske, 1989. 491 p.

SAMBAQUY-WALLNER, Virgínia. **Das Deutsche in Rio Grande do Sul.** Trabalho de Mestrado. München : Ludwig-Maximilians-Universität, 1995.

SANDMANN, Antônio José. **Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo.** Curitiba : Scientia et Labor/Ícone, 1989.

SANDMANN, Antônio José. **Morfologia lexical.** São Paulo : Contexto, 1992.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral.** 17 ed. São Paulo : Cultrix, 1993. 279 p.

SCHNEIDER, Franz. **Deutung des Namens Hunsrück.** Hunsrücker Kalender, Simmern, 1991.

SCHÜBEL, Georg. **Eine Studie über die Mundart von Idar.** Birkenfeld : Verein für Heimatkunde im Landeskreis Birkenfeld, 1961. 118p.

SIEMENS, João Udo. **Variedades lingüísticas entre os Menonitas de Curitiba.**

Dissertação de Mestrado. Curitiba : Pontifícia Universidade Católica, 1984. 183 p.

Sprachatlas von Niederbayern (SniB). Publicação eletrônica sem autor e data definidos. <http://www.phil.uni-passau.de/germanistik/sprachwis1/AtllInfo.htm>.

STAUB, Augustinus. **O empréstimo lingüístico: um estudo de caso.** Porto Alegre : Acadêmica, 1983.

TORNQUIST, Ingrid Margareta. „**Das hon ich von meiner Mama**“ - zu Sprache und ethischen Konzepten unter Deutschstämmigen in Rio Grande do Sul. Acta Universitatis Umensis, Umeå Studies in the Humanities. 137. Umeå : Umeå University, 1997.

ULRICH, Winfried. **Linguistische Grundbegriffe.** Wörterbuch. 3. ed. Kiel : Verlag Ferdinand Hirt, 1981.

VOGT, H. Language Contacts. In: **Word** 10, p. 365-74, 1954.

WAGNER, Anna. Die ersten katholischen Bewohner des hintern Teewald. In: **Der Familienfreund-Kalender**, 1928. p. 69-76.

WEINREICH, Uriel. **Sprachen in Kontakt.** München : Beck, 1976. 281 p.

Índice Remissivo

A

alemão-padrão X, 72, 73, 82, 88, 97, 98
Altenhofen 7, 11, 13, 28, 63, 87, 122, 123
Alto-alemão X

B

Baranow 7, 8, 37
Bloomfield 36
Boa Vista do Herval I, X, 15, 21, 22, 23, 24, 27
Boller 56
Bossmann 123
Brasil IV, 5, 6, 7, 8, 14, 21, 24, 42, 73, 101, 105,
121, 123, 135
Bunse 7, 9, 21
BVH X, 1, 2, 3, 4, 27, 32, 33, 35, 55, 61, 68, 70,
71, 93, 105, 112, 114

Ch

Chambers 7

C

Clyne 36
Cunha 91

D

Damke 14, 20, 21, 34, 35, 36, 37, 63, 84, 85,
88, 89, 90, 101

DBVH X, 5, 15, 25, 29, 32, 35, 38, 47, 53, 55,
59, 61, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77,
78, 79, 80, 83, 84, 86, 87, 88, 90, 91, 92, 96,
97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 105, 107, 108,
109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117,
120, 121, 123
decalque IV, 2, 9, 39, 41, 63, 99, 102, 113, 114,
115, 116, 117, 118, 121, 129
dialeto X, 1, 2, 3, 4, 6, 7, 10, 11, 12, 13, 14, 21,
22, 24, 25, 26, 28, 29, 38, 56, 59, 61, 71, 72,
73, 80, 83, 84, 115, 127
Dorian 11
Dubois 102, 103

E

Ehlich 56, 57

F

Fausel 6, 7, 9

G

Gal 12, 42, 43, 44, 46, 47, 55
Gärtner 91

H

Harder 56
Haugen 36
HIAT 2, 57, 126

Hochdeutsch X, 28, 32, 33, 66, 67, 69, 70, 73,
75, 76, 79, 80

Hunsrück I, IV, X, 1, 2, 3, 4, 10, 13, 14, 20, 21,
29, 30, 31, 32, 61, 71, 73, 80, 83, 84, 107,
115, 116, 128, 130

Hunsrückisch IV, V, 10, 13, 14, 29, 91, 101,
109, 113, 115, 116, 123, 124

I

interferência lexical 4, 7, 12, 59, 77, 116

interferência semântica 5, 6, 11

interferência sintática 98, 99

J

Juhász 38

K

Kahmann 11, 12, 35, 63, 66

Klar 61

Klassmann 7, 9

Knorst 21, 22, 23, 24

Koch 9, 10, 21

L

Lacmann 6

Lewandowski 39

M

Mackey 35, 37, 66

Mattoso Câmara Jr 36

Mollica 43, 45, 46

P

Peetz 80

Pichl 8

plural 5, 8, 63, 67, 69, 77, 80, 85, 86, 87, 88,
89, 90, 91, 93, 94, 95, 96, 121

Pützer 83

R

Rehbein 56

Rio Grande do Sul 1, 3, 6, 7, 9, 10, 12, 13, 14,
15, 20, 21, 22, 25, 26, 32, 63, 125, 127, 128,
130, 131

RS X, 4, 6, 7, 10, 11, 12, 13, 14, 21, 28, 29, 32,
61, 71, 82, 84, 87, 93, 106, 108, 120, 123

S

Sambaquy-Wallner 6, 12, 13, 30, 61, 63, 71, 72,
77, 84, 120, 121, 122

Santa Maria do Herval 1, 15, 22, 23, 32

São José do Herval 23

São Leopoldo 22

Speckhof VI, X, 15, 22, 25, 26

Sr. Costa 27

Staub 10, 11

substantivos 2, 5, 8, 52, 63, 66, 68, 69, 71, 77,
86, 89, 91, 92, 94, 96, 101, 102, 105, 108,
109, 120, 121

T

Taschow 36
Trudgill 7

V

variedade I, IV, 7, 10, 13, 14, 115, 120
Vogt 36

W

Weinreich 8, 35, 36, 38, 114
Willems 6

Anexos

Todos os materiais constantes dos anexos estão digitalizados e gravados no CDROM que acompanha este trabalho. Eles estão distribuídos da seguinte forma:

- **Transcrições do corpus:** no arquivo “transcricoes.pdf” no CDROM, total de 274 páginas.
- **Gravações digitalizadas em formato MP3 dos 36 entrevistados:** no diretório “gravacoes”, total de 13 horas 20 minutos e 52 segundos de gravações.
- **Questionários com perguntas-gatilho utilizadas nas entrevistas, frases de controle para serem ditas em DBVH e palavras de controle:** no arquivo “questionario.pdf” no CDROM, total de 4 páginas.
- **Levantamento Bibliográfico dos trabalhos feitos sobre as variedades do alemão no Brasil:** no arquivo “levantamento.pdf” no CDROM, total de 14 páginas.
- **Artigo publicado no jornal Zero Hora, de Porto Alegre, no dia 26.06.1989.** Nele um ex-prefeito, o Sr. Derly C. Bassegio, alheio à realidade do Município de Santa Maria do Herval, apesar de ser professor de línguas (português e inglês), afirma que pretende “coibir” o uso do *Hunsrück* nas escolas, dando orientação para que os alunos sejam ameaçados com castigos, caso não cumpram a determinação: no arquivo “proibido.jpg”, no diretório “imagens”.
- **Artigo “Die ersten katholischen Bewohner des hintern Teewald” de Anna Wagner, publicado em 1928 no „Der Familienfreund-Kalender“:** nos arquivos “dieersten01.jpg” a “dieersten12.jpg”, no diretório “imagens”.

- **Artigo sem título, em alemão, com letras góticas, de origem desconhecida, recebido em forma de cópia xérox de um morador de BVH, referente à inauguração da igreja da comunidade evangélica de BVH em 05.10.1924:** no arquivo “diversos01.jpg”, no diretório “imagens”.
- **Artigo “Interior e sua história” de origem desconhecida, recebido em forma de cópia xérox de um morador de BVH (provavelmente publicado no “Jornal Dois Irmãos”):** no arquivo “diversos02.jpg”, no diretório “imagens”.
- **Um dos vários artigos publicados no Jornal Dois Irmãos por Victor Schmitz sobre verbetes do Hunsrück, mostrando a “escrita livre adotada”. Este data de 26 de agosto de 1996 (página 2):** no arquivo “JDI.jpg”, no diretório “imagens”.
- **Cópias de alguns protocolos da Comunidade Evangélica de BVH datados de 1909 e 1910 relatando a criação da comunidade e a decisão de construir uma igreja:** nos arquivos “protokoll01.jpg” a “protokoll04.jpg”, no diretório “imagens”.